



*Inovação ancestral de*  
**MULHERES  
NEGRAS**

*Táticas e políticas  
do cotidiano*

*Organizado por  
Bianca Santana*

*Inovação ancestral de*

**MULHERES  
NEGRAS**

*- táticas e políticas do cotidiano -*

- **AUTORAS** -

Alessandra Ribeiro

Ariane Cor

Beth Beli

Bianca Santana (organizadora)

Carmen Faustino

Carolina Rocha Silva (Dandara Suburbana)

Cléo Dias

Dalva Regina Santos

Débora Marçal

Jackeline Romio

Lara Dee

Lívia Milena da Silva

Luana Bayô

Luana Vieira

Lucia Makena

Luciana Bento

Luciana Reis

Maitê Freitas

Maria de Jesus Santana

Marli de Fátima Aguiar

Miriam Nobre

Nega Duda

Sandra Silva

Silvana Bahia

Tula Pilar

Vanessa Nascimento

Winnie Bueno





*Inovação ancestral de*

# MULHERES NEGRAS

*- táticas e políticas do cotidiano -*

Organizado por  
Bianca Santana

São Paulo  
2019

*Editora*



*Apoio*



EMBAIXADA  
DA ÁUSTRIA  
BRASÍLIA



Você pode copiar, distribuir, transmitir e remixar este livro, ou parte dele, desde que cite a fonte.

Edição: Maitê Freitas

Preparação de texto: Patrícia Vaz

Revisão: Fernanda Sousa

Capa, projeto gráfico e diagramação: Ariane Cor

Contato: [oralituras@gmail.com](mailto:oralituras@gmail.com)

*Editora Oralituras*

**São Paulo**

**2019**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971**

I58 Inovação ancestral de mulheres negras : táticas e políticas do cotidiano / org. Bianca Santana. — São Paulo : Imantra Comunicação, 2019.  
186 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-80353-00-2

1. Mulheres negras - Biografia. 2. Mulheres negras - Identidade - Brasil. 3. Negras - Brasil - Atividades políticas. 4. Feminismo - Brasil. 5. Feministas negras - Brasil. I. Santana, Bianca. II. Título.

CDD 305.480981

A Polu, Maria, Honorata, Maria Thereza e todas as que vieram antes delas. As memórias de nossas ancestrais estão em nossos corpos e reverberam também nestas páginas.



## - AGRADECIMENTOS -

A cada uma das autoras, que topou abrir nosso tesouro coletivo ao contar as próprias memórias.

À editora Maitê Freitas, à artista Ariane Cor e a toda a equipe que trabalhou para que este livro fosse possível.

A Sueli Carneiro e Edson Cardoso, pela generosidade ao ensinar e apontar caminhos.

A Cidinha da Silva, inspiração e apoio constantes.

A Isabella Tomas, por confiar neste projeto.

A Manoela Miklos e Sérgio Fausto por serem ponte e diálogo, fazendo potência da diferença.

Às mulheres do bloco Ilu Obá de Min, pela força e pertença.

A Mariana Belmont, Vanessa Nascimento e Douglas Belchior, pela interlocução diária.

A Maria, minha mãe, e Sergio Amadeu, meu companheiro, por serem amor e arrimo.

A Lucas, Pedro, Cecília, Bruna, Camilo, Ilundy e Luyara, bem-querer e sementes de esperança.



## - PREFÁCIO -

### *Uma colcha de retalhos chamada ancestralidade*

*Cidinha da Silva*

Em seu trabalho como jornalista e escritora, Bianca Santana vem se empenhando (e se especializando) em promover espaços de expressão e escuta de vozes pouco notadas, por vezes muito silenciadas. Essa prática amplifica tecnologias criadas por mulheres anônimas e outras conhecidas para enfrentar e se sobrepôr ao racismo estrutural e cotidiano na busca de uma existência humana plena.

O substantivo inspiração é quase um mantra contemporâneo: busca-se a inspiração, valoriza-se o que ou quem inspira. Não é diferente neste *Inovação ancestral de mulheres negras: táticas e políticas do cotidiano*. Afinada por esse diapasão, a escrita de si se fortalece e inspira outras mulheres a se tornarem mais fortes pela valorização do que são.

Os 26 depoimentos deste *Inovação* apresentam diferentes mulheres, únicas e singulares, mas irmanadas às dores, superações e vitórias de tantas. Os textos se constituem como “histórias incompletas e partes de histórias que, desde antes do início, não tivemos acesso”, conforme pontuou umas das depoentes, Débora Marçal.

Neste livro, são generosamente reconhecidos os limites das mulheres que educaram as depoentes ou que não puderam fazê-lo. Histórias que, a princípio, eram lidas apenas na chave do abandono são ressignificadas no contexto maior de compreensão das opressões que pesam sobre todas as mulheres negras e dos reflexos disso na vida de quem é educada por essas mulheres.

Abusos sexuais e estupro, por sua vez, foram ficcionalizados em uma espécie de psicodrama, para que pudessem, enfim, ser

nominados. É mais uma tecnologia de sobrevivência de quem foi alvo desse tipo de agressão tão vil.

São também numerosos os relatos de vitórias, como o de Winnie, que aprendeu com a avó a “caminhar nos lugares onde dizem que não podemos caminhar”. Ela nos ensina também essa lição à medida que ouvimos todas as vozes deste *Inovação*.

A gente escolhe o que contar. A memória é uma ilha de edição, nos lembrava Wally Salomão e, nessa escolha, nos reinventamos, nos oferecemos melhores destinos, nos possibilitamos finais de histórias mais positivos e promissores.

Para finalizar e dar um toque pessoal a este prefácio, quero dizer que me emocionei muito ao ouvir de uma depoente a menção à certa professora, que foi minha aluna, como sua principal referência na formação da identidade negra.

Que este *Inovação* voe alto e leve suas histórias a quem precisa (e merece) lê-las e ouvi-las para aumentar o valor de sua própria existência.

## - SUMÁRIO -

- 11 **Prefácio**  
CIDINHA DA SILVA
- 17 **Apresentação**  
BIANCA SANTANA
- 21 **Alessandra Ribeiro em primeira pessoa**  
ALESSANDRA RIBEIRO
- 27 **Hospitalidade radical para futuros feministas**  
ARIANE COR
- 31 **Sobre mim e sobre nós!**  
BETH BELI
- 37 **Mulheres Negras sempre em roda - isso não é uma ficção!**  
CARMEN FAUSTINO
- 41 **Coisa de preto: ancestralidade, criatividade e magia**  
CAROLINA ROCHA SILVA (DANDARA SUBURBANA)
- 49 **Grão de Café**  
CLÉO DIAS
- 53 **Sol na casa oito**  
DALVA REGINA SANTOS
- 57 **Retalhos de Marias**  
DÉBORA MARÇAL
- 61 **Casa dos vultos**  
JACKELINE ROMIO
- 67 **Empreendedora Lara Dee**  
LARA DEE
- 75 **Travessias entre secas e girassóis**  
LÍVIA MILENA DA SILVA

- 85 **Mulher negra: uma vida entre o sonho e a realidade**  
LUANA BAYÔ
- 89 **Mulheres negras mantêm a fé, os saberes e os sabores de (re)existir**  
LUANA VIEIRA
- 95 **Resistência, luta e conquista**  
LUCIA MAKENA
- 101 **Mulher preta trabalha**  
LUCIANA BENTO
- 105 **Mulheres equilibristas: vivências e resistências**  
LUCIANA REIS
- 117 **Se o caminho é meu...**  
MAITÊ FREITAS
- 123 **Resistência**  
MARIA DE JESUS SANTANA
- 127 **Sementes espalhadas que florescem**  
MARLI DE FÁTIMA AGUIAR
- 139 **Costuras, comidas e coisas concretas da vida**  
MIRIAM NOBRE
- 145 **Não tem coisa boa se não lembra da ruim**  
NEGA DUDA
- 151 **Magia negra**  
SANDRA SILVA
- 157 **Poder ser, existir e escolher**  
SILVANA BAHIA
- 163 **Frango verde: alimentando-me do lixão**  
TULA PILAR
- 169 **Deixa eu *lutar*, “que é pro mundo ficar Odara”**  
VANESSA NASCIMENTO

- 173* **Uma avó e suas receitas para alimentar sobrevivências**  
WINNIE BUENO
- 181* **Sobre as autoras**



## - APRESENTAÇÃO -

*Bianca Santana*

As mulheres negras ocupam a base da pirâmide social brasileira: são as que recebem os menores salários, com cerca de 40% do que ganham os homens brancos (MTPS, IPEA, 2016)<sup>1</sup>; as mais vulneráveis ao desemprego, com 13,3% de mulheres negras desocupadas (IPEA, 2017)<sup>2</sup>; as mais expostas ao analfabetismo, com cerca de 10,2% das mulheres negras com mais de 15 anos de idade não alfabetizadas (IPEA, 2017)<sup>3</sup>; as maiores vítimas de homicídio, em que proporcionalmente são assassinadas 66,7% mais meninas e mulheres negras do que brancas no Brasil (ONU, 2015)<sup>4</sup>. No estado de São Paulo, o percentual de pessoas negras que moram nas chamadas habitações subnormais (favelas, cortiços, palafitas, loteamentos clandestinos e/ou irregulares) é de 60,66% (IBGE, 2010 apud OLIVEIRA; SOUZA, 2014)<sup>5</sup>.

Poderíamos seguir elencando dados que corroboram a narrativa da exclusão e da precariedade da vida das mulheres negras brasileiras. É importante a denúncia, mas questiono o quanto essa perspectiva não reitera olhares colonizadores, racistas e sexistas sobre quem somos. Em condições econômicas tão desfavoráveis, mulheres negras inventam soluções colaborativas para a manutenção de suas vidas e suas comunidades, compartilham os cuidados de crianças e idosos,

---

1 MTPS, IPEA. *Nota Técnica Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014*. Brasília, 2016.

2 IPEA. *Atlas da violência*. Brasília, 2017.

3 IPEA. *Atlas da violência*. Brasília, 2017.

4 ONU. Flacso. *Mapa da violência 2015: homicídios de mulheres no Brasil*. Brasília, 2015.

5 OLIVEIRA, Reinaldo José; SOUZA, Regina Marques. *Direito à moradia: reflexões sobre território e compromisso com o maior contingente populacional brasileiro*. Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas. Vitória da Conquista-BA, n. 17, p. 207-222, 2014.

além de compartilharem alimento e moradia entre núcleos familiares distintos. Nos quilombos, nas ações cotidianas de sabotagem e recusa, no candomblé, no samba, essas mulheres forjam soluções culturais para os problemas econômicos.

A partilha em comunidade, tão recorrente entre quem está à margem da estrutura econômica do capital, precisa ser constatada como tecnologia social potente, como possibilidade de futuro, não apenas como sintoma da exclusão. Precisamos mergulhar em nossas histórias para encontrar os tesouros que nos permitem estar vivas. Quem sabe, ao narrar tais tesouros, estejamos mais perto das chaves para um futuro igualitário e de justiça social, apesar da crise, do autoritarismo, do fascismo que, infelizmente, avançam no Brasil. Abdias do Nascimento nos lembra que a dominação portuguesa, assim como o Império e a República brasileiros, sempre foi um estado de terror organizado contra negros escravizados e seus descendentes libertos. Compreender a reunião fraterna e livre, a solidariedade, a convivência, a comunhão existencial entre pessoas negras, chamadas por ele de “quilombo”, é nossa tarefa.

A este respeito, Beatriz Nascimento escreveu:

O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser um guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias da destruição (NASCIMENTO, 2018, 7)<sup>6</sup>.

Neste livro, vinte e seis mulheres negras de diferentes faixas etárias, formações, experiências e condições socioeconômicas

---

6 NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidade nos dias de destruição*. Editora Filhos da África, 2018.

apresentam suas memórias e relatos de forma generosa. Cabe à leitora e ao leitor interpretar cada narrativa, buscando as lições teóricas e práticas para o futuro, mas também para o presente.

A intenção de fazer esse livro se manifestou nas oficinas de escrita que tenho oferecido para mulheres negras ao longo dos últimos anos. Em encontros gratuitos, as mulheres leem trechos da literatura de autoras como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva e Ana Maria Gonçalves, e depois são convidadas a escreverem seus próprios relatos. Na escrita memorialista dessas mulheres, pode-se perceber a ancestralidade, as táticas cotidianas de existência e as tecnologias sociais inovadoras que permitem a vida dessas mulheres e de suas famílias e comunidades.

Porém, como viabilizar o projeto? Em abril de 2018 fui procurada por Isabella Tomas, ministra-conselheira da Embaixada da Áustria no Brasil. Ela queria entender mais sobre o feminismo brasileiro e me procurou depois de assistir a um debate online sobre feminismo, do qual participei a convite de Manoela Miklos e Sérgio Fausto, no Instituto Fernando Henrique Cardoso. Sentamos no jardim da Casa das Rosas, na avenida Paulista, em São Paulo, e depois de uma boa conversa sobre os cenários do feminismo no Brasil e na Áustria, perguntei se ela tinha condições de financiar um livro escrito por mulheres negras. Pega de surpresa, lembrou de uma rubrica de suporte ao desenvolvimento e à inovação. Perfeito! Afinal, quem mais inova no Brasil? Saí de nosso encontro, esbocei a proposta e cerca de três meses depois recebo um e-mail de Isabella: “boas notícias de Viena”.

Mapeei mulheres negras que têm gerado transformações relevantes em seu entorno e cheguei a centenas de nomes em todo o país. No projeto, no entanto, cabiam apenas vinte e dois textos. Já fica aqui a dica de que podemos editar uma coleção, no mínimo, para registrar as vozes de mulheres negras do nosso tempo. Enviei e-mails de convites a cerca de 40 mulheres, com a seguinte proposta:

A ideia é que você escreva sobre você, sua história, sua ancestralidade, seus corres. Pode ser um caso específico, pontual, que seja marcante para você. Ou pode ser uma narrativa mais geral. Sabe aquela receita de família pra fazer a comida render? Aquele jeito da avó de preparar as ervas? Aquela ajuda financeira que sempre deu e sempre recebeu de quem está perto? Aquela vez que você achou que tudo iria dar errado, mas se conectou com a ancestralidade e fez o jogo virar? Aquela magia das pretas, de com pouco fazer muito? É isso :)

A esse convite simplório, recebemos os textos que vocês podem ler a seguir. Presentes de cada uma dessas mulheres a quem pegar este livro em mãos e a quem, no futuro, poderá se beneficiar das interpretações de tantos tesouros.

E a editora? Não seria esta uma boa oportunidade para tirar a Oralituras do papel? Perguntei a Maitê Freitas. Mesmo com os valores apertados, não é todo dia que iniciativas de mulheres negras podem receber recursos de uma cooperação internacional. Desenvolvimento e inovação passam, afinal, por edificarmos nossos meios de produção. E de um só projeto, dois belos nascimentos: esta publicação e uma editora formada por mulheres pretas.

Vida longa a nossos tesouros!

Boa leitura.

Axé.

## *Alessandra Ribeiro em primeira pessoa*

*Alessandra Ribeiro*

Falar e compartilhar fatos sobre mim mesma é sempre um grande desafio. Meu papel principal em existir enquanto mulher preta me traz sempre a alegria de poder afirmar que quem se identifica comigo reconhece minha garra, firmeza, ousadia e coragem de insistir mesmo quando tudo parece desabar. Eu tenho uma fé imensa, sou extremamente crente e essa fé me move. Tenho também medos, derramo lágrimas, sofro frustrações e equívocos, mas só admito equívocos. Equívocos repetidos se transformam em erros e erros repetidos são imperdoáveis. Penso que é um desperdício de aprendizagem plena se equivocar duas vezes.

Ao mesmo tempo que me olho e me enxergo, sei que a certeza de quem sou resulta de uma construção coletiva e ampla em referências de múltiplas escalas. Nasci em uma família de mulheres fortes, de homens discretos e realizadores, de crianças motivadas a buscarem seus sonhos e velhos “jovens de alma”, muito à frente de nossa compreensão do tempo e do corpo que os abriga.

Quando menina, fui criada pela minha vó. Como dizem, sou a “queridinha de vovó”. E que sorte a minha ter tido a vó Benedita, ou a vó Ditinha, carinhosamente chamada assim pelos netos e netas. Linda, brava, inteligente e de uma firmeza pontual espantosa, foi uma mulher que sempre soube para onde ir e o que buscar. Ela impressionava com sua generosidade e perspicácia. Quando ela queria algo, o universo também queria sempre. Movia o mundo a sua volta. Essa habilidade de mobilização certamente aprendi com ela, pois ela sempre soube nos mobilizar de maneira que parecia que o desejo dela era o nosso, antes de qualquer coisa. E quando fazemos coisas que são nossas, essas mesmas coisas se tornam parte da gente, se tornam nossas. Esta era minha avó. Se ela chorou e se decepcionou, nunca saberei dizer e,

mesmo tendo estado com ela até o final de sua passagem terrena, não me lembro de lágrimas, lamentações, mas de risos, festas, orações, resignação e muita fé.

Para depois e além dela, existem e existiram outras mulheres, como tia Lucília (tia Lu) e sua absoluta resolução em me forçar, sem imaginar nenhuma possibilidade contrária, a fazer e materializar o melhor: seja um copo, seja uma casa. Tia Lu sempre exigia que eu buscasse o melhor em mim. E como foi bom ter essas cobranças. Teve a querida Tia Jacira (tia Já): nossa, que beleza e formosura! Uma linda mulher de cabelo prateado. Ambas minhas tias avós. Tenho minha mãe e companheira – nossa, que teimosa que ela é!. E que teimosia boa, com uma boca abençoada e falante de coisas corretas o tempo todo. Às vezes irrita. Se ela falar pode esperar, pois é isso mesmo, querendo ou não. Desse modo, com essas mulheres – e falei apenas de poucas das dezenas delas que tive e tenho a oportunidade cotidiana de aprender –, por elas e sob as vistas delas, cresci, cresço e amadureço.

Perdi minha virgindade com um amor platônico. Sabe aquele amor de adolescente que temos que provar o amor? Então, assim provei o tal do amor e, após a prova, obviamente nunca mais o vi. Casei com uma pessoa pela qual me apaixonei avassaladoramente. Em três meses conheci, namorei, noivei e casei. Dessa paixão, após um ano e meio, nasceu o nosso fruto, criado por mim e por estas e por aquelas não citadas mulheres, muito presentes em minha vida. Minha filha é minha inspiração e força para sempre querer me reerguer dos tropeços, aprender com meus equívocos, renovar minha fé. É também por ela a minha obstinação em semear a esperança de que podemos tudo que quisermos. Acredito que tudo que desejamos, por mais ousado ou fora do contexto que aparentemente se mostre, pode se realizar, se for um desejo de coração, verdadeiro e, principalmente, for para o nosso próprio bem antes do bem externo ou do outro. Só podemos semear o bem, o amor, a amizade, o perdão se esses sentimentos estiverem primeiro vivos em nossos corações.

Após casada, ter filha e já ser iniciada na vida da espiritualidade kardecista, católica, umbandista e candomblecista (desde os sete anos de idade), cheguei no Jongo. Ou melhor, o Jongo chegou na minha vida e com ele um ancestral, um homem que desde então faz parte de minhas referências e de minhas escolhas nessa vida: Benedito Ribeiro, meu avô. Justamente o homem que eu nunca me conectei na vida terrena se tornou o homem que me conduz, que me guia e me auxilia em minhas escolhas cotidianas. Um homem generoso, sábio, leve e presente. Foi ele quem me levou a Tamandaré, aos braços afetuosos de todos dessa comunidade Jongueira. Foi ele quem me colocou nas mãos e sob a condução da generosa ancestral tia Mazé, que me ensinou a caminhar no jongo e, principalmente, a me fortalecer e a me proteger dos encantos dessa dança de preto velho mirongueiro, sábio, feiticeiro e astuto.

Dança mágica, que faz mágica, dança ancestral que nos levanta, mas que se abusar, se não souber caminhar, pode também derrubar. Dança, jongo, jogo de velho, que veio para que nós, jovens, possamos dar continuidade a essa tradição – e hoje patrimônio cultural imaterial brasileiro – e, especialmente, aprender na alma a força e a sabedoria de nossa ancestralidade e aprender a (re)existir com todos os percalços da vida e das diferenças que nós, com nossos corpos negros, ainda sofremos pelo nosso passado histórico, consequências da construção dessa nação. Jongo que veio para que pudéssemos aprender a ver além do hoje, sem ter a pressa de que chegue o amanhã e sem esquecer de viver o presente do momento presente, independentemente de ele aparentemente se impor feliz ou triste: esse sim é o maior desafio dessa lição.

Foi por meio do jongo que me tornei uma referência pública. Foi nele em que fui escolhida como liderança e mestre da comunidade. Foi no jongo que nasceram os primeiros passos de consciência de que eu devo fazer para além de mim e de meus desejos pessoais; foi e é no jongo que olho o mundo e tento contribuir com ele, para que este

melhore para todos. São nas rodas de jongo que a ancestralidade me prepara para defender, recuperar e dar novos sentidos diários à Casa de Cultura Fazenda Roseira como espaço de cultura, de reza, de jongo, de encontros entre diferentes e que me ensina a respeitar isso como uma oportunidade de aprendizado – um espaço, enfim, de patrimônio de referência para a nossa nação. Terra de preto... Terra de ancestrais de matriz africana e de muito amor compartilhado entre todos que naquele chão pisam, vivem e se inspiram. Como diz a música de Almir Guineto: “...dança do Caxambu: ‘Saravá, jongo, saravá...’”.

Nessa caminhada, me tornei doutora acadêmica. Entendi que essa ferramenta da ciência formal e nada inclusiva, a universidade, era e é fundamental para o projeto de semear esse futuro em igualdades.

E agora, nesse momento, realizo passos e planto sementes para as próximas gerações. A primeira, com a conclusão da tese, em que desenvolvi uma hipótese conceitual sobre a Matriz Africana e as nossas essências na ciência. É uma contribuição intelectual pautada por milhares de histórias vivenciadas, registradas e compartilhadas por nossos ancestrais pretos e também por brancos que pesquisam e estudam a nossa herança e passaram a se dedicar conosco na busca pela consolidação de um Brasil sem racismo. Um país com chances e oportunidades igualitárias independentemente de raça, gênero, classe social e outros elementos que compõem nossa diversidade humana e nossa sociedade.

A outra semente foi provocada pela ancestralidade e acolhida plenamente por mim e por todos que comigo atuam na realização desses vários projetos que as vivências nos trazem. Os incêndios provocados pela ausência de chuvas e por alguns irresponsáveis acabaram por queimar boa parte de nossos projetos de cosmovisão africana quilombola jogueira: dias de lágrimas e de renascimento. Os incêndios aconteceram no final de julho de 2018, na Casa de Cultura Fazenda Roseira, em Campinas, espaço de ocupação cultural iniciado em 2008 e formalizado por meio de uma permissão de uso para gestão

compartilhada entre a comunidade de jongo e a Secretaria de Cultura no ano de 2015, com o intuito de criar e implementar o Centro de Referência Comunidade Jongo Dito Ribeiro e assim salvaguardar todas as práticas vinculadas a esse patrimônio cultural imaterial brasileiro e também reconhecido desde 2013 no município.

Após esses incêndios, cercamos tudo novamente, pois a cerca havia sido roubada nos anos anteriores pela falta de apoio do poder público e pela ausência de implementação de segurança no local. Porém, com a mobilização e o apoio de vários setores da sociedade civil e parceiros do poder público envolvidos com a atual construção do Plano de Salvaguarda municipal, reiniciamos, através de um GT – grupo de trabalho da Salvaguarda da nossa comunidade de jongo –, o replantio de tudo que foi destruído e também nos reconectamos com os animais que nos auxiliam nessa sementeira. Houve o retorno do olhar para a terra, para o plantio sustentável e para os animais, além da seguridade da autonomia alimentar, tão discutida atualmente e que afeta as comunidades tradicionais. Mais um passo rumo ao futuro. Como cantamos no ponto de Jongo da Comunidade Jongo Dito Ribeiro: “Planta seu milho, colhe seu milho e faz seu pão. Está na ngoma... Está na ngoma da sua mão”. Da nossa mão.

Nesse breve texto, em que conto um pouco de mim e de minhas vivências, tenho a certeza de que quando desejamos de coração todo o universo se coloca a nosso favor. Não é fácil, mas vale a pena viver para realizar nossos planos, sonhos e desejos de um amanhã melhor do que o hoje.

E, para concluir, meu livro de travesseiro é o *Alquimista*, de Paulo Coelho. Afinal, sou eu, Alessandra Ribeiro, vivendo minha própria lenda pessoal.



## *Hospitalidade radical para futuros feministas*

*Ariane Cor*

Era novembro do ano de 2016, um delicioso dia de calor na Costa do Sauípe (litoral norte da Bahia). Foi meu primeiro fórum feminista internacional, a primeira vez que eu me via fazendo parte de algo muito grande, com mulheres de quase todos os lugares do mundo em conexão – muitas delas, brasileiras. Eu estava encantada, e a luz dourada da Bahia só deixava cada pessoa mais interessante. No ônibus, que levava as participantes do fórum a um prédio e outro, eu só tinha olhos para a beleza de uma garota nigeriana que estava no mesmo grupo de jovens feministas que eu. Porém, fui distraída do meu encantamento por uma conversa em inglês que ultrapassou os decibéis da serenata que eu estava tocando mentalmente: uma mulher brasileira se apresentava para uma feminista estrangeira que, por sua vez, se impressionava por estar conhecendo tal personalidade. E eu também.

Uau! Jurema Werneck!?! Pulei para o banco de trás abrindo os braços para um abraço sem antes pensar no que estava fazendo. Sorriso de orelha a orelha e o coração pulando por estar diante de uma das ativistas que mais me inspirou naquela época de tantas descobertas e de tanto trabalho. Jurema me abraçou e quis saber quem eu era e o que estava fazendo ali, muito atenta a cada detalhe do meu discurso empolgado e tagarela. Ela soube do *Minas Programam*, da primeira edição do curso de introdução à programação que organizamos em 2015 e que eu a seguia no Twitter. Ela me seguiu de volta.

Na plenária principal, Jurema Werneck discursou que estávamos vivendo uma experiência de hospitalidade radical no Fórum AWID (*Association for Women's Rights in Development*). Nós, as 1.815 participantes de 156 nações, de todos os continentes, estávamos pensando juntas futuros feministas, compartilhando conhecimento,

expondo nossas lutas, fortalecendo umas às outras em solidariedade. Nossos corpos foram transpassados pelos outros corpos e suas necessidades, nossas ideias se enredaram, nossas práticas cotidianas foram alteradas, nosso vocabulário se adaptou muitas vezes e nossa tecnologia evoluiu.

O desafio de aprendizado que carrego comigo a partir desse encontro com Jurema Werneck é a iniciativa de receber da outra para me entregar a fim de construir um discurso potente que não apenas rompa o silêncio, mas que também transforme os nossos saberes em linguagem e a linguagem em ação, como é proposto por Audre Lorde. O meu desafio com o *Minas Programam* agora é contar uma história das mulheres na tecnologia que tenha potência para ser transformada em experiência coletiva e ação política. Para alinhar a compreensão do que estou falando quando me refiro à tecnologia e mulheres em tecnologia, eu gosto muito da definição de tecnologia feita por Donna Haraway (1995)<sup>1</sup>, para ela: *tecnologia são habilidades, modos de vida, ordens sociais e práticas de visualização, ou seja, saberes localizados no espaço, no tempo e, principalmente, nos corpos.*

Desde que o curso *Minas Programam* foi criado, nosso discurso apresentou a importância de incluir mais garotas e mulheres na tecnologia, principalmente as garotas negras e periféricas, que são as que estão mais afastadas dessas áreas, o que as coloca em uma espiral multidimensional decrescente de desigualdades nas sociedades contemporâneas. As mulheres que estão mais ausentes dos espaços de trabalho, pesquisa e negócios em tecnologia não são uma fatia em um gráfico de pizza. Elas têm nome, cor de pele, moram em lugares específicos e, muitas vezes, realizam o trabalho de cuidado e o trabalho doméstico para que os outros integrantes de suas famílias possam trabalhar, tendo pouco tempo para os estudos em razão do lugar onde moram e da infraestrutura local.

---

1 HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, n. 5, 1995, p. 07-41.

Desde 2015 aprendemos que, para o discurso ser potente, ele precisa ser polivocal, porque somos muitas e temos muitas características particulares. Nem todas querem ser programadoras. Os nossos saberes e desejos vão além dos interesses do mercado; nós queremos construir alternativas de produção da vida.

Para um discurso potente, Lélia Gonzalez (1988)<sup>2</sup> propôs a categoria político-cultural amefricanidade, a fim de intervir e transformar a realidade a partir de sua compreensão. O conhecimento de si e do mundo é fundamental para a identificação dos semelhantes e para posicionamentos políticos por oposição. É importante que meninas e mulheres tenham o reconhecimento de sua história e das condições globais de opressão e desigualdade que as impactam em dimensões transversais para, assim, romperem o silêncio das opressões que as impedem de desenvolver seu potencial humano. Acredito que, a partir do surgimento histórico dessa mulher negra que tem seu olhar situado nas periferias e que compreende a linguagem de programação, é possível que novas visões de futuro sejam delineadas para toda a sociedade, porque a tecnologia desenvolvida por essa mulher importa para o desenvolvimento de ciências e tecnologias melhores para todos.

Em grupos, as minas do curso reconhecem a necessidade das práticas de cuidado, a variedade e a importância dos saberes individuais, a força da ação coletiva, a existência de corpos diversos, o impacto do território no seu desenvolvimento pessoal. Elas também desenvolvem muitas outras habilidades – além das previstas no *Minas Programam* – por meio das trocas e estímulos ao longo de todo o processo do curso. Além de todos os dados que sustentam o argumento dessa história, os muitos artigos, relatórios e departamentos de pesquisa pelo mundo que trabalham o tema, a experiência do legado compartilhado entre todas as envolvidas com o curso *Minas Programam* é muito importante

---

2 GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun., 1988b, p. 69-82.

para mim no meu processo de desenvolvimento pessoal como mulher, feminista e cidadã. Somos mulheres cuidando umas das outras, transmitindo saberes e experiências de fortalecimento para futuros feministas.

## *Sobre mim e sobre nós!*

*Beth Beli*

Nasci no bairro do Penteado, próximo à Brasilândia, na capital de São Paulo, bairro majoritariamente de pessoas pretas. Sou filha caçula de Hosana Ferreira Belisário, empregada doméstica, e Francisco Belisario, militar, com mais dois irmãos: Rosimeire Belisario e Francisco Carlos Belisario.

Tive uma infância rica no quesito brincadeiras, que eram todas de rua: empinar pipas, jogar bolinha de gude, andar no carrinho de rolimã, etc., brincadeiras ditas de meninos. Com 13 anos conheci Girlei Luiza Miranda, minha primeira professora e mestra de percussão, que frequentava minha casa e logo quis me ensinar tudo sobre tambores e percussão geral, pois dizia que eu levava jeito para isso.

Aos 19 anos iniciei minha vida profissional como percussionista, tocando com a Banda Lá em 1987, uma das primeiras bandas afro de São Paulo. Essa banda me deu base para meus conhecimentos sobre meus ancestrais, sobre defender os meus e sobre conhecer e reconhecer a história do meu povo preto. Participando ativamente como percussionista, tive as minhas primeiras referências de mulheres negras e conheci as histórias de rainhas, como Nzinga, Dandara, Akotirene, Luiza Mahin, Geledés, Audre Lorde, Raquel Trindade e tantas outras mulheres politicamente corretas e lutadoras.

Aos 25 anos, em 1993, fui convocada para reger o bloco afro-sampista Orishé – Ori Cabeça e Ashé – Força. Fiz parte desse grandioso bloco por sete anos. Depois da minha saída do Bloco Oriashé ganhei o mundo e entrei para uma Companhia de Teatro de Rua do Rio de Janeiro, com a qual viajei muito e conheci mais de 20 países, uma riqueza de experiência sem palavras. Infelizmente, não cheguei a ir à África – fui próximo, mas não pisei lá. Ainda irei pisar, isso é certo em minha vida!

Novamente, em 2004, sou chamada para retomar o trabalho percussivo e musical do bloco Afro Ilú Obá De Min, fundado oficialmente em 2005. Pensei durante dias, horas e minutos da minha vida sobre retornar ou não. Cheguei a uma definição: aceitei o desafio novamente, mas agora com dois pedidos a fazer. O primeiro era que o bloco fosse regido, pensado e organizado por mulheres; o segundo era que trabalhássemos para o orixá Xangô. Propus esse orixá porque já estava cansada de ver e viver tantas injustiças no mundo, principalmente com as mulheres negras.

A missão foi dada: trabalhar para Xangô e fundar o bloco Afro Ilú Obá De Min. Na sua fundação inicialmente tínhamos 12 mulheres, número do orixá Xangô: Elisabeth Belisário, Fabiane Reginaldo, Mazé Cintra, Adriana Aragão, Baby Amorim, Wanda Martins, Sosso Parma, Dulcinéia “Nega Duda”, Mafalda Pequenino, Girlei Miranda, Sandra Campos e Inaiá. Coincidência ou não, nos juntamos e realizamos uma chamada geral para a mulherada adentrar e construir o bloco que há 14 anos se enegrece e cresce com muita potência.

Houve uma saída do bloco Ilú Obá que só tendo a ancestralidade e orixá junto conosco que nós conseguimos realizar – em 2007, se não me falha a memória. Faltavam dois dias para a nossa saída e o prefeito na época nos comunicou que teríamos que pagar cinco mil reais para poder liberar a CET, o palco e as ruas onde iríamos realizar nosso cortejo – foi um desespero só. Porém, eis que, em minha casa matutando como conseguiria aquele valor, meu telefone tocou e recebi a proposta de Sonia Sobral, do Centro Cultural Itaú, para realizar um show na exposição de Pierre Fatumbi Verger e que a quantia paga pela apresentação seria o valor de cinco mil reais. Fiquei atônita com o preciso convite e muito feliz. Comentei com a minha parceira, madrinha e irmã Nega Duda, cuidadora dos cantos para os orixás no bloco. Ela me respondeu com aquele jeito bem baiana de ser: “Oxente, menina, você sabe qual é o orixá de Pierre Verger?”. Respondi: “Não!” Respondeu Nega Duda: “Ele é filho de Xangô”. Nesse dia tive a certeza

de que fiz a escolha certa em trabalhar para Xangô e juntar tantas mulheres, mais de 370.

Completando 14 anos em 7 de novembro de 2018, o Ilú Obá De Min: Educação, Cultura e Arte Negra reconstrói a história em nossos temas de carnaval na capital de São Paulo e tem sempre como protagonista a presença das mulheres negras na linha de frente do combate e também no recuo. Recontar as nossas próprias histórias por nós mesmos, mulheres negras, com toda nossa cosmovisão africana de olhar e agir nesse mundo, é a missão que foi dada a mim, filha de Odé, o orixá da caça familiar. *Ashé.*



# ***Mulheres Negras sempre em roda – isso não é uma ficção!***

***Carmen Faustino***

Olho o espelho e vejo um legado de saberes e narrativas marcados pela ancestralidade no meu corpo e traços. Carrego comigo o livro do mundo, histórias e valores meus e de mulheres iguais a mim, um grande e acolhedor espelho preenchido de amor, de coragem e da energia vital de minha mãe, avó, tias, irmãs, primas, comadres, amigas, parceiras e referências. O reflexo do meu espelho é a história de vida de mulheres negras ancestrais que, dotadas de sensível cosmovisão, sempre estiveram em movimento, semeando saberes, observando o tempo e regando as tradições de um povo, em um exercício de fé, evolução, resistência e sobrevivência. Mulheres que estão arando e fertilizando esse chão para que no futuro tempo do presente as vivências e trajetórias dos povos em diáspora tenham caminhos de mais afeto e prosperidade.

Escrever sobre mulheres negras e a sua capacidade de renascimento em meio às dificuldades e condições impostas me traz o olhar para o espelho e o exercício da leitura Sankofa<sup>3</sup>, em reconhecimento aos valores seculares que são cuidados por minhas ancestrais e fundamentais para minha trajetória e para o alcance dos meus sonhos. É reconhecer que não ando só e que existe uma energia negra feminina que direciona e fortalece meus passos, oferecendo fôlego e cura para a continuidade.

Já reconhecemos e compreendemos que as pluralidades que marcam a presença das mulheres negras carregam um legado infinito de passos vindos de longe e de aprendizados que fazem movimentar

---

9 Sankofa é um pássaro africano de duas cabeças que, segundo a filosofia do povo Akan, significa “nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás”. Retorno ao passado para ressignificar o presente.

o mundo e os lugares por onde passam. Os séculos de colonização não tiraram das mulheres negras a capacidade resiliente de mediar emoções, ressignificar afetos e reinventar valores em meio ao caos: das *abayomis* criadas nos tumbeiros para o acalento das crianças às estratégias abolicionistas, preenchidas de fé e luta pelas irmandades negras, as mulheres negras estão sempre organizadas, formando redes, acessando novos portais, descobrindo meios e encorajando outras mulheres para o poder da criação, inovação e reconstrução de suas vidas.

A poesia é meu transbordar do peito, é o que não cabe dentro de mim e direciona o caminho dos meus desejos. Meus textos e escritos nascem de um olhar tímido e de uma autoestima prejudicada, mas não menos inquieto e questionador, pois nascem da criança incompreendida que queria ser paqueta e, ao mesmo tempo, queria flutuar no *moonwalker*, da adolescente que percebeu que teria problemas por ser negra, quando ouvia os manos cantarem, há 20 anos, que a cada 4 horas um jovem negro morria violentamente em São Paulo. Introspectiva e de pouca iniciativa para a fala, criar histórias e sonhar o inalcançável eram refúgios para as angústias. Os momentos de calor e afeto aconteciam no quintal, onde sentia forte a presença ancestral das mulheres de minha linhagem, sempre ao som dos atabaques nos terreiros e do repique de mão nas festas e esquinas das periferias. A família preta, o axé e o samba sempre estiveram presentes nos encontros, os poucos livros também estavam lá, intocáveis na estante ou trancados nas bibliotecas – troféus fora do meu alcance.

As vozes femininas entoavam sambas que hoje são memórias afetivas da minha infância. As artistas do Samba são Deusas soberanas; os trechos de *A cor púrpura* ainda são lidos pela minha memória como se fosse a primeira vez, ainda na adolescência; as manas do Rap são Rainhas e não se omitiram ao enfrentamento; e minha mãe, avós e tias fizeram muito mais do que a Mulher Maravilha! Eu não teria outra sina se não a de ser uma Mulher Negra em movimento e com desejo de

transformação. Quando estou com minhas parceiras, trabalhando em livros, lendo poesias ou trocando vivências, encontro os espelhos de fé e resiliência em mim, evaporo minhas revoltas e renovo meu corpo dos cansaços do mundo. Encontrei uma poética para canalizar minhas cargas e refrescar o ódio, pois também preciso amar por completo e projetar horizontes menos dolorosos para minhas vivências.

A caminhada poética e das redes de produções literárias se fortalece desde meados de 2009, no bar e no encontro com outras mulheres negras iguais a mim, mães, filhas, estudantes, profissionais, amantes e amigas que enfrentavam o microfone do sarau e clamavam por respeito com seus incômodos textos e manifestos. Surgia, então, um forte movimento de mulheres negras escritoras nas periferias de São Paulo e eu tenho orgulho em olhar para esse espelho e reconhecer meu movimento junto a elas. Aquilombadas, nós frequentamos saraus, organizamos livros, criamos redes de poesia, arte e cura; nós rimos, choramos e desenvolvemos ações em parcerias. Acreditem, pequenas revoluções acontecem na zona sul de São Paulo!

Trocar forças e saberes com essas mulheres me projeta para a frente do meu espelho de cura, pois na poesia escrita, cantada ou falada, no passado e no futuro, sou reflexo das mulheres negras e carrego comigo um legado ancestral. Olho para trás e vejo o que tenho pela frente.

A produção negra feminina preenche vazios que, muitas vezes, eu nem consigo nomear. Eu leio mulheres negras e refaço minha conexão ancestral, renovo as possibilidades de reconhecer quem sou, projetar quem posso ser e esperar dias mais bonitos para mim e meus iguais. Carolina Maria de Jesus, Bell Hooks, Conceição Evaristo e tantas outras traduziram e ainda traduzem para o papel o que é ser mulher negra, e eu amo ler narrativas que parecem comigo!

A leitura e a escrita das mulheres potencializam a oralidade negra – que se emoldura em novos signos de pertencimento –, contemplam o lugar de fala e possibilitam traduzir para o papel o

que, por vezes, o discurso ou a emoção não dão conta de elaborar. Carregamos luta, mas também muito amor, sabedoria e subjetividade. Cada mulher negra sabe como e quando é a hora de ressignificar seu entorno e projetar novos horizontes e, mesmo com as fragilidades da autoestima e as demandas assumidas, não deixamos de olhar o todo e criar novas formas de existência. Mulheres negras sempre dão um jeito, sim, pois são sábias, ousadas e altruístas!

Com mulheres negras produzindo e semeando literaturas por aí, os silêncios são ecoados e ganham força quando soprados aos ouvidos e olhos das outras. As narrativas latentes no corpo negro feminino estão em constante transbordamento e não cabem mais na voz de outros nem nas histórias mal contadas. Eu me sinto acolhida com outras iguais a mim, pois me certifico de que as ideias e experiências podem até nos projetar a caminhos diferentes, mas não afetam nosso poder coletivo e articulado de trocar saberes, boa sorte, poesias e afeto. Eu aprendo sobre mim com mulheres de outras frentes e que vivenciam outras experiências.

O ato da leitura e escrita enquanto emancipação, poder e cura é um despertar em plena movimentação e luta, pois vivemos uma sociedade que nega os saberes e a intelectualidade ao povo negro e de forma ainda mais severa às mulheres negras. A crítica literária pouco qualifica nossa escrita e ainda buscamos o reconhecimento enquanto produtoras de intelectualidades, seja por meio de pesquisas acadêmicas ou por meio de produções artísticas. Narrativas tão plurais como as nossas não existem em uma só voz, em uma só história e tão pouco em um só papel.

Junto as minhas, enfrento corajosamente os momentos de baixa autoestima e insegurança introjados pelo racismo, escrevo e pratico o exercício diário de olhar meus espelhos, movimentar as palavras e deixá-las fora da gaveta. Não apenas os meus textos, mas também toda a produção intelectual negra feminina precisa girar em outros terreiros, ter registro físico e alcançar todas as pessoas. Minha mãe,

avós, tias e irmãs precisam ler mulheres negras; a vizinha, a amiga, a professora, a enfermeira podem ler mulheres negras; os doutores, os companheiros, os amantes, os universitários devem ler mulheres negras.

Os espelhos estão em roda. Contemplamos nosso poder e organizadas reescrevemos cada lauda da verdadeira história. É o livro do mundo que está aberto!



## ***Coisa de preto: ancestralidade, criatividade e magia***

***Carolina Rocha Silva (Dandara Suburbana)***

Meu nome é Carolina Rocha Silva – “Rocha” da minha mãe e “Silva” do meu pai. Hoje, os dois são meus ancestrais. Fiz questão de começar esse texto assim, porque durante muito tempo, e ainda hoje, usar o sobrenome “Silva” é muito custoso pra mim. Acolher a história do meu pai na minha vida só foi possível quando eu já era adolescente, mais precisamente, quando pisei pela primeira vez em um terreiro de candomblé. O “Fumaça”, apelido que ele recebeu ainda na infância, foi um vapor em minha vida, visível, principalmente em minha pele, porém pouco tangível, pois ausente nas principais fases de amadurecimento do meu corpo e da minha espiritualidade.

Minha mãe, Maria Eugenia, nunca falou mal do meu pai, mas eu sabia bem quantas lágrimas, suores e desesperos ele nos causou. Meus pais se separaram quando eu tinha 2 anos de idade, mas fiquei com marcantes lembranças dele na cabeça. Quando eu tinha por volta de cinco ou seis anos, eu e minha mãe passamos pela pior fase financeira da nossa vida. Ela desempregada, com mais de quarenta anos, dividindo-se em mil empregos informais, como vendedora de roupas, faxineira e atendente de bar. Morávamos na casa da minha avó materna, Gilda, que segurava as pontas como podia, mas não dava conta de tudo. A casa das três mulheres se esforçava para prover o necessário, o básico. Um dia, minha mãe me pegou pelo braço e fomos na feira de roupas e artesanatos que meu pai administrava para pedir ajuda. Lembro como se fosse hoje: minha mãe, em prantos, pediu a ele uma bolsa de compras e implorou por comida.

Eu erguia a cabeça, olhava para ele e me sentia tão pequenina; em contrapartida, descortinava-se na minha frente um homem enorme,

gigante. Para a menina Carolina, o “Fumaça” era o maior homem do mundo. Já adulta, verifiquei o equívoco, pois naquela época eu media 1 metro e 78 cm e descobri que ele tinha apenas 10 centímetros a mais do que eu. Fantasias de criança, minha vó diria. Voltando aos anos 90, eu admirava aquele homem enorme, mas ele sequer me via. A única coisa que disse a minha mãe foi: “você está nessa vida porque quer, Eugenia”. Esta foi a penitência imputada a minha família. O erro-crime da minha mãe? O divórcio, é claro! Alfredo – seu nome de batismo – nunca admitiu ser rejeitado, nem mesmo após minha mãe ter descoberto uma outra esposa e filha dele.

Mas qual Maria se dá por vencida? “Maria, Maria é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta. Uma mulher que merece viver e amar como outra qualquer do planeta...”. Minha mãe cantarolava a canção de Milton Nascimento enquanto fazia faxina. Cresci ouvindo Milton, Djavan, Chico Buarque, Chico César e Elis Regina, os discos dos anos 70 que ela tanto admirava, memórias de uma época de certa bonança. Ela sempre repetia “vão-se os anéis, ficam os dedos, minha filha”, lições aprendidas na sua trajetória de altos e baixos financeiros.

Quando minha mãe e meu pai se conheceram, na escola de samba União da Ilha do Governador, minha mãe estava fazendo as pazes com o dinheiro. Tinha um salão de beleza. Aqui cabe uma observação: ela era a mulher mais bonita do bairro – todos dizem isso até hoje. Bonita, loira e de olhos verdes, logo viraria o troféu do negão “malandro e sambista”. São muitas as contradições e jogos de poder que envolvem relacionamentos inter-raciais. Para minha família, meu pai era o típico vagabundo; para minha mãe, ele era o amor da sua vida. De fato, ele não era um vagabundo; pelo contrário, sempre trabalhou muito e conseguiu, com muito apoio e luta, se tornar um grande comerciante. “De menino de rua a empresário” parece manchete do programa Fantástico, mas é só a sua história de vida. Alguns diriam que sua história de superação é um exemplo perfeito da fortuita meritocracia, mas a real é que ele é a excepcionalidade da excepcionalidade.

Meus pais foram exímios comerciantes. Os dois eram muito trabalhadores. Minha mãe largou todas as suas ocupações para investir em um negócio em conjunto com ele. Tiveram prosperidade com um depósito de ovos, fornecendo-os para feirantes e lojas. Quando se separaram, depois de muitas traições e violências do meu pai, ele a deixou sem nada. Sem nada, não, pois ela tinha a mim e eu a ela. E sempre foi assim, nós duas no mundo e minha avó, que sempre nos apoiou. Minha vó nunca foi a favor do casamento da minha mãe. Os estereótipos racistas foram marcantes nesse processo, mas é inegável que grande parte da raiva que sobrou também tinha a ver com a alienação parental e o sofrimento da sua filha. Temas delicados, como todos os que são ligados à família.

Tristezas à parte, gostaria de relatar aqui um momento milagroso da nossa vida. Lembra quando minha mãe procurou meu pai e ele nos negou ajuda? Pois é, “o universo compensa, minha filha”, ela dizia. Alguns dias depois fomos ao mercado e naquele dia eu insistia para que comprássemos Danoninho. Fiquei apaixonada por uma boneca linda, pequenininha e de cabelo roxo, que estava naqueles mostruários rentes ao caixa de pagamento. Minha mãe ficou louca, gritou comigo, agressiva, que não tinha dinheiro, que não podia. Eu chorava, chorava. Ainda muito criança nem tinha a dimensão do que acontecia: “Sabe lá o que é não ter e ter que ter pra dar”. Outra poesia que marcou minha vida, dessa vez do Djavan. A música, para além do cigarro, sempre foi a válvula de escape da Maria. Nesse dia ela nem conseguiu comprar cigarro, restando-lhe catar as guimbas do chão – aqui eu parei de escrever e só voltei no dia seguinte, acho importante dizer.

Sáímos do supermercado e fomos andando para casa. Era perto, cerca de 500 metros de distância. No caminho, eu estava cabisbaixa, olhando para o chão. Foi aí que avistei um bolinho de dinheiro. Sim, dinheiro! Era uns seis reais embrulhadinhos. Gente, seis reais em 1993 e 1994 valia muito mais do que hoje em dia. A gente pulava de alegria, se abraçava, chorava, minha mãe cantava. Voltamos saltitando

ao mercado. Ela comprou iogurte, queijo, biscoito recheado, que eu amava, e adivinhem?! Eu ganhei a boneca! Cabia na palma da mão e era linda. Fui me desfazer dela já com 20 anos, quando estava na universidade. Este foi um dia que marcou para sempre a minha vida.

Diante dessas dificuldades financeiras eu coloquei na minha cabeça, ainda muito cedo, que precisava contribuir em casa. Imaginem vocês no que eu era boa? Em vender coisas, claro! “Um fruto não cai longe do pé”. Comecei a vender adesivos, figurinhas e tortinhas na escola, ainda no primário. Comprava os adesivos e figurinhas mais baratos e revendia. As tortinhas quem fazia era minha professora e eu vendia no recreio, ganhando uma porcentagem em cima. Depois comecei a vender também poesias. Anos mais tarde, descobri outro talento importante que herdei das minhas tias: dar aulas.

Comecei a escrever poesias com seis anos de idade, logo após ser alfabetizada. Escrevia em tudo: parede, papel toalha, guardanapo, lençol. Minha mãe ficava enfurecida, até o dia que teve a brilhante ideia de revestir as paredes do meu quarto com papel pardo. Eugenia sempre incentivou minha escrita, comprando cartolina, cadernos coloridos, diários com cheirinho e canetinhas. Depois, ela – que era datilógrafa de profissão – batia à máquina meus versos e grampeava com cartolina colorida livrinhos com minhas histórias. Eu vendia parte deles na escola – outros estão comigo até hoje. Escrever foi e sempre será minha grande válvula de escape. Eu externava no papel – e em outras superfícies diversas – minhas emoções, frustrações e alegrias. Escrevia muito sobre família, sobre a cor – preta – da minha pele e sobre todos os amigos “invisíveis” que eu tinha.

Durante o ensino fundamental e médio as pessoas me pagavam para escrever cartas. Isso te lembra um filme, né?! *Central do Brasil*. Quando assisti ao longa pela primeira vez só pensava nisso... Eu redigia, em papel colorido e bonito, cartas de amor para colegas, cartas de mãe para filhas, livros de receita e também passava a limpo trabalhos da escola. Minha letra sempre foi bonita, pois minha vó

me obrigou, quando criança, a fazer aqueles infernais cadernos de caligrafia. Era um pesadelo na época, mas hoje vejo que foi boa coisa. “É pro seu futuro, Carolina”, ela dizia. Gilda só estudou até o ensino fundamental, mas foi a mulher mais culta que conheci na minha infância. Ela lia de tudo, de bula de remédio a Jorge Amado, Machado de Assis, Lima Barreto e companhia. Jornais eram devorados por seus olhos vorazes todos os dias. Sabia de todas as notícias. Tinha uma biblioteca invejável, com exemplares adquiridos em promoções do jornaleiro. Guardava todos os selinhos para ter mais e mais livros. Os clássicos da literatura se amontoavam em nossas estantes: *O primo Basílio*, *A cartomante*, *O cortiço*, *Capitães da Areia*. Aquela época era assim: minha mãe com os discos, minha vó com os livros e eu com a escrita e os filmes. Eu era apaixonada por locadoras. Ainda antes de ganhar da minha tia um videocassete, eu passava horas em fileiras de filmes lendo as descrições da capa.

Escrevíamos bastante à mão, pois na época só tinha computador quem era rico. Minha distração era escrever cartas para minha mãe, a ponto de trocarmos confidências por papel que nunca foram verbalizadas. Em dezembro, minha avó comprava aquele pacote de cartões de natal no camelô e começava a nossa saga para escrever para amigos(as), parentes, prestadores(as) de serviços e políticos, todas e todos recebiam de presente uma cartinha. Só reduzi mesmo a escrita literária, afetiva e criativa quando cheguei no terceiro ano do ensino médio. O monstro do vestibular me imputava dedicação exclusiva. Foi mais ou menos nessa época que eu descobri o quanto a escrita acadêmica mina nossa capacidade inventiva.

Entreí na faculdade e, para custear passagem, alimentação e compra de livros, minha mãe começou a trabalhar em jornada dupla novamente. A essa altura, ela já trabalhava com meu pai. Sim, eles voltaram a se falar e a conviver, o que ocorreu quando eu tinha uns 10, 11 anos. Ela administrava para ele seus comércios. Jamais voltariam a ser um casal, mas foram grandes amigos até meu pai falecer em 2016.

De dia minha mãe trabalhava como secretária e à noite como atendente em um bar. Eu a ajudava no bar nos fins de semana e feriados e assim ganhava gorjetas para custear a passagem e as “xérox” de textos. Ah, essas “xérox” eram o pesadelo dos alunos na universidade. Entrei na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 2006 e, para driblar a falta de grana, minha turma de Serviço Social (curso noturno e, majoritariamente, cotista) fazia rodízio dos textos para ler e assim só precisávamos comprar uma cópia de cada. Também rolava rodízio de comida: cada dia um levava um lanche para ser partilhado. Vi colegas desmaiarem de fome nessa época, pois trabalhavam o dia todo e depois iam com fome para as aulas. Eis a manutenção no espaço acadêmico, o grande desafio das cotas. A universidade pública é cara, muito cara. Depois saí do Serviço Social e fui para a História, na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde a rede de ajuda mútua continuou para que sobrevivêssemos. Eu vendia livros usados para me manter.

Foi nessa época, com 17 anos, que eu conheci outro espaço educador, para além da família, da escola e dos movimentos sociais (sempre fui ligada ao grêmio do colégio e na época lutávamos pelo passe livre dos estudantes): o terreiro. Minha família por parte de mãe é católica, aquele tipo de católico que flerta com várias outras religiosidades. Meu pai sempre foi do candomblé, mas também transitava entre o catolicismo popular, o kardecismo, a umbanda e sabe-se lá Deus mais o que. Lembram que eu escrevia sobre meus “amigos invisíveis” na infância? Pois é, eles foram aumentando durante a adolescência, mas também ficaram maiores e mais assustadores. Foi aí que minha mãe “jogou a bola” para o meu pai e disse: “Fumaça, isso é departamento seu, herança sua, você já não criou a menina, então pelo menos isso você resolve”. Semi-resolveu. Consultei o meu primeiro oráculo e fiz meu primeiro jogo de búzios com a sua mãe de santo. Constatamos o que já sabíamos (as pessoas paravam na rua para me dizer): eu era mesmo filha de Xangô, assim como ele. Sabe o ditado “onde há fumaça, há fogo”? Pois é, o mais correto para minha vida seria

“onde há fogo, há Fumaça”. Foi o elemento fogo, o calor de Xangô, que me aproximou do meu pai. Quando eu descobri o meu orixá, eu passei a perdoá-lo. A cor preta de Xangô me aproximava do amor da minha cor preta, da cor preta do meu pai.

O candomblé me ensinou sobre amor, sobre fé e sobre a economia das alquimias. O terreiro é um espaço de acolhimento em que a cura, seja através da comida, das ervas ou dos rituais, se multiplica de forma incrível. Fora a quantidade de empregos que são gerados, os cargos religiosos também são a possibilidade de aprendizagem de ofícios. O Ogan, que toca o atabaque para os orixás, também oferece cursos de percussão para se sustentar, a Ekedí – mãe do orixá –, que cuida das roupas sagradas, é a mesma que também pode costurar para se manter. A Iyabassê, responsável pelo preparo dos alimentos, faz quentinhas para vender durante a semana. O filho de santo que aprende a fazer os ornamentos de decoração da casa e as ferramentas dos orixás pode trabalhar com artesanato fora dela, dentre tantos outros exemplos. Como professora, eu dava aulas de alfabetização dentro do terreiro e, como troca, uma das mães dos meninos que estudavam comigo criava e costurava as roupas do meu orixá, pois eu não tinha como pagar. Assim, toda uma rede de apoio e economia solidária é constituída dentro desse espaço e com a comunidade que existe a sua volta. Em tempos de criminalização do abate ritual religioso, é preciso lembrar que os animais sacralizados nos rituais são comidos pelas pessoas e alimentam famílias inteiras. É uma outra forma de constituir o sagrado e as relações, diferente da cultura branca e ocidental capitalista que nos cerca.

Quando já estava para me formar na universidade, entrei em uma grande crise existencial. Cercada por livros acadêmicos e escritas rígidas, com regras e formações precisas, eu tinha abandonado a válvula de escape da escrita criativa e literária. Trabalhava como bolsista de uma professora e também não vendia mais nada além do intelecto engessado. Ainda levou um tempo para eu entender o quão

importante seria esse reencontro comigo mesma através da escrita. Foi só após o mestrado que eu comecei a procurar oficinas de escrita para vencer o que chamei de “engasgamento poético”. Nesse momento, comecei a confeccionar quadros com letras de músicas e poesias, o primeiro pontapé inventivo de mudança. Criei uma marca chamada Casinhando e, por alguns anos, foi essa renda que me manteve após acabar minha bolsa de pesquisa. Já no doutorado, em 2015, eu conheci a escritora Bianca Santana, organizadora deste livro, e viajei logo depois para São Paulo, onde participaria de sua oficina de escrita criativa para mulheres.

Este foi um momento decisivo na minha vida. Na oficina eu voltei a escrever contos, crônicas, poemas e, mais do que isso, ganhei a amizade e o apoio da Bianca, que me incentivaria, mais tarde, a replicar no Rio de Janeiro minha própria oficina: uma grande roda de mulheres na qual a escrita é um instrumento de transformação, reflexão, autocuidado e cura. Criei uma página de poesias e contos no *Instagram*, intitulada Dandara Suburbana, para publicar meus escritos, além de abrir os baús de infância e começar a oferecer as oficinas, na minha própria casa, com o nome Oficina de Escrita para Mulheres. Hoje, para além de dar aulas e trabalhar com pesquisa, a oficina tem complementado minha renda nesses tempos difíceis de crise econômica. Quando as mulheres não podem pagar para realizá-la, nós fazemos trocas de serviços, que vão desde reparos em casa, até outras oficinas, aulas de inglês ou mesmo o cuidado com os cabelos. Assim, vamos nos apoiando, trocando, aprendendo e sobrevivendo. Somos muitas, múltiplas, diversas e criativas, e estamos, como disse a intelectual negra Angela Davis, movimentando as estruturas.

# *Grão de Café*

*Cléo Dias*

Sempre me achei um grão de areia em meio a esse universo que chega a me sufocar, mas ao iniciar esse texto me dei conta de que eu seria mesmo um grão de café. Nasci em Adamantina-SP, onde meus pais moravam em um sítio como meeiros: uma forma de exploração de pessoas que não tinham recursos nem um pedaço de terra para plantar e, por isso, trabalhavam para o fazendeiro quase de graça. Meu nascimento não foi nada fácil – o comum era ter os filhos com a ajuda das parteiras da região –, pois houve complicações no parto, a cidade era muito longe e não havia transporte, ou seja, tudo conspirava para uma cena trágica na qual eu e minha mãe não sobreviveríamos. Finalmente, conseguiram nos levar para a maternidade mais próxima, localizada em outra cidade, Adamantina, e lá nasci de parto com fórceps. Ufa, foi por um triz.

Após o resguardo, minha mãe já voltou a trabalhar em casa e na roça. Ela me levava junto, me deixava em baixo dos pés de café e o cuidado era meio que coletivo: entre uma rua de café e outra, alguém passava para dar uma olhadinha. A lida da roça era das cinco horas até o anoitecer.

Meus pais vieram para São Paulo e se estabeleceram em Mauá, na Grande São Paulo, quando eu tinha um ano de idade. A vida também não era nada fácil: meu pai trabalhava como ajudante geral e minha mãe como doméstica. Eu ficava em casa com apenas um ano, no berço com duas mamadeiras e um potinho com bolachas. Acreditem, é verdade! Quando adulta, encontrei uma vizinha e ela me confirmou, dizendo que minha mãe deixava uma fresta da janela aberta e pedia a ela que desse uma olhadinha para ver se estava tudo bem – não adiantava oferecer ajuda, pois minha mãe não aceitava. Contando

assim pode parecer cruel da parte de minha mãe, mas, acredite, em nossa família isso é a coisa mais normal do mundo. Crescemos independentes, determinadas e protagonistas de nossas vidas, sem nunca termos ouvido falar de feminismo ou coisa assim. Isso me faz pensar se algumas mulheres já nascem livres por natureza. Enfim, hoje sei que minha mãe e toda a sua trajetória de vida me fizeram ser assim; foi dela que herdei essa força motriz.

Crescemos eu e minhas irmãs, e assim éramos três já. Nossas supostas férias escolares passávamos no interior de São Paulo, onde nossos avós residiam, ainda nas condições de meeiros, e todos ajudavam os adultos na colheita de café. Saí do interior, mas o interior não sai de mim, pois é dele que tiro todas as minhas referências, a minha força, a minha resistência e aprendi a não desperdiçar, a compartilhar, a amar e a respeitar a terra.

Criatividade sempre permeou minha vida. Sempre gostei de escolher o modelo do meu vestido de Natal, por exemplo. Sim, tínhamos um vestido novo por ano. Eu mesma ia à costureira e era incisiva com meus modelos, sempre vestidos com bolsos e bem rodados, itens predominantes hoje em minhas criações. Eu me atrevia e usava escondida a máquina de costura de minha mãe enquanto ela estava fora, já fazendo algumas peças bem simples, sem noção de nada. Não é porque minha mãe tinha máquina que ela gostava de costurar, viu?! Ela detestava, mas toda mulher tinha uma máquina em casa para pequenos consertos de roupas da família.

Tínhamos, porém, que trabalhar e ajudar em casa. Eu trabalhei em várias empresas, como todos de minha época, e entrei na faculdade de moda do Serviço Nacional de Aprendizado Industrial (SENAI), mas não terminei o curso, pois não me conquistou e sem paixão não sei seguir em nada. Segui fazendo vários cursos, lendo e sempre atenta aos sinais e fiel ao meu talento criativo. Acredito que o universo nos presenteia com um talento e que somos cobrados sobre o que fazemos com esse presente. Para isso, temos que estar atentos aos sinais.

Após 20 anos trabalhando em uma empresa como gerente comercial, fui tomada por um desejo imenso de seguir o chamado do meu *Ifa* (destino) e eu simplesmente segui e ponto. Hoje, três anos à frente da marca Casa Cléo Ateliê, uso a moda como forma de expressão, potência e militância. Minhas criações partem sempre da premissa de entender a beleza de todos os corpos, trazendo sempre peças atemporais, versáteis e cheias de afeto. Há três anos sou figurinista da minha segunda família, o Ilú Obá de Min, usando a mesma premissa para confeccionar os figurinos. E assim continuo escrevendo minha história, fiel aos valores passados pelos meus pais, acreditando que a vaidade é a mãe de todos os pecados e que aprendo todos os dias com as pessoas que cruzam o meu caminho.

Sou mulher negra, periférica, empreendedora e minha eterna alma é milenar, habitando hoje um corpo de 53 anos que carrega a história de muitas vidas dentro de uma mesma vida. Não volto atrás nem para pegar impulso.



## *Sol na casa oito*

*Dalva Regina dos Santos*

10 de janeiro de 1983. Nasci. Eu, Dalva Regina Pereira Santos, mais uma mulher, brasileira, negra. Mais uma negrinha. Nasci prematura, com seis meses apenas, tempo curto o suficiente para que o diagnóstico fosse de um óbito também prematuro, mas a medicina formal entende pouco da vida e cá estou. Capricorniana, ascendente em gêmeos e sol na casa oito, o que, segundo a astrologia, me traz uma habilidade ímpar de superação de eventos profundos, drásticos. Vida-morte-vida. Uma capacidade fênix de renovação e renascimento seria o meu grande trunfo. Mas penso que não seria necessária tamanha aptidão astrológica; bastava-me ter nascido assim: uma mulher, brasileira, negra. Para nós, renascer dia após dia é um atributo forçado, adquirido desde o dia 1. Contudo, é preciso ter justeza e reconhecer que sou um ponto fora da curva. Sou a exceção, a cota antes mesmo que ela existisse, a única negra da turma. Estou em um lugar de privilégios. Tive uma excelente educação de base, fui aprovada em duas universidades públicas, conquistei um diploma de mestrado e sempre estive em cargos de destaque. Tal condição, apesar de ser muito relevante para a branquitude, não me faz exatamente melhor, mas é um lugar que parece cumprir a profecia astrológica, um lugar que me faz ser como um pêndulo que oscila entre a força e a solidão.

Na raiz, o privilégio real: uma penca de mulheres me precede e me sustenta. Leontina, Valdemira, Dalva, Maximiliana-Massu, nomes densos e únicos. Nomes de mulheres-fogo, mulheres-bruxas, mulheres-guerreiras que seguem comigo. As lembranças carrego como um amuleto: o cheiro do feijão, a dancinha matinal ao som de Zeca Pagodinho, os rolinhos de cabelo unidos pela touca, a sobrelanceira desenhada e a peruca loura. A boca como a minha, o brilho nos olhos e a capacidade de existir apesar de tudo.

Leontina, minha mãe, conheceu-me pouco. Acredito que o momento do meu parto tenha sido muito impactante para ela e não lhe foi mais possível maternar. Meu pai, outro guerreiro que fez o melhor para honrar essa dinastia feminina, pouco consegue me narrar os fatos daquele dia. A emoção sempre lhe toma e eu entendo que há histórias que não são apenas os fatos. Não importa, ela é minha mãe, pois a ausência também educa, também tem corpo.

Dalva, a avó materna, nascida no Rio de Janeiro, emprestou-me seu nome. Foi enfermeira, apostadora assídua do jogo do bicho, cuidou de filhos, netos, marido e doenças e, ano a ano, batalhou por melhores condições para a família. Até hoje recordo-me do apartamento conquistado. Dois quartos na região central do Rio de Janeiro, mesa posta, carne assada na panela de pressão e garrafa de vidro de “coca-cola” (sinal de tempos fartos). Valdemira (ou Vadú ou Voíca), minha avó paterna e minha grande mestra, teve oito filhos, perdeu dois deles. Nasceu em Amargosa, na Bahia, mas se mudou cedo para Salvador. Casou-se com meu avó ainda menina e foi enfermeira e assistente de parto. Sofreu agressão doméstica e, assim, como Dalva, conquistou na marra o melhor que pôde para os seus. Nos deixou uma família grande, honrada e forte. De todas, herdo a certeza de que estou amparada, a certeza de uma ancestralidade que vibra não apenas em mim, mas em várias, em todas as mulheres negras.

Minha história não é mais fantástica do que das demais, mas é uma história que, hoje, percebo dizer muito do Brasil. Fui criada por uma família branca, de migrantes italianos, classe média alta, servidora pública do Rio de Janeiro. Meu pai sempre foi extremamente presente, mas mesmo com todo afeto, referência, proteção ele não pôde conter a força invisível do embranquecimento. É incrível como a proposta de uma “vida melhor” ainda é um projeto velado de branquitude. Uma áurea difusa de uma pseudo aceitação que mina aos poucos a percepção que temos de nós mesmas. É como viver em cativeiro com a porta aberta. É como ser forçada a ter gratidão pelo algoz. Uma menina

liberta, mas que aprendeu a ser presa. E acho que é exatamente isso que fala muito do Brasil, um país subserviente, escravo de si mesmo. Mas de tudo isso surgiu algo outro, algo irreversível, pois a potência do (re)conhecimento diante de tantas como nós é inabalável, invencível. Revivo ao mirar-me em cada uma delas – mulheres negras. Não apenas naquelas que me antecederam, mas igualmente e em especial naquelas que caminham ao meu lado. Cíntias, Karinas, Blancas, Marinas, Bethes, Silvanas, Yasmins, uma soma de mulheres que já não apenas sobrevivem, mas que também bailam, criam, inventam, batucam e inovam um sentido de negritude transformador. Elas me inspiram e me fortalecem naquele fluxo de renascimentos insistentemente sentenciado pelos astros.

Em 2002 entrei na faculdade – Produção Cultural e Filosofia –, numa ousadia enorme de quem se previa uma grande pensadora e, ao mesmo tempo, pretendia atuar pela cultura do nosso país. Já nos primeiros semestres me vi empreendedora, abrindo em sociedade uma produtora cultural. Em pouco tempo expandi a perspectiva empresarial para o debate político e me vi gestora de projetos relevantes voltados à política pública de cultura.

2009 foi um ano marcante: mudei-me para São Paulo. Toda a densidade, diversidade e contradição daquela cidade me despedaçaram e me colaram de volta repetidas vezes. Desaparecer na multidão me fazia um pouco menos negra e foi me permitindo ser um pouco mais Dalva. A liberdade é mesmo algo que se ganha aos poucos, apesar de esta ser uma noção sempre questionável para quem é como eu. Em 2013, em Brasília, mais um teste de renascimento e transformação. Lá estava eu, a única negra da equipe, a única negra de um Ministério inteiro. O sentimento de solidão foi devastador, mas novamente algo de potente surgiu. Se eu me via sozinha, fazia questão de reafirmar esse lugar: turbantes, pautas pela diversidade, representatividade negra, povos de matriz africana, periferias, territórios. Arenas de pura disputa que eram travadas a cada e-mail, a cada bom dia. Na sequência, o mestrado,

a universidade pública, o conceito Capes 6 e a constante lembrança de que pessoas como eu fatalmente sentiram muita dificuldade “com a teoria”, mas a academia pouco sabe que a teoria deles bebe na nossa prática. Difícil mesmo não foram os textos, mas ter que me esquivar do preconceito e racismo que estruturalmente nos coloca em xeque a cada passo. Sou mestra. E com orgulho de ter levado para os anais da academia o debate sobre a inteligência periférica. Que é negra. É ancestral. É refinada e sagaz.

A cada nova fase, a cada nova casa, a cada cidade, a cada retomada algo a mais se solidifica dentro mim. E eu me permitia (me permito) ser somada a um pouco de cada mulher negra que estivesse (que esteja) ao meu lado na história. O jeito de trançar cabelos, as várias estampas, as manchas na pele, os tons de vermelho na boca, as argolas, o *glitter*, os apliques, a expressão exausta, o cheiro de cebola nas mãos, o sorriso luminoso, o nariz, o carão no *insta*, o textão no *face*, o tutorial no *Youtube*, o livro publicado, a tese defendida. Todas as facetas de uma negritude que se reconhece, se presentifica em seu corpo, memória e ação. E, se novamente eles, os astros me avisam, me permito então viver, morrer e renascer em cada uma dessas pretas para ser cada uma dessas pretas e, com isso, ser eu mesma: a menina liberta que será livre mesmo!

# *Retalhos de Marias*

*Débora Marçal*

Geladinho, Coxinha, Quibe, Risoles, Sorvete, Manicure & Pedicure, Costura, Cuidar de Criança, Passar Roupas, Bordado, Ponto Cruz, Crochê, Tricô, Lavar Roupa pra Fora, Cuidar de Crianças, Geladinho, Bolo de Casamento, Batata Bolinha em Conserva para Casamento, Salgadinhos para Festas, Pedicure & Manicure, Bordado, Manicure, Curau. Antes de me tornar uma mulher adulta, eu não sabia que tinha herdado de minha mãe a coragem de fazer tudo que viesse em minha cabeça, tudo que a vontade ditasse e a criatividade permitisse, com coragem para ir aonde meu desejo me levasse. Ela sabe fazer isso como ninguém; ela é, sem dúvida, a mulher mais corajosa e inteligente que eu conheço e talvez seja para driblar a dor das ausências que, por algum motivo, escolheu carregar.

Sou Débora Marçal, neta de Efigênia Marçal e Paterniana Maria, filha de Marinalva, irmã de Mônica e Sandra, tia de Elis e Gabriela, todas nós, Marias. Nossa herança comum? Marinalva. Este é meu tesouro genealógico ancestral: as que vieram antes de mim, as que chegaram junto comigo e as que vieram depois. É, também, tudo que eu sei. Como sobreviver à própria história ou à falta dela? Como montar o quebra-cabeça de sua linhagem? Como juntar os pedaços da ancestralidade? Como viver com uma lacuna? Como compreender um buraco que dói tanto, mesmo estando no peito da minha mãe?

À nós, mulheres negras, dessa e de outras famílias de milhares de Marinalvas vindas, ainda meninas, trabalhar na cidade grande, resta o desafio de reconstruir nossas histórias a partir de milagres e migalhas de memória de nossas mais velhas, nossas tatas, nossas bisas, nossas avós e nossas mães. A minha mãe é a minha mais velha. Ela ficou com a função de apresentar a mim e as minhas irmãs às outras Marias de nossa família, que são 9 mulheres: uma mãe, uma avó

e seis tias, cujos nomes ela parece já nem lembrar mais de todos. Nem sempre lembra de histórias engraçadas, de brincadeiras de infância, de ensinamentos de suas mães velhas. Ela pode não saber contar como aprendeu ou esqueceu, mas de alguma forma traz na mente algumas memórias e a dor dessa ausência consigo.

A ela ficou a incumbência de escolher pela vida, de seguir sem minha avó, sem minha bisavó – que eu nem sei se ela conheceu –, sem tia Francisca, tia Clarice, tia Maria Eunice, tia Maria da Glória. Ela mesma, minha mãe, fugiu da seca, da pobreza, da má sorte de um casamento precoce, fugiu da triste chance de ser trocada por uma cabra ou vendida para um marinho. Ela definiu seu destino, a sua sorte e a nossa ancestralidade aos 17 anos, quando veio embora para São Paulo.

Somos uma linhagem de Marias, de mulheres negras comuns, criadas na periferia da zona sul de São Paulo. Eu, Mônica e Sandra, filhas de pais diferentes, somos diferentes fisicamente, mas com muitas coisas parecidas. Carregamos os mesmos ensinamentos, alguns repetidos religiosamente toda vez que saíamos de casa: “cuidado na rua”, “não beba bebida no copo de ninguém”, “nunca sustente outra pessoa, todo mundo precisa se sustentar”, “se algum dia um homem te bater e você não fizer nada, ele vai te bater sempre”. Não importa nossa crença, se somos feministas ou evangélicas, esses ensinamentos estão sempre conosco.

Somos três filhas: uma sarará, uma índia e uma pretinha retinta, cada uma com uma cara diferente. A Mônica parece com o pai dela, a Sandra parece com a nossa mãe e eu sou a cara do meu pai. À primeira vista, seríamos uma típica família mosaico brasileira; porém, em uma visão cosmogônica africana, carregamos a máxima de que as crias são de quem as cria. Meu pai, nosso pai Manoel – tio Léó, para os íntimos –, além de nunca fugir da raia, sempre foi um bom homem, honesto, muito trabalhador, companheiro e carinhosamente silencioso. Meu pai é meu herói. Quando chegava de fogo ou mesmo quando chegava sóbrio, ele cantava para mim, me trazia doces e brinquedos e, muitas

vezes, conseguia me livrar de algumas surras da Dona Marinalva. Ele quem me ensinou a fartura e o poder da palavra empunhada. É muito sábio e entendeu, assim como a gente, que quem comanda a família é minha mãe.

Dona Marinalva, minha mãe, está bem viva e a herança está sendo construída e passada para as filhas e netas, dia a dia pelo sopro que tece a oralidade. Herdamos tantas coisas que não conseguimos contar com os dedos, mas contamos com cada pequena conquista, com o levantar das quedas, com cada gole de coragem que bebemos de nossas próprias bocas e línguas afiadas e alimentadas por ela. Temos tantos valores que, quando aparecem os desafios, consultamos a nós mesmas e sabemos o que fazer, como resolver, para onde ir. Sei como me portar, o que não comer, o que não beber, como manter-me de pé. Eu sei, pois ela mostrou vivendo e eu entendi.

Da minha avó baiana, Índia Paterniana, eu nunca vi um fio de cabelo, não sei a cor dos seus olhos, não sei como são seus dentes, seu sorriso e nem como ela fala. Não sei se está nesse ou noutro plano e às vezes penso nos meus traços e nos traços que minha mãe conta que ela tem, ou tinha, quem sabe? A pele preta avermelhada, as minhas sobranceiras ralas, os pelos fininhos nos braços, os olhos pequenos são marcas delas. Fico tentando me imaginar ao lado dela, nos poucos cenários que minha mãe conseguiu descrever com muito esforço, mas sem perceber: colhendo alguma coisa no quintal, indo lavar roupa no riacho ou pegando água na bica.

Dessa história fica sempre a pergunta: como será que estão as que ficaram lá? Será que estão bem? Estão vivas? E nós, do lado de cá? Como seguir com essa lacuna no peito de minha mãe que dilacera todas nós? Certeza mesmo eu tenho que carrego comigo a sensação de minha avó aqui. A mesma garra que meu Orixá caçador desperta quando vem em terra eu sinto quando evoco em pensamento minha avó Paterniana.

Com minha avó Ginica, a mineira Efigênia Marçal, convivi

pouco, o que é uma pena, porque é a única avó que eu conheci. Por esse motivo, quando resolvi me tornar a artista que sou hoje, escolhi carregar seu sobrenome, Marçal. Quando ela partiu eu havia acabado de sair da infância e seu enterro é o único da minha família que eu me lembro – naquele dia eu pedi que ninguém mais fosse embora. Minha avó Efigênia tinha cheiro de bolo de fubá com erva doce e com café; este era também o gosto da casa dela. Lá no fundo do quintal havia uma horta onde eu e meus primos brincávamos, onde beijávamos na boca e aprontávamos bastante. Ela nunca brigou, não gritava, não batia, fazia direitinho o papel de avó, e a gente de criança-neta. Ninguém deveria perder a única avó que conheceu. Faltou perguntar tantas coisas para ela, faltou falar tantas coisas...

Somos histórias incompletas e parte de histórias que, desde antes do início, não tivemos acesso. Parece que a mentira que nos foi contada sobre um navio que pariu um continente se recria todos os dias nas travessias pelo Brasil em busca de vida e sorte. Carrego essas mulheres e sou carregada por elas, fragmentos que vou colhendo entre uma memória e outra, tentando construir a minha própria história, tentando descobrir o que mais em mim se parece com elas.

Recortar e colar em nós os pedaços dessas mulheres têm sido uma reação imprescindível para a nossa continuidade, para essa colcha de retalhos chamada ancestralidade.

## *Casa dos vultos*

*Jackeline Romio*

Aos 11 anos e meio de idade a gente não sabe muito bem o porquê, mas algumas experiências com o oculto, o misterioso, o invisível, fazem parte da nossa vida de maneira muito intensa. Já não era a primeira vez que fizera contato com o oculto, pois desde pequena eu via vultos e ouvia vozes. Minha vó sempre me alertava para não responder as vozes, virar para parede e rezar para afastar os vultos de perto de mim. Na maioria das vezes essa estratégia funcionava – era assim também com os pesadelos, que me perseguem até hoje. Uma criança de 6 anos já vê vultos e já tem pesadelos e a coisa vai se intensificando durante o nosso entendimento do mundo.

A fascinação pelo oculto ficava ali escondida, no mesmo lugar em que guardava a vontade de folhear o livro proibido de capa preta, a vontade de ver capas de revistas pornográficas que, vira e mexe, achava escondidas debaixo de colchões e no alto da estante que, durante as minhas arrumações de casa, eu insistia em limpar. Um cheiro peculiar subia toda vez que abria essas revistas, um cheiro produzido pelas mãos mal lavadas de adultos obtusos. As páginas coladas, motivo de piadas; as figuras macabras, motivo de medo. Eu rezava e pedia aos céus para me perdoarem por gostar tanto de ver aquelas coisas, mas às vezes o pessoal do céu tem outros afazeres e manda vultos e vozes para a gente lembrar que não deveria mexer onde não deve e ver o que foi falado que não era para ver. A teimosia era minha marca principal.

Eu já havia visto o coisa ruim algumas vezes e da boca dele só saía palavrões. Ele tinha uma fome de leão, era capaz de comer uma panela de arroz sozinho, sem pensar que as crianças iriam precisar se alimentar no outro dia. Eu tinha raiva dele e queria que ele fosse embora e deixasse as crianças em paz. Às vezes eu escondia todas as facas da casa para evitar que elas caíssem no chão, um aviso de briga

e de que o coisa ruim poderia aparecer a qualquer momento. Parecia que ele evocava os vultos para me pegar, porque eu queria que a gente fosse normal.

Minha família era bastante empobrecida e morávamos todos - meus 3 irmãos mais novos, minha mãe e o coisa ruim - em uma casinha de quarto e cozinha, com o banheiro para fora da casa. Eu morria de medo de ir ao banheiro durante à noite, porque muitos barulhos e coisas aconteciam naquele quintal. No quarto, dormíamos de dois em dois em posição de valete, as meninas em cima e os meninos em baixo na beliche, porque eles ainda faziam xixi na cama e dava um trabalho danado para gente ter que colocar direto os cobertores para secar no sol - o cobertor só não, os colchões também. Eu tinha vontade de obrigá-los a usarem fraldas, mas dava para entender o medo que eles também tinham de ir ao banheiro do quintal. Era assustador. Acho que eles também viam os vultos que espreitavam por ali, esgueirando-se nos muros, escorregando nas sombras, desaparecendo nos vãos.

No quintal, mais casas. Na casa da frente viviam a minha vó e a tia, e do lado havia um outro quintal, com mais não sei quantas casas. O muro baixo deixava topos de cabeça aparecerem e, não raras vezes, as crianças de um quintal jogavam coisas no quintal do outro e isso gerava muita confusão. Piores eram os buracos no bloco de concreto que viravam um binóculo indiscreto. A menina em puberdade é um alvo na mira das raposas.

Na frente do outro quintal tinha um bar e um sobrado de raposas. Sobrado é uma coisa engraçada, especialmente quando ele se situa na frente de um quintal de várias casas. Parece que eles foram construídos para bisbilhotar a vida alheia, existindo olhos esbugalhados que habitam o vão entre a janela e o atrás da cortina nesses sobrados. A espionagem é constante. Como era engraçado vê-los me espionar! Isso me incomodava e eu não poderia fazer nada, porque as raposas são proprietárias, tem casas para alugar e ganham certos privilégios por isso, como espionar as meninas. Ficava perplexa

com a curiosidade, que me dava vontade de gritar:

- Ei, eu estou te vendo aí, seu pilantra. Vou contar tudo para dona fulana! Ela não vai gostar!

Mas também não era só o pilantra que olhava o nosso dia-a-dia, pois tinha o galã e a própria dona fulana, que tinha uma boca imensa e adorava falar dos ocorridos do quintal. Vez ou outra eu soltava um arrote estrondoso só para ver ela se chocar e deixar de olhar para nossa casa. Às vezes adiantava, outras vezes não, porque a dona fulana comentava com as vizinhas sobre a má educação das crianças do quintal e isso se convertia em surra para mim. Sim, ninguém mandou ser a mais velha e dar mau exemplo para os menores. Isso dava mais raiva ainda da dona fulana e, por isso, eu ficava feliz quando o galã era pego fazendo coisas erradas, como roubar o caixa do bar do próprio pai para gastar com maconha. O pessoal do quintal do lado logo vinha comentar:

- Gente, vocês viram o galã? Nossa, foi e pegou o dinheiro do bar para comprar maconha. Que desgosto que ele está dando para a dona fulana...

- Olha só, quem diria. Ele é riquinho, ninguém imaginaria isso dele...

Nessa época, as vozes me atormentavam muito. Elas se faziam passar por pessoas amadas. Às vezes era a voz da tia, às vezes da mãe, dos irmãos. Eu, distraída, respondia, e quando virava o rosto para procurar de onde vinha a voz, nada via. Um calafrio imenso corria pelo meu corpo e eu ficava pensando “caramba, onde veio essa voz?”. Saía correndo pelas escadas à procura dos meus irmãos e tinha muito medo de alguma coisa tê-los pego. Entrava em casa e todos estavam assistindo TV, ufa! Eles eram muito pequenos. Na frente da casa passava uma rua perigosa e o matagal da frente também me assustava – não tanto quanto o moço da ponte –, fora o risco de um carro cair lá do céu e acertar um de nós. Lá em cima de tudo tinha uma estrada e não foi uma vez que um carro caiu do céu lá em baixo no matagal ou no

campinho. Em dia acinzentado, vi um homem cair, morto, do céu na frente da nossa casa. Achei que ele havia sido atropelado, mas ele tinha sido baleado mesmo. Minha vó punha todo mundo para dentro para a gente não registrar aquelas cenas de horror.

Quando caía a noite ela trazia consigo o mistério. Pessoas invisíveis subiam e desciam as escadas do quintal e às vezes se escutava um assovio de arrepiar os pelos do corpo. Quando um ou mais cachorros invocavam de uivar, um frio gelava o meu corpo e o pressentimento de que algo ruim iria acontecer dominava minha mente por entre as frestas das tábuas que colocávamos na janelas e fendas da porta. Tomava coragem e ia ver se aqueles animais estavam ali mesmo ou se eram frutos da nossa imaginação. Vez ou outra se escutava correntes arrastando no quintal e atravessar da nossa casa até a casa da vó para falar com ela era um desafio mortal. Eu me recusava e ficava trancada com meus irmãos em casa, com as cabeças cobertas por edredons. A gente logo aumentava o volume da televisão para ver se conseguia dormir.

As vozes também murmuravam coisas que não dava para entender. Tinha medo delas entrarem para pegar a mim e aos meus irmãos. Muitas vezes, eu, tomada de uma coragem instantânea, gritava: “Quem está aí?”. Para meu desespero, a voz respondia e eu sabia que era o coisa ruim que tinha chegado. Me voltava a orações mentais, pedindo para que ele voltasse para o bar, de onde nunca deveria ter saído. Graças ao pessoal do céu, minha mãe chegava, o que era triste e feliz ao mesmo tempo, porque o coisa ruim falava coisas horríveis e a violência comia solta. Eu me armava de rodos e panelas e todas as vezes que me era possível acertava a cabeça dele. Raras vezes ele trazia um doce ou desmaiava bêbado, favorecendo o saque. No outro dia teríamos dinheiro para a mistura.

A janelinha da dona fulana e as cabecinhas do quintal subiam e desciam para curiar a desgraça alheia. Minha vó subia correndo, já debilitada, para apartar as brigas. Eu queria sumir. Em *flashes*, pensava

que um dia não passaria por mais nada daquilo e que nós teríamos uma casa só para as crianças, as vovós e as mães. Evocava o pessoal do céu para ajudar a acalmar a briga. As brigas me enlouqueciam, as crianças choravam muito... Eu tentava acalmar, eu dava água com açúcar para elas e tomava também. Minha mãe ficava arrasada porque ela trabalhava muito e ainda tinha que aguentar o coisa ruim fazer tudo aquilo com ela e com a gente. Eu não via a hora de trabalhar e conseguir mudar tudo aquilo.

A briga acaba, mas a mágoa fica. Quando a gente fica triste as coisas pegam a gente muito mais fácil. O desgosto faz as mulheres idosas beberem, as mães não quererem voltar para casa, e os “coisa ruim”, junto com as raposas e os obtusos, aproveitam, não menos do que o galã, para roubar a alma das meninas. Os vultos e as vozes vão pouco a pouco entrando pelas frestas das portas e janelas, se derretem no chão, entrando derramadamente por debaixo da porta, grudam na parede e pouco a pouco vão adentrando o nosso quarto – uma sensação de morte desperta a menina bruscamente. Com a cabeça coberta, mas prevendo o pior, ela tenta enfrentar o medo e encarar o vulto frente a frente. Num misto de ousadia e desespero, ela descobre a cabeça e vê um vulto se aproximando com a cabeça coberta com o vestido dela, que ela havia passado para ir à escola no dia seguinte. O terror toma conta do coração, a figura aparenta ter uns dois metros de altura, o coração dispara e congela a voz e o movimento daquele corpo. A cada passo um som ofegante e rouco e um cheiro de mundo invade seu olfato e em mais alguns passos ela sente que irá morrer. Os braços não funcionam, a voz não sai e as lágrimas correm molhando o travesseiro feito de roupas enroladas. Ela está cara a cara com o vulto e nada vê com suas vistas marejadas de lágrimas. A raiva transmuda no xadrez do seu vestido, a mão do vulto puxa a blusa da menina e começa a acariciar seus pequenos seios, correndo por todo o corpo e, nesse momento, acontece o apagão.

Na manhã seguinte o vestido está estendido no chão. A luz do sol

entra pelas mesmas frestas dos vultos e tudo parece voltar ao normal. A dor no corpo, os olhos inchados, a garganta inflamada e nenhuma vontade de usar aquele vestido. A vó grita lá embaixo:

- Corre, menina, você vai perder o horário da sua aula. Você gosta tanto de estudar, levanta, vamos à luta!

Eu corria. Ir para a escola era um momento que eu tinha para mim.

## *Empreendedora Lara Dee*

### *Lara Dee*

Meu nome é Lara Dee, tenho 63 anos e nasci em Itabuna (Bahia). Sou uma pessoa apaixonada por disseminar conhecimentos sobre empreender, seja no campo social ou no campo dos negócios, inspirando pessoas e proporcionando ações multiplicadoras. Desde muito cedo descobri que tenho um espírito empreendedor, porque trago em mim a inquietação de quem não se conforma com a situação e vai à luta em busca de mudança, buscando sempre estar atenta às oportunidades ocultas, instigada a criar novas ideias e realizá-las, fazendo isso com paixão, dedicação e persistência. Na minha história de vida há muitos casos verdadeiros de superação de desafios para contar.

Sou uma mulher negra que decidiu passar por cima de toda violência e preconceito, enfrentando o racismo e o machismo que tornam nossos caminhos mais longos e mais difíceis. É que eu tenho uma força que não sei de onde vem e me faz acreditar nos meus sonhos para realizá-los. Então, quando comecei a empreender eu nem sabia o que era isso, pois ser um empreendedor é você ser antes de tudo um sonhador.

Muito cedo decidi que queria fazer do meu jeito a minha vida: abrindo espaços, resistindo e seguindo em frente, sem me prender às dificuldades. Esta é a força da ancestralidade que carrego em mim. Desde menina eu penso em fazer as coisas no mundo e continuo assim até hoje, querendo fazer as coisas para mudar o mundo. Quando eu era pequena, minha mãe, que era branca, me dizia que pobres e pretos como eu não tinham direito a nada. Ela tolerava uma vida de miséria e humilhações e aceitava um marido ausente, mas eu não concordava com aquela submissão e resignação. Eu vivia sonhando em ter uma vida melhor e imaginava fazer coisas para isso acontecer. O que eu sentia

já era a vontade de empreender. Eu me incomodava com a pobreza em que vivíamos. O primeiro negócio que imaginei foi montar banheiros pra ninguém ter que ficar na fila esperando a sua vez, porque vivíamos em um cortiço em Itabuna, com muitos quartos e apenas um banheiro. Na minha cabeça de menina sonhadora nunca achava que meus negócios poderiam dar errado. Eu não tinha absolutamente nada, mas sempre acreditava que tudo daria certo.

Desde pequena, ousadia e determinação sempre foram um traço muito forte em mim, além de uma fé inabalável que me move. Para sobreviver fui forte e cresci assim. A vida me trouxe grandes desafios e encarei todos eles, assumindo os riscos e os erros das escolhas que fiz. Com o tempo aprendi que, para fazer a mudança que queria, precisava estar junto, ser comunidade, mas nunca deixar de ser eu mesma.

Foi para mudar de vida que eu vim com minha mãe pra São Paulo e fui trabalhar como empregada doméstica, tendo a sorte de ter como patroa uma francesa que apostou no meu potencial e me colocou na escola pra eu me alfabetizar aos 12 anos. Assim, de assistente de babá, um ano depois eu administrava a agenda pessoal dela, seus compromissos, seu *closet* e seus horários. Por indicação e providências dela me tornei dançarina do Programa do Chacrinha – eu nem sabia dançar, mas fui aprendendo a ser chacrete e depois fui passista de shows de mulatas. Tornei-me Lara Dee e tive fama, mas, mesmo com tudo o que esse trabalho me proporcionou, sofri muitos preconceitos por ter essa profissão, em alguns momentos eu desanimei, mas sempre reagi. Eu sabia que o palco não era o meu caminho, contudo foi nele que descobri que a beleza pode ser um instrumento de transformação, decidindo, então, trabalhar com isso de forma positiva para ajudar as minhas iguais. Sem medo algum, tinha que desbravar e quebrar todos os tipos de tabus. Nada me impediria de conquistar o meu espaço e, a partir do momento em que me vi mãe solteira, aos 18 anos, prometi a mim mesma que mudar o mundo e conquistar uma condição digna de vida aos meus filhos era o meu destino. Fui à luta empreendendo,

buscando ser proativa e inovadora, enfrentando as adversidades com foco, coragem e determinação e criando uma forma de resiliência que sempre me levou a seguir em frente por maiores que fossem os obstáculos.

Paralelamente ao trabalho de dançarina, fui montando pequenos negócios, ano após ano. Ao ir ganhando a confiança das minhas colegas de palco, terminei cuidando dos pagamentos dos shows que os empresários comissionavam. E, novamente, transformar a realidade em volta evocou meu espírito empreendedor. As dificuldades das dançarinas me despertaram as oportunidades de negócios. Percebendo que o transporte era um grande problema, que se gastava muito dinheiro com táxi, resolvi mudar isso. Investi em um carro zero km à prestação e acabei virando “a primeira Uber do Brasil” nos fins da década de 1970. Buscava as meninas em suas casas e as levava de volta. Com isso, pagava a prestação do meu carro e ainda me sobrava um dinheirinho.

A vida seguiu, tive meu segundo filho e, deste momento em diante, surgiu a empreendedora que compreendeu que, para vencer e mudar o mundo, precisava aprender. Estudar tornou-se uma coisa vital e eu decidi que precisava me formar na universidade e formar os meus filhos. Mudei minha vida. Nos anos 80 me casei e fui morar no Rio de Janeiro com o marido carioca, passando a viver uma situação financeira confortável, mas não queria ficar parada. Devagar, iniciei um negócio de compras e vendas de bijuterias da moda. Minha experiência em trabalhar na noite fazendo shows ajudou a perceber as necessidades dessa clientela. Observei que as mulheres que trabalhavam na noite, como as dançarinas e as prostitutas, poderiam diminuir a hostilidade contra elas usando roupas diferentes no ir e voltar do trabalho. Assim, criei a grife Delara, que foi meu primeiro projeto de sustentabilidade envolvendo mulheres de comunidade, pois eu só empregava as mulheres do Morro como costureiras e tinha uma modelista da comunidade da Penha, parceira que acreditou em mim e

nas minhas ideias, como fazer peças versáteis que, de um lado, eram roupas para serem usadas de dia e, de avesso, viravam roupas para a noite. Durante seis anos mantive essa grife e tivemos uma fábrica em São Cristóvão que chegou a ter quarenta e cinco costureiras em cooperativa de costura, com pronta entrega no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Goiânia, o que não seria possível sem as mulheres parceiras da minha rede. Chegamos a atingir todas as meninas que trabalhavam na noite Rio/São Paulo. Foi uma febre vestir Delara, mas a economia brasileira atravessava grave crise naquela época: veio o Plano Cruzado e, quando a moda do Rio de Janeiro e suas confecções faliram, fomos obrigados a fechar. Segui em frente.

Sem capital, fui morar com minha família em cima de uma loja de uma imobiliária na Barra da Tijuca e me tornei corretora de imóveis. Nessa época, encontrei uma parceira que me ensinou tudo que eu sei de corretagem. Depois de 17 meses, nos juntamos a mais uma prima, que entendia muito de finanças, para abrirmos nossa própria imobiliária. Para contornar o problema da falta de dinheiro, propus a um cliente e amigo uma parceria: ele entraria com a estrutura do escritório – duas salas e duas linhas telefônicas – e receberia em troca 1% de comissão de tudo que vendêssemos. Foi um sucesso, mas que foi interrompido pelo confisco do Plano Collor. Novamente sem dinheiro, fomos obrigadas a fechar o negócio. Vivemos a crise de um Brasil totalmente parado nos anos 90. Voltei para São Paulo com a família e dois anos depois me separei.

Mais uma vez me vi numa situação era complicada, pois precisava de salário. Em São Paulo, por indicação de um amigo, fui trabalhar com Turismo, área em que atuei por uns quatro anos. Mas eu queria mesmo era empreender. Montei uma agência de viagens e deu tudo errado em muito pouco tempo, pois não conhecia o mercado e suas nuances, as grandes vaidades envolvidas e, assim, quebrei a cara feio. Voltei a ser corretora de imóveis e, poucos anos depois, tive um cliente que me pediu para comprar um apartamento em Miami. Eu,

naquela época, não falava inglês, mas mesmo assim fui convidada pelo dono de uma imobiliária americana de Miami a tocar no Brasil a filial dele, tornando-me sócia da *Fortune House* com a loja da imobiliária Elite International Realty brasileira.

Esse empresário amigo me ajudou a superar mais uma fase difícil que me colocou fora do mercado, deixando-me novamente sem trabalho. Pelas mãos dele fui indicada para trabalhar como coordenadora de um projeto social no Rio de Janeiro, o que marcou minha entrada no Terceiro Setor, área que eu conhecia muito pouco, mas, por ser muito empreendedora, acabei coordenando um projeto para empreendedores. Ao final desse trabalho, voltei para São Paulo tocada pela magia da ideia do Empreendedorismo Social. Sempre me incomodei com a miséria e a falta de autoestima que ainda criança eu vi em minha mãe e via nas mulheres do meu entorno. Por isso, a questão da autoestima acabou sendo a primeira preocupação no meu trabalho. Com toda minha história e com as experiências que fui adquirindo na vida, descobri que a beleza podia ser um grande instrumento de empoderamento e transformação das pessoas, passando, assim, a valorizar o que é realmente fundamental: resgatar vidas.

No início dos anos 2000, com os filhos já crescidos, formados e bem estabelecidos nas suas profissões, tive a ideia de dar uma função social aos espaços das quadras das escolas de samba, que geralmente eram ocupadas apenas durante o carnaval. Decidi investir em cursos de cabelereiro, manicure e maquiagem. De certo modo, percebi uma forma de transformar a condição social historicamente imposta às mulheres pobres e negras. A inspiração para essa mudança se reflete na minha própria trajetória de vida, pois desafiei desde sempre as estatísticas do que é ser mulher e ser negra.

O projeto Cosmética, Beleza & Cidadania foi desenvolvido juntamente com um empreendedor parceiro, visando trabalhar a autoestima e tendo a beleza como ferramenta para o empoderamento de mulheres e como meio de geração de trabalho e renda. Construir

uma identidade e autoimagem positiva é uma estratégia para fortalecer as mulheres no enfrentamento às situações de preconceito e discriminação, bem como fazê-las acreditar em si próprias. Em 2002, conseguimos parcerias com empresas de cosméticos e com a Escola de Samba Rosas de Ouro para oferecer na sua quadra nosso primeiro curso gratuito de beleza, voltado para a melhoria da qualidade de vida de mulheres com menos recursos econômicos e para a transformação das escolas de samba em espaços públicos para o desenvolvimento de suas comunidades locais. Nasceu assim, em 2003, a ONG Instituto Beleza & Cidadania, uma entidade assistencial que profissionaliza mulheres nas regiões pobres de São Paulo. Em geral, quem procura nossos cursos são mulheres negras, desempregadas e com a autoestima arrastando no chão. Nossa proposta não é ensinar apenas como trabalhar, pois buscamos também o desenvolvimento da autoconfiança para que elas sejam donas de sua própria vida.

Nosso trabalho teve reconhecimento público desde sua fundação. Em 2005, fui reconhecida como *Fellow* da *Ashoka*, tornando-me parceira da maior organização de empreendedores sociais do mundo, fundada nos EEUU por Bill Drayton, com o objetivo de promover a visão de um mundo no qual podemos ser agentes de transformação social positiva. Nessa rede, passei a integrar, em 2007, o comitê curador do Programa Acolher, da Natura. Nessa trajetória, replicamos o nosso modelo de negócio através das mulheres que são nossas multiplicadoras em vários lugares do mundo. No Instituto Beleza & Cidadania buscamos criar tecnologias sociais inovadoras e ferramentas para nossa sustentabilidade com o propósito maior de gerar transformações na vida de milhares de mulheres que, ao despertarem para a beleza, a partir de um mergulho nas suas histórias de vida, encontram sua dignidade, autoestima e cidadania.

Atualmente, estou concluindo a faculdade de Sociologia e estudando inglês, já pensando em meu novo projeto: uma rede de mulheres empreendedoras no mundo, sempre acreditando que

somente através do conhecimento podemos ajudar a transformar o mundo em que vivemos.



## *Travessias entre secas e girassóis*

*Lícia Milena da Silva*

Faço parte da grande estatística de filhas/os não reconhecidas/os pelos pais no país da miscigenação, da democracia racial e da meritocracia, fruto de uma relação inter-racial entre uma mulher negra, empregada doméstica e semianalfabeta, e um homem branco, professor. Logo, nascia a integrante mais clara daquela família negra.

Minha mãe, Vera Lúcia, é a mais velha de dez filhos dos meus avós, Maria Sulidade e Manoel Cassimiro. Dos dez, cinco faleceram ainda bem pequenos. A mortalidade infantil era bem comum naquela época e região.

Minha avó e meu avô trabalhavam na lavoura, então era a minha mãe, desde muito nova, que ficava responsável pela casa, pela alimentação e pelo cuidado dos irmãos. Ela saiu da casa dos meus avós por volta dos 13 anos para trabalhar como empregada doméstica. Assim, já podia ajudar os pais com dinheiro. Quanto ao estudo, nenhuma de suas patroas e patrões a incentivaram, mas lhe diziam que ela fazia parte da família.

Quando eu tinha 2 anos, minha mãe foi trabalhar em Feira de Santana, na Bahia, deixando-me com meus avós na Fazenda Alecrim, povoado da cidade de Pindobaçu, centro norte do estado. Terra seca. Caatinga, que, por ocasião, o rio cortou e a água ficou salobra. Então tudo se tornou mais difícil para aquela comunidade.

Outra forte lembrança que carregou daquele lugar é da minha tataravó, Chiquinha, como chamávamos carinhosamente. Ela foi parteira e viajava – a maior parte das vezes a pé e sozinha – por toda aquela região, de sol ardente e terra avermelhada, onde as casas eram bem distantes umas das outras, para realizar partos na casa da gestante. Era algo bem comum, pois as mulheres não costumavam ter seus filhos nos hospitais. Eu era bem pequena, devia ter uns 3

anos e não me recordo da sua fisionomia exatamente; no entanto, tenho na memória que, apesar de ela não fazer mais partos, era bem ativa e ainda benzia as crianças com mau olhar. Morava sozinha e andava pelas redondezas de sua casa. Íamos vê-la todos os finais de tarde – minha avó, meus tios Luzinete, Ronilson, Ronivon e eu. Um dia a encontramos caída no chão quente do terreiro de sua casa. Seu corpo estava cheio de bolhas. Havia passado à tarde de sol ardente ali. Logo minha avó e os demais familiares que moravam bem perto de Chiquinha e toda a vizinhança iniciaram os cuidados, ali mesmo em sua casa. Palha de banana sob as bolhas para secar, banhos, rezas... Não lhe faltaram cuidados, a guerreira, porém, que já havia ajudado a trazer tanta vida ao mundo, precisava descansar.

Diante de tantas dificuldades para continuar com as plantações de milho, feijão, melancia. etc., que nos alimentavam, meu avô conseguiu uma oportunidade de migrarmos para outra roça – esta, com terra úmida e água em abundância. Região serrana. Eu ainda era bem pequena. Não entendia muito o que acontecia, mas tenho na memória o percurso da mudança, que foi bem extenso. Saímos bem cedo e chegamos ao novo lar já pela noite. Para completar a viagem houve várias formas de transportes: da caatinga até a cidade de Pindobaçu, de caminhão; da cidade até a outra área rural, utilizamos jumentos. Que longe! Parecia que não íamos chegar nunca. Só que agora meu avô não plantava e colhia mais para si. Era empregado do dono daquela fazenda, que tinha gado, galinhas, frutas diversas e um rio bem na porta de casa, onde aprendi a nadar sozinha enquanto minha avó lavava roupas.

Minha avó sempre teve um coração gigante, sobretudo com as crianças. A casa era sempre cheia. Os sobrinhos da minha avó vinham da cidade passar o final de semana conosco na roça. Era uma delícia. Eles adoravam a sua comida, o que a deixava feliz. Nas noites de lua cheia os vizinhos se achegavam, ficávamos no alpendre até mais tarde, minha avó quebrava coco babaçu para vender na cidade e meu avô

contava muitas histórias de caçador. Todos ouvíamos atentos e ríamos muito com o desfecho das histórias. Eu amava ouvi-lo. Ele tinha um jeito único de contar as histórias.

Meu avô era analfabeto e, além de ser um bom contador de histórias, era fera em matemática. Quantas saudades dele e daquele tempo de simplicidade, paz e alegria. No entanto, nem todas as histórias do meu avô eram engraçadas. Às vezes ele contava como sua vida sempre foi difícil. Contava que seu pai faleceu quando ele ainda estava na barriga e sua mãe morreu em seu parto. Ele foi, então, criado por uma família que lhe fez de escravo, obrigando-o a trabalhar no pesado desde muito pequeno e de quem sofria humilhações e apanhava. Contava ainda sobre quando teve que trabalhar nas plantações de algodão e suas mãos sangravam de tanto colhê-los.

Fomos bem felizes nesse lugar. Tive uma infância e tanta. Não tínhamos dificuldades com alimentos, pois minha avó até doava leite para os vizinhos. Porém, lembro-me das fortes discussões do meu avô com o dono da fazenda. Ele pagava o meu avô por semana. Dava apenas para fazer a feira, na qual ele sempre dava um jeito de comprar o pacote de bolachas que eu gostava. Entretanto, o patrão começou a lhe enrolar. Uma vez ele disse uma coisa que eu nunca vou esquecer: que não ia tirar comida da boca dos filhos dele para pagar o meu avô, sendo que o meu avô tinha três filhos dependentes, eu de neta e minha avó pra sustentar.

Feira de Santana não era tão longe e tenho doces memórias das visitas da minha mãe. Ela usava o cabelo *black* bem redondinho e o penteava com o pente garfo. Sempre usava brincos de argolas. Achava tão curioso. Ela dava um jeito de levar presentes para toda a família. Era uma felicidade só. Com o tempo e a distância eu desaprendi a chamá-la de mãe e passei a chamar a minha avó de mãe e o meu avô de pai. A minha mãe eu chamava de Nininha, seu apelido, e passei a ter meus dois tios e minha tia como irmãos. Uma família nada convencional.

Quando eu tinha por volta de 5 anos, minha mãe foi morar em

São Paulo. Essa notícia chegou a nós por carta. A minha avó lia a carta soletrando e eu e meus tios ouvíamos bem atentos – a gente ainda não sabia ler. Dentro do envelope da carta ela pôs dinheiro. Nunca deixou de mandar, por menos que fosse. O valor era sempre usado em benefício de toda a família. A partir desse momento, suas visitas passaram a ser mais raras. Logo em seguida, meu avô comprou a sua roça, bem próxima à fazenda onde morávamos. Ele mesmo construiu a nossa casa e mudamos. Com a mudança, não tínhamos mais tanta fartura. Não tínhamos gado. Apenas poucas galinhas e galos.

Minha família voltou a produzir para o seu próprio sustento, assim como era na região da Caatinga. Meu avô plantava mandioca (para produzir farinha), banana, abacaxi, mamão... Dava quase tudo naquela terra fértil, vendendo o que produzia para os ferreiros da cidade.

No final de 1998, minha mãe foi nos visitar. Eu já tinha 9 anos e o meu tio mais novo, 12. Minha mãe ficou preocupada com o fato de nós dois estarmos fora da escola – a roça era muito longe da cidade. Então, nos organizamos para morar na cidade: uma sobrinha da minha avó, Josinete, emprestou uma pequena casa e minha mãe ficou de contribuir todo mês com um valor. Assim, no começo de 1999, eu comecei a estudar. Eu tinha muita dificuldade. Tinha um atraso gritante em relação aos demais colegas mais novos do que eu, além da dificuldade de me relacionar com as outras crianças. Mas eu tinha tanta, mas tanta vontade de estudar... Desde muito nova, estudar exigiu muito esforço. Eu tinha aprendido com a minha tia Luzinete a apenas escrever meu nome por extenso. A professora não ajudou muito. Em vez de me auxiliar em minhas dificuldades e entender o contexto, me expunha para a classe: “Se não sabe, não faz”. Fiquei tão triste, mas não contei pra ninguém. Nem para minha avó. Guardei para mim. Aqui começava o meu silenciamento diante das opressões. Porém, na segunda série tive uma professora incrível, a professora Neide, que marcou a minha vida de maneira muito positiva. Ela me estimulava e,

assim, consegui me desenvolver.

Encaramos muitas adversidades morando na cidade. A prima, Josinete, precisou da casa e tivemos que pagar aluguel. Tudo ficou tão mais difícil. Agora tínhamos acesso à escola, mas aquela fartura da época da roça fazia tanta falta. Minha avó ficava com a responsabilidade de fazer a comida render nessa fase difícil. Lembro-me que passou a comprar proteína de soja e preparava com batatas e com um delicioso tempero. Eu adorava. Minha bisavó Balbina, que morava perto, nos ajudava. Fartura mesmo tinha nos dias de semana santa em sua casa, com seu delicioso caruru. Juntava toda a família. Eu sou a sua bisneta mais velha. Ela continuava os saberes de sua mãe Chiquinha ao benzer as crianças para tirar o mau olhado. Os galhos de arruda ficavam murchinhos.

Eu estava crescendo. E na minha mente e coração muitos sentimentos ruins se passavam. Eu, embora muito apegada aos meus avós, sentia falta da minha mãe e também do meu pai, embora não tivesse nenhuma lembrança com ele. Ficava imaginando como seria caso eu morasse em São Paulo com minha mãe. Ou se ela não tivesse ido embora e fosse casada com o meu pai. Como seria? Será que seríamos tão pobres? E se eu tivesse nascido com o cabelo liso e o nariz mais fino, será que meu pai ia me amar? Será que o meu pai não casou com a minha mãe por ela ser negra? Enfim, tudo isso era apenas pensamentos. Eu não falava, mas certamente expressava todo o sentimento de rejeição de outras formas, que quase ninguém percebia. Tinha dificuldade em falar sobre o que me causava tristeza, dor e temia que minha avó pensasse que o seu amor era insuficiente, pois ela fazia tudo por mim.

Na escola e na igreja católica, os únicos lugares que eu frequentava, eu sempre estava sozinha: “Que menina estranha. Não se enturma”. Sempre preterida na hora de fazer os trabalhos escolares e eleita, sem consentimento, pelos meninos da 6ª série como a mais gostosa da turma, enquanto a colega branca, de cabelo liso e magra,

fora eleita a mais bonita. Alguém explica? Eu não sabia que aquilo era uma expressão do racismo, que se chamava objetificação dos corpos negros. Só sei que não gostei. E isso eu falei, mas não sei se ouviram. O que eu dizia não era importante. Ser freira era a minha perspectiva de futuro, a fuga perfeita para não admitir que eu não era desejada pelos meninos. A segunda opção era me suicidar, só assim cessaria a dor de tanta rejeição.

Quando eu tinha 13 anos, meu avô faleceu, aos 55 anos. Ele passava a semana na roça e vinha aos finais de semana para a cidade. Tinha uma úlcera e não cuidava. Lembro do meu avô descendo pela parede chorando de dor. Eu nunca tinha o visto chorando, demonstrando fraqueza. Passou 16 dias internado com minha avó ao seu lado e não resistiu. E agora? Como vai ser? Enfim, seguimos. Neste e em outros momentos difíceis contamos com a solidariedade material e emocional das queridas irmãs: Dinda, Zezé e Carminha, da quais, eu tenho muito apreço e gratidão. Além do cuidado que tinham por nós, elas foram para mim, grandes referências de mulheres negras que estudaram e tinham independência.

A pobreza severa, a falta de perspectiva de vida e, conseqüentemente, o baixo rendimento escolar marcavam minha experiência. 15 anos, ainda brincava de bonecas. Adorava fazer roupas para elas. Bem que a infância poderia ser eterna. A vida era mais simples. Não sabia lidar com essa parada de adolescência. Porém, em meio a tanto caos, uma fuga positiva: desenhar roupas. Aproveitava todos os cadernos usados. Hoje nem sei onde foram parar os desenhos. Não era um sonho possível para mim.

Aos 16 anos, eu era depressiva e tinha pensamento suicida, mas fui salva pelas “zamigas” – pelas quais mantenho amizade até hoje, apesar do tempo e da distância –, vivi intensamente a adolescência. Um pássaro que saiu da gaiola. Já em relação aos homens, depois que alisei o cabelo até que rolava algo, porém nunca tive um amor correspondido. Até hoje, nunca fui assumida. Hoje sei que esta não

é uma questão individual. Eu vivo algo que é coletivo, condicionado, estruturante: a solidão da mulher negra.

Cursei o ensino médio à noite, pois tinha que trabalhar. O lugar estava dado, o mesmo da minha mãe: babá e doméstica. Depois consegui um emprego em uma loja de roupas, onde o que eu recebia não dava para consumir nenhuma peça. Eu não aceitava aquele lugar, então voltei a focar nos estudos. Apesar de ser difícil conciliar, eu precisava terminar a escola. Fui a segunda da família a concluir o ensino médio. Antes de mim, foi meu primo Alex. Prestei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) duas vezes, mas eu mal conferia a nota. Imagina: eu estudar em uma universidade pública? Não seria possível. Isso é para quem é muito inteligente. Pensávamos eu e minhas colegas de escola. Precisava, então, dar um rumo a minha vida, pois eu já tinha 21 anos. A decisão mais difícil e importante: vir pra São Paulo, onde moravam minha mãe e três dos quatro tios ou continuar com a minha avó nessa cidade tão tranquila, mas que não dá oportunidades aos jovens de famílias pobres sem padrinhos políticos? Sabe a política do coronelismo? Ela impera nessa cidade até hoje.

Minha avó me apoiou para que eu viesse atrás dos meus sonhos e eu sentia a necessidade de ter novas experiências. Apesar das contradições, eu amava viver ali; todavia, me sentia limitada. Precisava expandir. Voar. Eu não cabia mais ali. Sendo assim, no dia 17 de dezembro de 2010, vim de mala e cuia para São Paulo. A viagem foi de ônibus. Três dias de estrada e choro. Choro que vinha da alma. Um filme sobre toda uma vida passava na minha cabeça. Os momentos de felicidade e tristeza. A família, as/os amigas/os e amores. Acreditava que, com o ensino médio e um curso de informática básico, eu conseguiria um bom emprego em São Paulo. Chegando aqui a oportunidade que apareceu foi de faxina em um apartamento no Centro. Que difícil pegar metrô! Quanta gente! Que loucura, meu Deus! O que eu estou fazendo aqui? Que medo! Calma. Respira. Continua. Você precisa.

Não foi nada fácil a adaptação em São Paulo. Novamente, vivi a

dificuldade em me relacionar com as pessoas. Novamente, me tranquei em um mundo triste. A igreja evangélica foi para onde recorri naquele momento. Depois comecei a trabalhar em uma pastelaria do lado de casa. Não tinha final de semana. Fiquei dois anos sem registro. Ajudava em casa e conseguia pagar alguns cursos, mas o sonho de fazer uma faculdade continuava distante.

No segundo semestre de 2012, a oportunidade veio por meio do Fundo de Financiamento Estudantil (FIES). Embora a instituição vendesse a ideia de que os alunos não pagariam ao final do curso, esta era a minha chance. Não dava pra pensar muito, nem mesmo no curso. Dentre as opções, escolhi Serviço Social. Eu nem sabia do que se tratava. Se eu não gostasse, depois eu mudava. E fui, com medo mesmo.

Este foi, sem dúvidas, um divisor de águas em minha vida. A primeira da família a ingressar no ensino superior. Tive muitas dificuldades em acompanhar as aulas nos primeiros semestres. A Professora Priscila Beralda fez muita, mas muita diferença mesmo em minha formação e em minha vida como um todo, pois era uma mulher negra que pautava a questão racial em suas aulas. Acreditem: isso é raro no curso de Serviço Social, baseado no pensamento marxista que, sem dúvidas, tem a sua importância; no entanto, não é suficiente para explicar a realidade brasileira que se construiu com base na escravidão – como pontuava tão bem a professora Priscila. Com ela, entendi a necessidade de termos cotas raciais, uma política que não existia porque nós, negros, somos incapazes. Estudando para um seminário solicitado por ela sobre a ideologia do branqueamento no Brasil, entendi por que eu alisava o meu cabelo e aceitava ser chamada de morena e porque os meus tios, todos negros retintos, disputavam quem era mais claro, por que a minha tia, negra retinta, dizer que nunca ia namorar um homem negro, que de negra bastava ela, por que a minha prima, Yasmim, fruto de uma relação afrocentrada, dizer, aos cinco anos que, quando crescer, será loira, igual a mulher da

televisão. Entendi ainda que a minha família não era pobre por falta de sorte, tampouco não estudaram por falta de esforços. E assim seguia apaixonada pelo conhecimento, que me tirou a venda dos olhos, que me mostrou que o conhecimento liberta. À medida que entendia a realidade do povo negro brasileiro, eu entendia a minha e a da minha família.

“Ser negro é ter identidade”, dizia a professora Priscila. Eu não compreendia. Ela não me dava todas as respostas. Melhor do que isso, ela me despertou o desejo de buscar mais sobre a questão racial. Eu precisava entender. Pesquisando na internet, logo descobri o site do Geledés. A sensação era que tinha descoberto um mundo novo. E de fato foi. Ler os textos de Sueli Carneiro, Rosane Borges, depois Douglas Belchior e tantas/os das/os nossas/os virou alimento. Vício. Que demais! Quero fazer parte disso. E um dia fui.

Parei de passar química no cabelo. Pensei que tivesse uns cachos para baixo, mas não. Ele cresceu como um girassol em volta do meu rosto. Que delícia me reencontrar. Amar o que eu vejo no espelho. E começar a amar também o que via dentro de mim. A nova história que estava construindo.

Saí da pastelaria e fui para o telemarketing. Fui morar sozinha em 2014. Logo consegui estágio remunerado na Prefeitura de São Paulo - as coisas estavam andando. Quando iniciava meu projeto de final de curso (TCC), de repente a minha avó adoeceu. Fui correndo visitá-la. Tive que retornar com ela ainda internada. Logo recebi a notícia: câncer de pâncreas. Com menos de trinta dias de diagnóstico, a minha heroína não resistiu. Partiu aos 65 anos. Transformei a minha dor em força e foquei no meu TCC. Resultado: o trabalho foi indicado para ser usado em um projeto de mestrado e logo depois publicado em livro. Assim, finalizei a faculdade com a sensação de superação - e de fato foi. O desemprego, porém, me assolou por um ano. Logo vi que, mesmo com acesso ao ensino superior, as portas para nós continuam fechadas. Novamente, o trabalho doméstico estava dado para mim,

mas resisti, com a ajuda de muitas pessoas, indo da igreja que fiz parte aos irmãs e irmãos do movimento negro. Todas/os sem dúvidas com muito amor e boas intenções.

Há um ano tive a oportunidade de trabalhar com mulheres que sofreram violência doméstica. Foi um mega desafio, em que pude aplicar o meu saber para contribuir com o fortalecimento no processo de autonomia dessas mulheres. Foi uma experiência e tanta. Concomitantemente, fui selecionada para o curso de especialização em Direitos Humanos, Diversidade e Violência na UFABC (Universidade Federal do ABC). Lembram do sonho impossível de estudar na universidade pública? Mês passado – mesmo mês em que tive a honra de receber o convite irrecusável da querida Bianca para contar a minha história neste livro, junto a outras mulheres negras extraordinárias –, iniciei um novo e tão aguardado desafio: atuar em um serviço de acolhimento para crianças e adolescentes, um espaço onde sempre quis atuar. O meu trabalho se dá com foco na reinserção dessas crianças e adolescentes junto à família de origem ou extensa para somente quando esgotadas todas as possibilidades irem para uma família substituta (adoção). Foi esta a minha pesquisa de TCC e dou continuidade ao tema na minha pós-graduação, abordando como a questão racial influencia nas decisões judiciais nessas situações.

Para finalizar, preciso registrar que foi difícil, por razões diversas, escrever esse texto. Porém, não escrevo apenas por mim. Escrevo por todas as minhas antepassadas. Por todas aquelas que ainda não têm voz. Escrever a nossa história é um ato de rebeldia. E sigo com orgulho dessa mulher que constituo a cada dia, por interferência das que vieram antes de mim e das que estão mudando o mundo agora, assim como eu. Ano que vem completo 30 anos e estou fora das estatísticas que assolam as mulheres negras. Tenho refletido na terapia que isso é resistência.

## *Mulher negra: uma vida entre o sonho e a realidade*

*Luana Bayô*

De segunda a quinta me levanto às cinco horas... Escovo os dentes, ajeito o cabelo, que a cada dia está mais curto, porque já não tenho muito tempo para pentear. Como uma boa filha de Oxum, me olho no espelho. Uma, duas, três vezes, quatro vezes. Lembro que está dando a hora e preciso entrar na escola às 7h para dar aula. Ajeito o material, pego a bolsa e saio para mais uma saga diária.

Pegar o ônibus lotado, metrô, mais dois ônibus. Pronto, cheguei. Do Campo Limpo a Cidade Ademar. Lá, dou aulas para alunos do 6º ao 9º ano, em uma escola particular. Vou para outra escola. Destino: Grajaú. São mais nove aulas em uma escola pública do Estado. Saio às 22h00. Chego às 23h00 em casa. E, no outro dia, começa tudo de novo.

Na terça-feira, acendo uma vela para Ogum, peço força, firmeza e proteção para aguentar a rotina. Sinto que ele me atende e vai a minha frente me defendendo. São muitas as batalhas visíveis e invisíveis. Me apego à espiritualidade para vencer ou pelo menos passar por elas.

Aos fins de semana, lembro que, para além de educadora, também sou cantora. Canto desde os 12. De pequena já estava nas rodas de samba, nos terreiros, nos grupos. Tento conciliar tudo. Equilibro as duas profissões na cabeça como se fossem aquele balaio das baianas. Lindo, mas pesado. É preciso destreza para equilibrar.

Sábado tem show na Zona Leste, à tarde. À noite, lá no extremo Sul. No domingo, mais um lá na Zona Norte.

Como diz a cantora e a poeta Teresa Cristina: “Cantar é desnudar-se diante da vida, cantar é vestir-se com a voz que se tem...”

A voz que eu tenho é rouca e, de longe, dá para ver que o corpo está cansado. Mas eu canto. Canto porque é meu combustível para viver. É o que me faz feliz.

Lembro de Jovelina Pérola Negra, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, que trabalharam a vida toda e só conseguiram viver da música quando já estavam para se aposentar. Me inspiro nelas, mas torço para que meu destino seja diferente.

Como fazer para sair de um ciclo de pobreza e conseguir fazer o que se ama?

Me lembro da fala da minha mãe: “Filha, pra nós nada é fácil e nem é de graça”.

Essa fala vem à minha mente todos os dias. De fato, não é fácil. Já desisti várias vezes, principalmente da música. Porém, nos últimos anos, são outras mulheres negras que vêm me ajudando a fazer o balaio-fardo ficar mais leve e a vida não ser tão difícil. São irmãs de luta que, ao verem que está complicado, se disponibilizam para organizar a agenda, marcar ensaios, fazer a produção, organizar o camarim e, quando podem, vão a um show meu fazer a fotografia ou a filmagem.

Algumas vezes eu reclamo que o corpo está cansado, tem os boletos para pagar, água, luz, as dívidas feitas para bancar esse sonho: músico, estúdio, transporte, alimentação, produção. Minha mente pede arrego e digo a elas que, mais uma vez, acho que não vai dar. Elas, sabiamente, usam dos seus conhecimentos ancestrais e me relembram da minha verdadeira natureza e do porquê eu e elas estamos ali. Olho para elas e me vejo. Elas, mulheres negras, que também têm seus sonhos, seus dons, suas vontades. Uma é poeta e deseja lançar seu livro; a outra, jornalista e grande produtora. Também tem a amiga da infância, secretária que deseja terminar os estudos em mídias digitais. Assim como eu, elas estão tentando equilibrar sonho *versus* realidade. Até que a realidade vire um sonho. Elas tiram um tempinho na agenda, que é apertada, e também saem cedo de casa e só retornam quase na madrugada. Elas estão lá. Eu também estou lá no sonho delas.

Mesmo sem serem especialistas, elas ajudam naquela filmagem no celular antigo, ou até naquela foto só para “registrar o momento”. Marcam um ensaio, a outra vende um show, indica o trabalho de uma

para outro projeto, escreve um *release*, divulga aquele trabalho ou aquela poesia na rede. Enfim, são várias permutas. Muitas formas de se ajudar.

Vejo nossas trajetórias tão parecidas. Mulheres, negras, mães, periféricas. Fazemos mil coisas ao mesmo tempo. Para nós não há tempo para se especializar em algo, para estudar, pensar e repensar em um determinado plano até executá-lo. Nós aprendemos no processo. Na lida, no dia a dia. Para o nosso curso de vida não há faculdade que dê conta. Utilizamos algumas brechas dentro de um sistema tão perverso para conseguir driblar tantas dificuldades. Muitas vezes, parece até que só nos resta dor e solidão, mas a cada dia percebo que é preciso reinventar as formas de prazer, companheirismo e a nossa crença em nós e nos nossos ou nossas, para que a dor e a ausência de tanta coisa diminuam.

Cantar, escrever, tirar uma foto, rir, estar juntas, ouvir uma a outra, sair para conversar, fazer aquela aula de dança, cuidar da nossa saúde física, mental e espiritual... Tudo isso também são formas de nos fortalecer para que a gente não sucumba em meio ao cenário atual. O racismo, o machismo, as várias formas de violência estão aí, mas sempre resta nós. Resta eu. Resta o meu sonho, meus amores, minha família. Estar com eles me dá força e esperança para seguir.

Acreditar e creditar. Dar créditos. Fortalecer para além de falar. Fazer. Levantar. Olhar, escutar. São tantos os verbos de ação que vão aos poucos dando mais leveza e beleza às nossas vidas. É com elas que aquele balaio que, faz parte da caminhada, vai ficando cada dia mais leve e bonito. Vai ganhando sentido. Para que eu não me perca, para que a gente não se perca. Para que eu dê conta da realidade e continue investindo no meu sonho.

Vendo tudo isso lembro que, de fato, não estamos e nem andamos só.



# *Mulheres negras mantêm a fé, os saberes e os sabores de (re) existir*

*Luana Vieira*

Mulheres negras são como mantas kevlar  
preparadas pela vida para suportar...

EDUARDO TADDEO

Ser mãe aos quinze anos sendo uma adolescente branca não é nem de perto uma história conturbada como a de uma adolescente preta. Tornar-se mãe negra numa sociedade racista, machista e fascista foi a principal conexão que pude ter com a minha ancestralidade. Foi o início do processo de me empretecer, sobretudo a aceitação da responsabilidade matriarcal na adolescência, que me fez refletir sobre o meu papel como filha, mulher e, então, mãe. Foi aí que surgiram as dúvidas: e agora? Quem eu sou? Eu tenho sido boa o suficiente para mim? Serei boa para meus filhos? Em quem irei me espelhar? O que irei ensinar? Fiquei entre continuar os estudos ou abdicar de tudo. Mãe sozinha aos quinze anos, quem iria me ajudar? Tantas perguntas e nenhuma resposta. Eu precisava primeiro me curar, me reconhecer dentro dessa história da minha história.

Passei a dar importância a coisas que nunca haviam feito sentido para mim até então. Precisava ser para os meus filhos o que minha querida e amada mãe era para mim. Minha mãe, mulher branca, pobre, abriu mão também da vida pelas filhas, foi mãe solteira e sem recursos de ninguém – eu, então, comecei a me cobrar mais. Agora eu estava como ela esteve um dia, por minha conta própria.

Terminei o colégio recebendo o diploma com uma filha de um ano nos braços. Foi emocionante e difícil passar por isso; afinal, de toda a turma, eu era a única mãe, a mãe que tinha que se desdobrar para continuar os estudos, a mãe que não saía com seus colegas, que

não podia ir às atividades de lazer e recreação do colégio, porque tinha uma bonequinha de verdade para brincar.

A faculdade me levou para um mundo totalmente diferente da minha realidade. A realidade de mulheres negras conhecidas por mim, sem chances, sem oportunidades era, no máximo, terminar o colégio e trabalhar em algum emprego informal, mas eu, através do programa Escola da Família, consegui cursar Administração. Me dividindo entre as rotinas diárias e o trabalho voluntário aos fins de semana que garantia uma bolsa, eu me perguntava se de fato eu iria conseguir, afinal, eu era uma adolescente de 17 anos. A minha resposta era: onde quero chegar é o que me fará conseguir. A cada dia alcançado, fui construindo minhas maiores fontes de inspiração e referência. Eu me via nos meus iguais, me via na fortaleza de vida de minha mãe – o quanto ela batalhou para que eu pudesse por meus pés em uma universidade, como lutou para a minha criação e a de minhas irmãs para que nossa infância não fosse tão dolorosa e sofrida –, me via em cada irmã de luta que auxiliou no meu aprendizado e crescimento, me via nos seus olhares, expressões, orientações e afetos. Conviver com essas referências e vivências dessas mulheres em meu caminhar me fez refletir sobre como é ser mulher negra e resistir para existir. Eu sentia o amor delas em cada particularidade quando dividiámos a vida e as dores. Penso que toda mulher negra precisa dessas referências. Por isso, que sejamos essas referências para a construção de fortalecimento e irmandade.

Posso dizer que uma das minhas maiores referências e uma das que mais admiro como mulher negra, guerreira e símbolo de resistência é “Aqualtume”, uma grande princesa congoleza, que simboliza uma liderança que lutou diante de um sistema escravocrata e comandou o maior quilombo da história, o Quilombo dos Palmares. Acredito que o poder e a luta dela continuam, ainda hoje, e, por isso, nos aquilombamos. A luta dela continua em mim e vai continuar nos meus filhos para mantermos vivas nossas raízes africanas e tentarmos nos organizar de acordo com nossas necessidades, sem esperar nada

de um governo colonizador.

Na periferia, a luta para proteger nossos filhos do racismo é incansável, pois este humilha, degrada, mata. A minha responsabilidade como mãe de cinco filhos pretos é fazer com que se sintam representados em uma realidade em que a todo instante a sociedade os desumaniza, seja no âmbito escolar, empresarial ou social. Eu tento me organizar de acordo com a dimensão com a qual as coisas podem vir a acontecer, como ter ideia dos que os cercam, dialogar sobre a falta de política pública e sobre como o estado trabalha contra nós, mostrando a eles que devemos, sim, lutar por qualidade de vida e fortalecimento do nosso povo. Falo também que é importante ter responsabilidade ao escolher nossos representantes e tento explicar, por exemplo, como seria se aqui no bairro houvesse escolas e creches de qualidade em período integral. Muitas mães como eu não precisariam ter deixado o trabalho, a faculdade, por não terem com quem deixar os filhos. Porém, mesmo assim, digo que não desistimos, que a força que temos é inexplicável, que nós damos conta da criação dos nossos filhos, da casa, de nossas dores e que nossas cicatrizes são os maiores motivos que nos fazem seguir, estudar, pesquisar sobre nosso povo e lutar contra o racismo e o machismo com um único intuito: ter dignidade humana.

Nem sempre as pessoas sabem das nossas correrias, como fazemos com a educação dos nossos filhos, escola, comida, banho, casa, roupa... Nem sempre paramos para conversar, muitas vezes fugimos de encontros para não se perder na rotina, passamos correndo por pessoas sem cumprimentar, não por ser mal educadas, mas porque às vezes a vida é tão cheia de problemas que caminhamos sem enxergar o outro. É tudo muito sofrido na periferia. Eu até hoje não entendo esse placar, em que a mulher só perde, em que a conta não fecha. Pergunto se serei capaz, se estou segura quanto ao meu pensar e suficientemente apta para cuidar dos meus ou se só caminho conforme o tempo. Muitas noites vejo cair e, frequentemente, termino apenas mais um dia.

Eu aprendi a respeitar o meu tempo, o tempo de uma mulher negra. Aprendi que as coisas tendem a melhorar conforme você recebe e manda energia e resgata os sentimentos que nos foram arrancados. Esquecemos de nos cuidar, de amar, de sentir. Não somos capazes de ser sensíveis e esta é a dor que não deixa a gente avançar. Porém, com a evolução e aprendizagem, aprendemos a nos respeitar e a desvendar nosso maior segredo: rejeitar o que nos faz mal.

Passsei, então, a observar o que faltava ao nosso redor ao invés de dar tanta importância ao que nos excluía. A ideia de fazer parte da construção de uma Comunidade de Roda de Samba como O Pagode na Disciplina trouxe uma reflexão de como poderia analisar o modo de vida de uma juventude negra, sobretudo periférica, a forma como essa juventude vem sendo tratada na perspectiva musical e sambista, sendo protagonista da própria história e, ao mesmo tempo, matéria-prima de trabalho no cenário do samba. O intuito do trabalho da comunidade é constituir forças de existência e resistência de uma manifestação cultural que sobrevive até os dias de hoje e fazer os jovens entenderem qual a importância da valorização do samba enquanto comunidade negra. Este é o reconhecimento mais grandioso dos nossos: reconhecer e entender as teorias das nossas raízes e que elas estão associadas às grandes organizações e às rodas de samba originadas de Aldeias Africanas, onde povos se reuniam em círculos para cantar e dançar, cada um mostrando sua habilidade e conhecimento. Acredito que essa organização é o verdadeiro progenitor musical do samba e que essa fonte de influência foi uma herança deixada a nós.

Atuar numa comunidade de roda de samba significa, para mim, ter representatividade de mulheres, e dar importância fundamental a tantas outras, além de manter famílias economicamente. Mulheres como Tia Ciata foram e são essenciais para a resistência do samba, cujo papel ainda é visto nas grandes periferias e precisamos mostrar isso. Aqui, na comunidade do bairro do Jardim Miriam, onde nasci, cresci e resido, sempre levantamos essa questão racial dentro do samba,

tornando cada vez mais necessária a discussão, pois as iniciativas que promovem o reconhecimento de grandes trabalhos no samba são as mesmas que colocam no esquecimento grandes sambistas, em especial os negros. A meu ver, eles dão visibilidade a artistas que condizem com os perfis de um sambista elitizado, vendendo a ideia de que o negro do samba é malandro periférico – essa hostilidade se perpetua no marco da história do samba, principalmente nas grandes comunidades de roda. Fazer e cantar samba é questionar a nossa realidade, uma forma de contar nossa história amenizando nossas dores, festejar nossas alegrias e manter vivas a valorização e a tradição de um povo.

Falta muito ainda para que mulheres tenham reconhecimento da força e dedicação do seu trabalho, pois a condição de uma mulher na administração e na colaboração de um projeto sociocultural é ainda sobreviver em um sistema machista. Mulheres nem sempre são aceitas, nem sempre são bem recebidas, sendo um processo bem longo para ser respeitada e ouvida, um incômodo com elas que é fruto do machismo. Entre outros tantos trabalhos sociais na comunidade, é no samba que dá para perceber como o histórico de resistência para a cultura majoritariamente negra sobrevive dentro e fora pela força dessas mulheres.

Entretanto, diante de tanta dificuldade, consigo afirmar que ações que vêm surgindo em torno da comunidade contagiam, por algum motivo, os moradores, fazendo com que as pessoas sejam impactadas por esse fortalecimento. O Pagode Na Disciplina é um grande exemplo desse engajamento, pois a roda de samba acaba dialogando com a nossa comunidade, seja em suas composições ou no trabalho informal, pois os músicos são moradores e os trabalhadores são nossos vizinhos. Cada um vem para partilhar com aquilo que pode, com aquilo que sabe fazer: têm os que escrevem músicas, os que tocam, os que simplesmente vêm ajudar a levantar barracas e esticar lona na rua, sendo, portanto, uma grande distribuição de renda, gerando trabalho através da parceria e da colaboração.

A vontade de ajudar, de estar junto faz com que essa iniciativa se torne gratificante mesmo sem recursos. Podemos claramente enxergar as oportunidades e descrever o papel de cada um, a importância dos projetos para a inclusão social, o funcionamento do cenário da mídia nas comunidades, o apagamento dela, a apropriação do espaço público para realizar um evento até a sua manifestação. Assim comunidades vêm, assim, se fortalecendo e influenciando outras, causando um grande e imensurável impacto no âmbito social, cultural e econômico.

Seguimos resistindo: eu e meus filhos Raquel (20), Rebeca (16), Rafaella (10), Raphael (8) e Rayssa (6), sendo muito grata aos encontros com minhas raízes. Na minha luta vou me tornando cada vez mais forte, uma construção contínua em que sigo pedindo licença aos que vieram antes de mim e aos que estão por vir. Sou grata aos que puderam ver um final feliz, aos que de alguma forma me fizeram questionar a minha existência, aos que permaneceram e não se foram. Sou grata não só a todas as minhas referências, mas também aos que permanecem nas entrelinhas, sobretudo nas reticências...

## ***Resistência, luta e conquista***

***Lucia Makena***

Eu estava com quase 40 anos no ano 2000 e lecionava no Ensino Fundamental I da Prefeitura de São Paulo. Um certo dia, dentro de um hipermercado e em uma banca de jornais, vejo uma capa de revista com uma boneca negra linda. Foi paixão à primeira vista!

Como uma parcela da população negra brasileira, eu tinha a necessidade de me ver representada e assim estava sempre em alerta: quando via alguma imagem que dava esse retorno comprava na hora... Se tivesse dinheiro, claro, e se não fosse muito caro; até hoje, aliás, sou assim.

Chegando em casa, ao abrir a revista que havia visto e comprado, percebi que era de artesanato e ensinava a fazer bonecas de pano. Não sei explicar, mas na hora veio a lembrança da minha avó Maria costurando, em uma máquina de costura pretinha, saias de retalhos tipo envelope. Ela, talvez por ser uma mulher negra que nasceu em Minas Gerais, na cidade de Montes Claros, devia ter descendência do povo banto (que veio de Angola), então aquelas saias faziam muito sentido e, por isso, ela fazia. Eu adorava vê-la costurar e estar junto dela nesses momentos, principalmente. Só de escrever essas memórias já sinto muitas saudades!

A primeira coisa que fiz, então, foi comprar, financiada em 10x, uma máquina de costura nas Casas Bahia. Paguei com certa dificuldade, mas deu tudo certo.

Como não acreditava que tinha talento para as artes por causa de algumas situações que vivi no Ensino Fundamental II (antigo ginásio), pois para ser um bom desenhista, no olhar da professora, tinha que desenhar igual às imagens propostas. Enfim, entendo hoje que era para fazer cópia e, como eu não conseguia, o que provavelmente tinha de talento para o desenho foi arruinado ou pelo menos quase.

A confecção de bonecas foi e digo que é, até hoje, um grande desafio... Tive que ir rompendo aos poucos e com ajuda de muita gente – o que acho maravilhoso, porque, na vida, fazer tudo sozinha fica muito pesado; por isso, se dividimos, a tarefa fica mais fácil. Minha comadre Fátima – madrinha da minha segunda filha, Potira Caruana –, que tinha experiência com costura, me ajudou bastante. A mais simples dica de outras amigas me ajudava muito e a lembrança da minha avó Maria com certeza.

Eu não tinha orçamento para fazer as bonecas e usava dinheiro do meu salário de professora que, na época, não era muito, tendo eu duas filhas pequenas e casa para manter, mas eu seguia em frente.

Uma tarefa importante era dar um nome africano para a boneca, nome que consegui através de pesquisas que fiz na internet. Aliás, eu nem sabia usar direito o computador: achava a lista de nomes africanos e depois perdia, não sabia salvar, enfim... Quando consegui achar novamente, fui, juntamente com minhas filhas, procurar um nome com o qual mais nos identificássemos, até que surgiu “Makena” e o significado, “a feliz”. Tinha tudo a ver com o que queríamos da boneca.

A Kamilah, minha filha mais velha, foi quem começou primeiro a pintar o rosto das bonecas, porque eu não acreditava que seria capaz de fazer isso, pelos motivos citados anteriormente. Comecei, aliás, a pintar os rostinhos alguns anos depois e ainda estou tentando melhorar. Acho importante que o rosto da Makena passe uma mensagem forte, então ela tem lábios grossos e marcantes. A Potira, por sua vez, me ajudava desvirando e enchendo os corpinhos. Minha mãe querida também me ajudou muito no começo, enchendo as bonecas, costurando as argolas de chaveiros na cabeça das bonecas, fazendo cabelinhos.

Durante anos comprei o material aos pouquinhos na rua 25 de março.

Vender, ao contrário do que imaginava, não era uma tarefa fácil. Em 2006, resolvi sair da escola pública e viver fazendo bonecas e participando de eventos culturais, principalmente os de cultura afro.

Levava minhas bonecas em vários eventos, pegava ônibus lotado com biombo, malas, sacolas. Ia em eventos longes e demorava demais para chegar em casa.

O dinheiro foi ficando escasso, mas nunca desisti dos meus sonhos. Lembro que, uma vez, fui à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), tentar vender bonecas e, como não consegui e não tinha dinheiro para voltar pra casa, tive que pedir para um amigo que me emprestasse dez reais para poder ir embora. Até hoje fico constrangida com isso, embora ele, uma pessoa maravilhosa, tenha sido super prestativo.

Sair da Zona Oeste e ir até a rua 25 de março para buscar dois metros de tecido preto, um metro de tecido estampado, um pacote com cinco novelos de lã preta e um quilo de enchimento, às vezes meio quilo, foi o que fiz durante anos, porque o retorno era muito pouco para comprar material em grande quantidade.

Passados alguns anos comecei a precisar de alguém para me ajudar um pouco mais, já que as meninas estavam envolvidas com outros trabalhos e estudos. Pensei em alguns jovens negros da Cohab Raposo Tavares (onde eu morava) e comecei com a Fernanda, filha de uma amiga minha. Ensinei-lhe a fazer cabelinhos de lã e, durante um tempo, ela fez e foi muito bom – em contrapartida eu pagava um valor referente à produção. Depois foi a vez de um rapaz muito educado que enchia as bonecas para mim e, por fim, uma senhora, que costurava os corpinhos dos chaveiros. Porém, foram situações pouco duradouras, porque não conseguia ter sempre dinheiro para pagar essa colaboração e eu achava imprescindível que essas pessoas fossem pagas independentemente de eu ter vendido bem ou não. Voltei, então, a fazer tudo praticamente sozinha ou com ajuda das minhas filhas, sempre que fosse possível para elas.

Levar as bonecas em eventos culturais afro ou de educadores abriu algumas portas porque eles pediam que eu ministrasse oficinas para alunos. Daí então escrevi um projeto e comecei a entregar em

algumas instituições e a me inscrever em cadastros de oficinairos na prefeitura, passando a surgir mais oportunidades. Apesar de começar a aparecer outras propostas, a minha situação financeira não mudava, ainda estava tudo muito difícil, mas o fato de acreditar no meu trabalho não me deixou desistir e assim fui seguindo.

Algumas colaborações interessantes foram as doações de restos de lã que recebia de uma amiga, a Roberta Lopes, cabelereira, que começou a me doar as lãs que sobravam das tranças que ela fazia nas clientes. Vinham com tamanhos variados, mas dava para usar bem: com os tecidos menores eu fazia a cabeça de bonecas, que eu costurava a mão para fazer rabicó; com outros fios conseguia fazer cabelos para os chaveiros, que são curtos, e alguns para as bonecas médias. Durante muito tempo essas lãs foram uma salvação para mim, pois o pacote que eu comprava eu usava só para as bonecas grandes. Inclusive, até hoje, ganho lãs da Roberta e de outras trancistas, o que acho importante também para o meio ambiente.

Os retalhos entraram na minha vida por acaso: eu estava conversando com uma mulher no ônibus e ela disse que tinha retalhos, entregando depois, na casa da minha mãe, muitos retalhos de malha fria, muitos mesmo! Não dei conta de tudo porque esse tipo de tecido eu não sabia usar e as cores não eram tão coloridas e leves para as minhas bonecas, mas consegui uma mulher que fazia almofadas e entreguei a ela, que adorou.

Com o fortalecimento da rede de amizades com empreendedoras negras que fazem roupas afro começaram a surgir os retalhos para fazer roupas para as bonecas e, aos poucos, fui usando esses retalhos para vários estilos de bonecas, inclusive para as bonecas Abayomi, que são confeccionadas com retalhos tanto no corpo como nas roupas. Nós não temos dinheiro para dar umas para as outras, mas conseguimos nos ajudar de outras formas, como circulando uma parte do dinheiro entre nós, comprando roupas, bonecas, acessórios, enfim. Assim vamos nos fortalecendo.

Atualmente, tenho em casa retalhos de quatro marcas de confeções próprias e, dependendo dos retalhos, consigo dividir com várias pessoas, inclusive levando resíduos para entidades que confeccionam pequenas peças ou almofadas. A economia que tenho com esses retalhos me possibilitou a oportunidade de comprar tecidos para fazer o corpo da boneca em quantidades bem maiores como 30, 40 ou 70 metros de uma vez. Além disso, para o enchimento do corpo consigo comprar 10 ou 20 quilos de uma vez, ao invés de um ou dois quilos.

Outra situação importante são as colaboradoras que comecei a ter de uns três anos para cá, mulheres negras que têm como um suporte na renda delas a diária de produção das bonecas. Por exemplo: eu entrego para a Tamires a lã para fazer cabelinhos, partes do corpo das bonecas para desvirar e encher com fibra; a Flávia, durante muito tempo, costurou os vestidos e as calças de bonecas, e agora tenho a Claudía, que costura braços, pernas, cabeças e corpinhos de chaveiros. Consigo pagar todas elas assim que o trabalho fica pronto, o que para mim é uma vitória. Para mim fica a parte de montar o corpo das bonecas, colar e colocar enfeite no cabelo e pintar os rostinhos.

O mais importante é que somos uma rede, uma sempre buscando ajudar a outra e assim vamos nos fortalecendo. A maioria de nós tem o MEI (Micro Empreendedor Individual). Temos muito o que conquistar ainda, mas não estamos mais sozinhas, tipo cada uma por si.

O que fica para mim hoje é que o dia em que vi a boneca de pano negra na capa da revista de artesanato foi, na verdade, um chamado dos meus ancestrais africanos, que vieram sequestrados para o Brasil e, desde que colocaram os pés aqui, lutaram pela nossa liberdade. Vi que, do jeito com o qual eu mais me identificava, deveria me juntar com outros irmãos e irmãs para seguir o nosso legado. Fazer bonecas negras, palestras, cursos de formação é a minha contribuição para a construção de um mundo melhor, mais justo, igualitário, com oportunidades e sem *RACISMO*.



# *Mulher preta trabalha*

*Luciana Bento*

Mulher preta trabalha. Eu cresci sabendo disso. Fomos trazidas para essas terras para trabalhar e o trabalho segue como nossa sina ao longo dos anos. Mulher preta sempre trabalhou. Por isso, nunca entendi muito bem essa reivindicação feminista pela inserção da mulher no mercado de trabalho. Como me unir a esses movimentos se vejo as mulheres que se parecem comigo trabalhando o tempo todo? Nas fazendas de café, nas casas-grandes (cuidando dos pequenos senhores), nas praças vendendo quitutes, nas fábricas, nas casas de famílias, nas cozinhas e nos serviços de limpeza... Essa pauta feminista, ao mesmo tempo universal e excludente, reacende o discurso da abolicionista preta e defensora dos direitos das mulheres, Sojourner Truth: “E eu não sou uma mulher?”. E uma mulher preta não é uma mulher? Mulher preta trabalha, basta olhar para os lados para perceber.

Mulher preta trabalha. Essa afirmação me parece tão óbvia que nunca chegou a ser uma questão para mim, mesmo diante da minha experiência de vida. Sou filha de uma mulher extremamente privilegiada, diante da realidade das mulheres pretas: minha mãe sempre foi dona-de-casa. Antes mesmo de saber o quão trabalhoso é cuidar de uma casa e da criação dos filhos, eu sempre soube que mulher preta trabalha. Lembro de minha mãe cuidando da limpeza da casa, depois sentando comigo e com meu irmão para fazer a tarefa da escola e, na sequência, preparando o jantar. Um dia comum. Um dia de trabalho. Depois de tudo isso, enquanto brincávamos, ela ainda tinha tempo para aceitar encomendas de artesanatos, costurar calcinhas para vender e administrar seu pequeno negócio. Como adulta, vejo que minha mãe, que sempre se ressentiu e se culpou por não trabalhar fora, trabalhava tanto ou mais do que várias outras mulheres e

homens que conheço.

Hoje eu entendo a angústia que minha mãe sentia. Ela também aprendeu em casa que mulher preta trabalha. Alzira Rufino fala que nós, mulheres negras, devemos produzir o show e assinar a direção. E Dona Annita, minha avó materna, nos ensinava isso na prática.

Vó Annita era daquelas que fazia de tudo um pouco: ela era boleira, costureira, decoradora, artesã e tantas outras coisas que não cabem em uma carteira de trabalho assinada. Quando tinha um casamento, ela criava e costurava o vestido da noiva, da mãe da noiva, das madrinhas e das daminhas. Fazia os doces, salgadinhos e o bolo. E ainda criava as lembrancinhas, o convite e diferentes detalhes da decoração. Só não casava com o noivo porque de casamento ela já estava satisfeita. Casou-se uma única vez e ficou viúva aos 35 anos, com três filhos pequenos pra criar, passando por inúmeros perrengues e ainda dando conta de mandar todo mundo para a faculdade. Uma mãe negra sozinha e com três filhos formados nos anos 80!

E a história não acaba aí. Como filha mais velha da sua família de origem, Vó Annita ainda ajudou algumas irmãs que migraram de uma cidade pequena no Espírito Santo para a capital do país, Rio de Janeiro. Todas elas, estudando e trabalhando, conseguiram se estabelecer na cidade e formar suas próprias famílias. Vó Annita também cuidou de sua mãe, minha bisavó, Dona Cici. Tive o prazer de conviver com ela até meus 15 anos. Teve uma “escadinha” de filhos: pariu 15 e, desses, dez sobreviveram. Dona Cici deu conta de manter unida essa família tão numerosa. Quem pode dizer que criar tantos filhos não é trabalho?

Também aprendi sobre trabalho com a minha madrinha, irmã de minha mãe, que viu no concurso público uma oportunidade de estabilidade. Com ela aprendi como é possível conciliar o trabalho doméstico com trabalho externo. Oito horas diárias à disposição do patrão e, depois, mais incontáveis horas cuidando da casa e da família.

Do outro lado de minha árvore genealógica, minha avó paterna, Vera Regina, também me serve de exemplo de perseverança e trabalho.

Vó Vera se casou aos 18 anos, teve filhos e a coragem de tomar as injeções de anticoncepcionais mesmo quando ainda nem se tinha plena certeza dos efeitos colaterais, no início dos anos 60. Seu cuidado com o planejamento familiar foi fundamental para garantir que tivesse apenas dois filhos em uma época em que famílias numerosas eram a regra. Por mais que meu avô garantisse o teto e a comida na mesa, é preciso mais do que isso pra se viver. E a roupa dos meninos? E o henê pro cabelo? E a injeção todo mês? E o pão para o café da manhã no fim do mês, naqueles dias de aperto antes de sair o pagamento? Ela não poderia ficar sem trabalhar. Vó Vera vendia produtos de porta em porta, fazendo da vizinhança clientela e garantindo alguma renda complementar para a família.

Mas não foi só depois do casamento que minha vó conheceu o trabalho. Filha mais nova do segundo casamento de sua mãe, vó Vera teve duas meias-irmãs e dois irmãos. Perdeu a mãe no começo da adolescência e foi viver como empregada doméstica na casa das meias-irmãs para garantir um teto. A regra era clara: primeiro o trabalho depois o estudo, se sobrasse tempo. Cuidou das sobrinhas, lavou e passou roupas, limpou a casa e ainda se manteve o mais longe possível do cunhado, para não sofrer abuso nem perder o lugar que lhe dava abrigo. Com o casamento, conquistou domínio sobre a própria vida e, de cortiço em cortiço, viveu até ter um cantinho para chamar de lar.

A vida sofrida não endureceu seu coração nem a fez evitar o trabalho. Para ajudar a irmã, Vó Vera deu um jeitinho de fazer render o orçamento da casa. Onde comem quatro, comem cinco: aceitou criar uma sobrinha como filha.

Até hoje, aos 83 anos, vó Vera tem disposição para o trabalho. Basta se aproximar a data de aniversário de um dos filhos ou netos que ela corre pra cozinha, pronta para preparar os quitutes. Não tem festa de família sem o pudim de leite e a torta de banana da Vó. Essa mulher preta trabalha até hoje!

Com todas essas mulheres pretas como exemplo, minha vida não

poderia ser diferente. Comecei a trabalhar tarde, aos 22 anos. Pegava trem, cruzava a cidade e ia dar aula em um projeto social. Três turnos: turmas de manhã, de tarde e de noite, de segunda à sexta. O que pode parecer desgastante e exaustivo para mim era só trabalho. Mulher preta não tem medo de trabalho. Estava noiva, trabalhei durante cinco semanas e consegui garantir a grana para comprar a minha máquina de lavar. Meu primeiro salário serviu pra comprar aquela que tornaria o meu trabalho doméstico um pouco menos braçal. Depois disso, emendei um trabalho ao outro, acumulando jornadas, equilibrando trabalho-estudo-família para dar conta da vida. E não parei mais. Dupla jornada, tripla jornada... Tantas jornadas que nem sei.

Nunca tinha me questionado o quanto o trabalho faz parte da minha história. Minhas ancestrais foram forçadas para o trabalho. As que conheci, sempre têm uma história de trabalho para contar. E aquelas que não conheci vieram para essas terras trabalhar: primeiro, obrigadas pelo tráfico negreiro; depois, migrando pelo país em buscas de melhores condições de vida.

Não há índice de desemprego que impeça uma mulher negra de trabalhar. Se no mercado formal somos rechaçadas, as mulheres negras dominam a arte do trabalho para garantir a sobrevivência no mercado informal.

Direito a trabalhar não é uma questão para as mulheres pretas. Para nós, trabalho nunca foi uma conquista, sempre foi a única via de sobrevivência. E desses meios de sobrevivência derivam vivências compartilhadas, histórias de mulheres pretas que trabalham. Mulher preta trabalha – e isso eu cresci sabendo.

## *Mulheres equilibristas: vivências e resistências*

*Luciana Reis*

Quando recebi o convite para escrever sobre minha vida, fiquei me perguntando se teria algo interessante para relatar. Partindo do princípio de que sou mulher negra, tenho sempre a impressão de que cada vez que me proponho a narrar meu cotidiano fico com a sensação de que estou de “mimimi”, falando de um lugar a partir do qual, ao olhar da sociedade, estamos sempre reclamando de barriga cheia – isso desde a perspectiva de que haveria sempre alguém pior do que a gente. Falar de vivências é, por isso, sempre muito difícil, pois nossas narrativas não são valorizadas; o tempo todo, aliás, somos silenciadas para que nossas histórias não caiam no gosto popular e, assim, o povo se fortalecer a partir dessas histórias de lutas e resistências.

Me sinto como uma fênix, ressurgindo das cinzas, tendo que me reinventar a cada crise financeira, a cada relacionamento desfeito, a cada problema do dia a dia. Consegui terminar minha graduação e, com a academia, me tornei uma outra pessoa, mais crítica. Consegui entender meu lugar no mundo e como o sistema colabora com as mazelas que, inconscientemente, achamos que são naturalmente atribuídas a nós, pretos e pobres. O processo de escravização dos corpos pretos determinou um lugar subalternizado para a população preta e, mais ainda, para as mulheres negras. Com isso, percebi, através de estudos, que a “solidão da mulher negra” é real e abrange todos os campos da vida social – temática que também foi meu tema de pesquisa para a conclusão do curso de Serviço Social. Na primeira vez que ouvi falar sobre a “solidão da mulher negra” não tive dúvida: era este o tema que ia ao encontro às minhas experiências de vida e das mulheres pretas da minha família.

Quando falo da solidão da mulher negra, não me refiro somente a relacionamentos afetivos, uma vez que essa temática abrange

muito mais do que apenas afetividade. Por meio da ligação do estudo acadêmico com minhas experiências de vida e de outras mulheres negras, compreendi que o Estado se omite da sua responsabilidade como provedor de bens econômicos, políticos, culturais e, porque não, simbólicos, pois ele (Estado) não garante cidadania e vida digna para a maioria da população pobre e preta deste país, excluindo todos nós da vida social, dos bens materiais e simbólicos e colocando limites na nossa vida subjetiva, que envolve também nossa vida espiritual.

Nasci em São Paulo, mas minha família é oriunda da cidade de Salvador (Bahia). Cresci em uma família de mulheres pretas que lutavam pela sobrevivência e por uma vida digna. Nesse contexto elas já praticavam inconscientemente ações feministas a fim de manter a saúde física e mental. Na maioria dos casos, foram mães solo e as que tinham companheiro sofriam violências físicas, psicológicas e materiais. Muito pequena, presenciei minha mãe sendo agredida e minhas tias sendo difamadas por sua condição de mulher. Percebi cedo que éramos sozinhas e que as pessoas eram extremamente cruéis ao apontar o dedo para mulheres que só queriam dignidade para criar seus filhos.

Essas violências sempre vinham de pessoas bem próximas que, teoricamente, teriam que proteger e não violentar, querendo, além disso, tirar o pouco que meus avós deixaram para que minha mãe e minhas tias conseguissem ter uma vida um pouco mais tranquila. O irmão mais velho delas sempre foi um usurpador que batia, humilhava, oprimia, e nada adiantava elas pedirem ajuda às autoridades competentes, aos equipamentos do Estado que tinha por obrigação protegê-las. Normalmente, lá elas não tinham credibilidade e, de vítimas, acabavam saindo como réis. A condição de mulheres e pretas não lhes dava subsídios jurídicos de defesa e proteção para usufruírem com igualdade do que era dispensado aos homens.

As lembranças são dolorosas: xingamentos e violência física. Isso tudo fazia parte do cotidiano de minha mãe e das minhas tias.

Posteriormente, essas mesmas violências foram reproduzidas pelas mães para com os filhos como forma de educar. Cresci vendo todos tipos de violência e, por sua vez, essa mesma violência era reproduzida principalmente pela minha mãe na nossa educação – pequenas coisas que eram feitas por nós, crianças, já viravam motivos para apanhar; a falta de paciência era constante. As pequenas coisas do dia a dia, como pentear o cabelo, se tornavam momentos de dor e sofrimento. Além de ser dolorido, minha mãe colocava adjetivos negativos, dizendo “vem pentear esse cabelo duro”, “este fuá tem que ficar preso a semana inteira”. Ela, nessa tarefa, descontava suas frustrações e tristezas. Isso marcou profundamente nossas vidas e minha relação com meu cabelo.

Sempre soube que a vida não era muito generosa conosco. Minha casa era muito simples: não tinha banheiro nem luz elétrica. Só na adolescência conseguimos usufruir dessas modernidades, como tomar um banho de chuveiro e ter um banheiro – era luxo fazer as necessidades fisiológicas num lugar reservado. Geladeira, não me lembro quando tivemos a primeira; com muita certeza, esta veio quando todos em casa já trabalhavam, ou seja, minha mãe, meu irmão e eu.

A casa tinha apenas um cômodo. Minha mãe, muito exigente, procurava deixar o mais aconchegante possível. No natal, o presépio era desenhado nas paredes, uma maneira de deixar natalino o ambiente. As compras de Natal eram pagas por doze meses na lojinha da Dona Augusta. Minha mãe não fazia festa, mas caprichava na comida e tinha os brinquedos, que já eram encomenda antecipada. A festa, com certeza, era em nossos corações.

Dona Ana, minha mãe, sempre saía muito cedo para trabalhar. Na madrugada, quando saía, ficávamos sozinhos em casa, mas contávamos com minha tia Carminha no cômodo ao lado e um velho cachorro chamado “Tuim”, que sempre avisava quando alguém diferente entrava no quintal sem muros nem portões. E tinha as recomendações: “tranque a porta e não abra para ninguém”.

A violência externa era temida. Os mais velhos sempre contavam casos de algum tipo de violência sofrida, na sua maioria, por meninas e mulheres. Porém, muitas dessas violências vinham de quem tinha por obrigação a proteção. Minha mãe mantinha uma proteção especial comigo nesse sentido, mas não foi o suficiente para afastar os que poderiam me molestar. Nos últimos tempos, vieram à minha memória dolorosas lembranças desse tipo de violência. Era o que minha mãe mais temia e, sem que ela pudesse evitar, acontecia debaixo de seu olhar de pai e mãe.

Não foi uma nem duas vezes. Não sabia como me livrar daquilo, pois sentia medo, vergonha. Não entendia o que estava acontecendo, não me recordo com clareza a idade, mas tenho certeza de que não tinha mais do que 9, 10 anos de idade. Sem entender direito o que acontecia e incomodada com aquilo, contei para uma prima na esperança que acabasse. Veio a orientação: “Nunca fique sozinha no mesmo lugar com ele, procure sempre fugir. Se eu estiver por perto me chame, mas não conte nem para sua mãe nem para seu primo (o filho da minha tia Carminha era como irmão mais velho e pai). Se contar a eles, com certeza o matariam, eles seriam presos e você ficaria sem mãe e primo. E quem cuidaria de você e seu irmão?”. Entendi aquilo tão bem, tão pequena, mas forte o suficiente para criar estratégias para que o “monstro” não tocasse mais em mim. Acredito que o medo de perder as únicas pessoas que zelavam por mim também era muito grande. Internalizei esses episódios da minha vida de tal forma que, como já foi dito, me recordei há pouco tempo disso tudo. Não poderia correr o risco de ficar sozinha no mundo e ir para um “orfanato” – assim que se chamavam os serviços de acolhimento na época.

Apesar de todas as surras, minha mãe era meu porto seguro. Eu conhecia meu pai, mas nunca entendi direito o porquê de ele não estar em casa. Aprendi bem cedo a odiá-lo, porque sempre ouvia que ele era mulherengo e, de certo, minha mãe não ia aguentar isso. Segundo minha mãe, minha avó paterna colaborava com o abandono paternal,

pois ela incentivava meu pai a não assumir os filhos ao colocar dúvidas na cabeça dele. Cresci ouvindo histórias que minha mãe precisava brigar para que ele desse dinheiro para o sustento dos filhos, que não eram somente dela. Acho que minha mãe cansou, porque quando me entendi por gente ela já não pegava esse dinheiro que, com certeza, nem era suficiente para ajudá-la no sustento da casa. Seguiu na labuta do trabalho doméstico ou no que aparecia para que não faltasse nada em casa.

Foram muitas faxinas feitas, foram muitos trabalhos extras de cozinha. Seu maior talento era na cozinha, mas se reinventava em outras atividades, como funcionária de limpeza, babá, governanta, caixa. Ela não teve oportunidade de estudar, fazendo apenas o ensino fundamental – se não me engano, em seu tempo, esse tal ensino fundamental se chamava de “madureira”. Ninguém conseguia, porém, passá-la para trás; ela era muito inteligente e astuta. Como disse no início da narrativa, minha mãe tinha práticas feministas mesmo sem saber: não aceitava humilhação, principalmente de homens, mesmo que isso lhe custasse um tapa.

Era assim: pau para toda obra, cozinha de forno e fogão e ainda sobrava tempo, nos finais de semana, para cuidar dos cabelos das amigas e vizinhas. Muitas diziam: “Ana tem uma mão boa para cuidar de cabelo crespo”. Era trança, chapinha, hidratação. De curso de cabeleireiro nunca nem passou perto, mas a necessidade, sim, esta bateu muitas vezes em nossa porta e, quando o trabalho lhe faltava, ficava madrugadas inteiras sem dormir. Ao amanhecer tinha um maço de cigarro queimado no cinzeiro de pedra que ela ganhou de uma de suas patroas.

Sua rede de proteção era sempre minha tia que, no final da tarde, chegava com sacolas cheia de alimentos e, muitas vezes, vinha de brinde uma boneca de plástico com cabelo de milho para mim e um carrinho de plástico para meu irmão. Minha tia não tinha vergonha: no final da feira passava olhando debaixo das barracas, onde pegava muitas

frutas e verduras boas para o consumo, e, se precisasse, pedia pra um e para outro ou até mesmo nas igrejas, não importava se evangélica ou católica, pois o importante era trazer sacoladas de alimentos para não faltar nada. Minha mãe recebia aquilo e transformava em deliciosos pratos de lamber os beiços.

São muitas lembranças! Lembro que éramos crianças traquinas com a imaginação fértil para aprontar, mas muito cedo já ficávamos sozinhos em casa e tínhamos a responsabilidade de arrumar a casa. Minha mãe dividia os afazeres domésticos, mas sobrava sempre para mim a pior parte – nunca fui chegada em fazer trabalhos domésticos. Sempre sonhei que iria trabalhar fora e que seria advogada para prender todos que maltratassem minha mãe e tia. Porém, quando fui para a escola, achei encantador ser professora.

A escola foi um espaço onde percebi o quanto não era bem-vinda. A primeira escola, que era comandada por freiras, não tinha muitas crianças com tranças no cabelo e os meninos me chamavam pelo nome do meu irmão. Lembro que, no recreio, ficava muitas vezes sozinha ou tinha que ficar na sala. Não entendia porque as crianças não ficavam perto de mim, mas foram nessas circunstâncias que tive que me reinventar contra crianças cruéis me chamando de vários apelidos: cabelo de bombril, cor de bosta, entre outros, isso porque não era negra de pele retinta nem branca – a mestiçagem, ao contrário do que a democracia racial prega, gera conflitos raciais.

Fui crescendo e, quando tinha 10 anos, minha mãe conseguiu com o patrão uma bolsa em um colégio interno adventista em Minas. Foi esse lugar que me salvou dos perigos das ruas e de casa. Hoje compreendo que minha casa e minha família não eram sinônimo de proteção. No colégio, as violências eram diferentes, mas as palavras que minha mãe sempre dizia: “em filho meu ninguém bate, eles não têm pai, mas tem uma mãe que vira uma onça para proteger suas crias” foram fundamentais para me livrar de várias situações de violência que outras meninas sofriam, como tomar banho de água fria, caso fizesse

xixi na cama às cinco da manhã ou tomar bordoadas na cabeça quando não respondesse a tabuada corretamente.

Meu corpo foi mudando conforme o tempo passava e, como adolescente, percebi que era preterida pelos meninos na escola, que demoraram para me perceber. Não fui a primeira a dar beijo na boca; aliás, acho que fui a última da turma. Usava meu cabelo natural, crespo e curto, e percebi que não era o padrão de beleza mais admirado. Não me lembro de ficar triste por isso, mas tentava ocupar meu tempo em fazer o melhor que eu podia em outras coisas para ser aceita nos grupos. Por exemplo, tirar dez nas disciplinas escolares e andar de patins eram parte das minhas melhores habilidades e isso trazia as pessoas para perto.

Voltei para casa já uma mocinha, como dizia minha mãe, vindo o primeiro namorado, a primeira relação sexual e também as primeiras surras por estar enamorada. Minha mãe não aceitava o namoro, dizendo que ele, meu namorado, era branco e só queria se aproveitar de mim. Nunca acreditei que o que ela dizia fosse verdade. Entreguei-me de corpo e alma nessa relação. À primeira gravidez decidi não dar continuidade, pois não tinha condições psicológicas e financeiras para ter um filho e o pai muito menos. Eu não me sentia segura e ainda tinha minha mãe. O que ela faria? Não quis arriscar. O primeiro aborto, um risco que corri, mas não via outra saída, tornou-se um segredo guardado por anos e poucas pessoas souberam.

Aborto, uma problemática em nosso país. Muitos criminalizam, mas é feito por muitas mulheres pretas, pobres e periférica como eu, de maneira totalmente insalubre, correndo riscos de morrer. Tenho péssimas lembranças desse momento. Não queria fazer aquilo; porém, eu tinha 17 anos, uma vida inteira pela frente, um namorado que não me trazia tanta segurança e todas as inseguranças do mundo, inclusive a de passar por um procedimento tão arriscado, do qual não desisti. Dor, sangramento e o medo de dar errado são tristes lembranças que tenho desse dia.

O sentimento de perda me fazia vomitar. Me senti um lixo, não entendia que o corpo me pertencia e que poderia escolher o que eu queria para ele. Foram dias tristes, pois a norma da sociedade dizia que eu não podia fazer aquilo, era um crime na lei dos homens e na lei de Deus. Infelizmente, nós, mulheres, não temos poder de decisão; nosso corpo ainda não nos pertence na sua totalidade. Isso aconteceu há mais de 26 anos e não mudou até então, uma vez que mulheres seguem morrendo por fazerem abortos clandestinos. E continuamos na luta pela descriminalização e pela vida de nós, mulheres, pretas e pobres.

O casamento veio em meios às exigências da minha mãe. Depois de tanto lutar contra e de várias surras, ela desistiu e casei com meu namorado. Na cabeça dela, porém, o mais importante era ter entrado na igreja, ter a bênção do padre, para não dizerem que era mais uma da família a não ter um homem do lado ou mais uma largada. Logo veio um filho de pele muito clara e as primeiras falas racistas: “que lindo! Nasceu branquinho como o pai”, mas eu, como mãe, era negada, mesmo tendo a criança nos braços. Perguntavam: “cadê a mãe da criança?”

Pari meu filho num hospital público e sofri várias violências obstétricas. Na primeira vez que o trouxeram para mamar, a enfermeira não acreditou que fosse meu e, por isso, se certificou com outros profissionais e nas papeladas se ele era meu filho mesmo. Não vi esse procedimento com outras mulheres; mas, afinal, nosso país não é miscigenado? Por que uma mulher preta não poderia ter um menino branco com olhos verdes? Na época registrei na minha mente este e outros episódios, mas não disse nada e me calei. Me senti só neste momento e fiquei muitas horas no corredor do hospital para depois ir para o quarto, um frio após o parto que só passou com aquele corpinho quente na minha cama, mamando em meus seios fartos. Para mim era questão de honra e de amor poder ensinar para o meu filho quem eu era e quem ele poderia ser.

A vida a dois foi muito complicada e depois de alguns anos decidi me separar. Aluguei um apartamento com uma amiga, mas não deu certo e voltei para casa de minha mãe, algo complicado porque ali teria que viver sob as ordens dela. Minha mãe parecia um general; nunca abaixava a guarda.

As coisas ficaram mais difíceis e perdemos a casa que meus avós deixaram para os filhos e netos morarem. Mais uma vez a injustiça prevaleceu, sem que tivéssemos defesa, mesmo pagando advogados e utilizando a lei de Usucapião. Gastamos tudo que tínhamos para pagar os honorários advocatícios, mas não teve jeito: fomos despejados, com caminhões da prefeitura e a polícia militar vindo nos tirar. Contraditória nossa justiça, pois quando minha mãe e tia precisavam da polícia, esta não aparecia empenhada em ajudá-las; porém, para nos jogar na rua, ela apareceu rapidamente. Parecia que tínhamos ocupado o terreno e o sacrifício dos meus avós de pagar anos a fio o terreno foi todo para o ralo. Ainda bem que eles não estavam mais nesse plano, pois com certeza eles se reviraram no caixão. Foi um choque para minha mãe e tia, já que perdemos tudo que tínhamos e nossos móveis ficaram um lixo. Com apenas duzentos reais no bolso aluguei uma casa para não ficarmos na rua e, depois disso, a saúde mental da minha mãe nunca mais foi a mesma. Desse episódio para frente, além de sustentar meu filho, agora tinha que assumir o cuidado da minha mãe, o que continua até os dias de hoje.

Veio o segundo casamento. O novo relacionamento já vinha com indícios de ser abusivo, mas não percebi. Com seis meses, já estávamos morando juntos e veio o primeiro ataque de ciúmes, a primeira discussão em público, a primeira violência física. Em meio a brigas e conciliações, o segundo filho chegou a pedido dele. Infelizmente, foram os piores dias da minha vida até eu entender que aquele relacionamento me deixava triste, me fazia mal. Hoje, meu filho oriundo desse relacionamento, tem 15 anos e o meu mais velho está casado com uma moça negra. Ensinei e ensino a importância dos meus

filhos respeitarem as mulheres e, mais ainda, valorizar as mulheres negras – está dando certo.

De tantos relatos doloridos, percebo que a vida que tenho hoje é levada por lutas e resistências. Depois dos 40 anos, consegui voltar a estudar e concluir a graduação por meio do financiamento estudantil. Hoje sou assistente social procurando uma colocação no mercado de trabalho. Apesar de ter quebrado a regra e conseguido chegar tão longe, encontro dificuldades no mercado de trabalho, mas continuarei resistindo, por mim, pelos que estão ao meu redor e fazem parte da minha história, pelos meus ancestrais que me guiaram até aqui.

Sinto-me ressurgindo das cinzas a cada dificuldade, como criei forças para resistir, não sei, mas devo tudo isso às minhas pretas: minha mãe Ana, que hoje está com 75 anos e já não tem mais a percepção de quantas coisas mudaram em nossas vidas através da luta; minhas tias Carmelita e Terezinha, que estão em outro plano espiritual; meu primo José Carlos, que me protegeu o quanto pôde, mas infelizmente seguiu por caminhos sem volta e foi assassinado pelo tráfico como tantos jovens pretos da periferia.

Ainda continuo na luta por uma vida digna para mim e para os meus. Tenho orgulho porque consegui ultrapassar barreiras e sou a primeira da minha família a me formar. Cheguei longe e sei que tudo que passei me fortaleceu e vai fortalecer quem está vindo agora: meus filhos, meus netos, bisnetos, minhas sobrinhas e sobrinhos e os netos do meu irmão.

Enfim, em meio a essa conjuntura política e social que vivemos atualmente, todos esses retrocessos são para nos manter na senzala; conseguimos, porém, sair e nunca mais vamos voltar. A mulher negra está se ressignificando nessa sociedade machista, racista, e nada vai conseguir derrubá-la. “Quando uma sobe a outra dá a mão e puxa quem está embaixo”: foi assim com as que vieram antes de mim e está sendo assim agora, contando minha história. A sororidade umas com as outras está nos tirando da solidão social e afetiva que nos

submeteram e, por isso, hoje nos recusamos a manter o *status quo* das mulheres negras. A luta é árdua, mas não vamos deixar de lutar.



## *Se o caminho é meu...*

*Maitê Freitas*

Este texto nasce não apenas de um convite, mas também de um desejo de expressar à minha mãe, Elizabete Alves de Oliveira, e ao meu pai, Luiz Rosa de Freitas, todo amor e gratidão por eles terem, desde cedo, firmado o meu ponto, criado bases sólidas e férteis para minha individualidade e por me ensinarem a não desistir dos meus sonhos e a não temer os espaços que eu vislumbre ocupar.

Levei 33 anos para compreender que aquilo que, usualmente, na minha família, nomeamos como cobrança, nada mais era do que um combinado, um acordo ético para sobreviver em um mundo racista. Foi dando uma entrevista que compreendi o quanto as falas de meu pai e de minha mãe não só me alertavam; elas também me educaram para enfrentar os desafios de se viver em um país desigual, classista, machista e, mais uma vez, racista. “Ser boa é pouco. Você é mulher, negra e pobre, precisa ser a melhor” e “mesmo sendo a melhor, vão te ver como a média”. Tais palavras me guiaram para caminhar e vislumbrar maneiras de estar no mundo, de ocupar os espaços e lutar para que a minha presença possa ser ressignificada constantemente.

Hoje eu percebo o quanto estar em determinados lugares, atuar em determinados projetos, foi um ato de transgressão nessa estrutura que me subalterniza, me coloca como periférica e me minoriza. Ter escrúpulos e ser ética em um país meritocrático e que sempre viu a minha presença de mulher-jovem-criança negra como algo estranho, alheio e não pertencente, não foi e não é fácil.

Embora eu escreva esta narrativa na primeira pessoa, fazendo uso do “Eu”, imagino que muitas mulheres negras lerão este escrito e se identificarão. Infelizmente, existem marcas concretas, pontuais e estruturais que o racismo e o machismo preservam. É como se criassem marcadores, que, independentemente do ponto da

caminhada, ao caminhar e ao existir em uma sociedade racista toda mulher negra passará por eles. Com o tempo, entendi que construir a minha presença e fala na primeira pessoa, fazendo uso do Eu sem medo, é a maior arma contra essa lógica opressora. Ao falar, escrever e me colocar como sendo Eu, me individualizo e me desloco de uma massa construída estrategicamente para ser oprimida e emudecida.

Durante muito tempo optei por inverter a lógica da discriminação. Sabia que muitas situações no trabalho estavam relacionadas ao fato de eu ser pobre e ser negra. Às vezes, eu pensava “me tratam assim, porque sabem que eu sou do Grajaú. Sou pobre, sou preta”. Romper com essa hierarquia discriminatória foi uma construção por uma nova forma de me entender, de me posicionar e de construir o meu discurso no meio em que frequentava. Com o tempo entendi que não importava: eu poderia ser rica, milionária, mas eu sempre seria vista como aquela que serve o café para os brancos e não como aquela que tem articulação e poder de fala.

Poder de fala. Essas três palavras me acompanham e acredito nelas piamente. Eu tenho o poder de fala. Um mundo pode se construir a partir da minha fala. Eu luto para que um mundo, um velho mundo se desconstrua com a minha fala.

Me recordo que, há quatro anos, ouvi a ativista e feminista negra Jurema Werneck afirmar “nossos passos vêm de longe”. Sim! Os meus passos vêm de longe! Ao evocar os meus pais, evoco meus avós, minhas tias, primas e todas as matriarcas que, através de suas vidas e suas capacidades de se reinventar e sobreviver, possibilitaram e abriram caminhos para que eu pudesse escolher não me submeter ao jogo torpe que o racismo tenta impor e encontrar um caminho mais autônomo, sem medo de ser protagonista de minha história.

Lembro que, em 2014, eu trabalhava em uma equipe de pesquisa de um programa sobre ética e um dia, sem mais nem menos, fui demitida do projeto. Alguns dias antes da minha demissão, eu – que era a única negra da equipe – relatei que havia passado por uma situação

racista durante uma pesquisa de campo. A coordenadora de pesquisa descreditou que eu pudesse estar falando a verdade. Para ela, era inconcebível que a gerente de uma loja popular deixasse de me receber porque eu era negra, jornalista e integrava uma equipe de programa televisivo. Dias depois desse episódio fui demitida sob a alegação de que o meu trabalho não estava no perfil e a contento do esperado. Na mesma época, eu havia decidido que estava na hora de sair da casa da minha mãe e morar sozinha. E, semanas antes desse episódio na produtora, eu havia estado em Brasília na companhia de mulheres negras de diversos lugares da diáspora. Tinha conhecido Angela Davis, Patricia Hill Collins, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Paulina Chiziane, Jurema Werneck... Sem contar a companhia das amigas que, naquela época, assim como eu, se engajam e realizam projetos emblemáticos na luta pelos direitos das mulheres negras nas artes, na literatura e na sociedade: Priscila Obaci, Débora Marçal, Elizandra Souza, Carmen Faustino, Carolina Maíra, Jaqueline Fernandes... Tantas e tantas outras.

Por que evoco essa história? Porque um dia, antes de retornar para São Paulo, estive num terreiro para o plantio de um Baobá, o Emboandeiro, a Árvore Sagrada, o orixá Tempo. Era em círculo que o plantio e o culto aconteceriam. Os atabaques bateram para o sagrado se manifestar e, diante de tal manifestação, a Senhora dos Ventos, a dona dos movimentos, se apresentou, me cumprimentou e, na frente dela, eu apenas agradei. Eu renasci. Ao retornar para São Paulo, vi minha vida mudar e me vi mudar diante da vida.

Quando o vento sopra, o melhor que se pode fazer é ficar leve e deixar que Ela – a Senhora dos Ventos – conduza. Assim foi: saí da casa da minha mãe e fui demitida do projeto que me daria condições para me manter em uma vida independente. Sair desse trabalho foi essencial para eu entender que não precisava mais me submeter a projetos que não faziam sentido para a narrativa de mundo e de relações profissionais que eu queria construir. Não trabalhar mais

em projetos 100% encabeçados por brancos foi uma escolha que fiz naquele momento em que guardei as minhas coisas na mochila, quando, ainda sem entender o que eu faria da minha vida profissional, sabia que devia confiar. Quem tem caminho caminha e não caminha sozinho.

“Nossos passos vêm de longe”. E, lá ao longe, eu podia enxergar que estava na hora de retomar os sonhos e que o instinto de sobrevivência, de pagar contas e de ter autonomia financeira deveria ser pautado por aquilo que eu acreditava e por aquilo que eu sonhava.

Em uma sociedade racista, tentam me fazer acreditar que o sonhar e o viver o sonho são um privilégio e que, a mim, mulher negra, caberia zelar para que eles – os brancos – alcancem seus “sonhos” com casa limpa, roupa lavada e comida feita.

Depois que entendi, aceitei e recebi a passagem dessa ventania, tudo mudou, eu mudei. Hoje, quatro anos depois, percebo que escolher dispor a minha energia para aquilo que eu acredito, para ter encontros que fundamentam a minha caminhada com histórias de mulheres negras quilombolas, urbanas e diaspóricas e mulheres indígenas, para realizar projetos que ousam questionar as estruturas vigentes e reescrever a história.

Desde então, ouvir histórias, registrá-las, narrá-las e me conhecer através delas passou a ser fortalecedor, norteador e a principal fonte do meu sustento. Em um país racista, não se pode caminhar sozinha. Estar com as minhas, ouvir suas histórias e compartilhar nossos sonhos, angústias e inquietações são práticas fortalecedoras e dão contorno para seguir.

Seja no set de gravação, no café, em uma mesa de boteco, em um restaurante ou na cozinha de minha casa, receber as histórias das minhas pares possibilita que sonhemos um novo mundo juntas, um mundo possível: repleto de vozes, de corpos plurais, de estampas e de boas ideias.

Nós, mulheres negras, reinventamos diariamente as nossas

existências. Eu nunca sou a mesma pessoa. O tal vento da mudança instaurou na minha alma o senso e o entendimento de que, mais do que ser, o importante é estar, ocupar os meus espaços interiores e exteriores com aquilo que posso ecoar para o mundo e para mim, acreditar que sonhar é o passo inicial para realizar tudo aquilo que alguns desacreditam.

A minha fala tem o lugar que eu quiser e esse lugar de fala só eu posso ocupar. Tais entendimentos me fortalecem e busco repeti-los como mantra para mim e para quem nasce dentro de mim. Eu, mulher negra, aos 33 anos, revejo a minha trajetória e percebo que os meus passos vêm de longe e que eles abrem, guardam e dão contornos ao caminho que este ser, que brota dentro de mim, percorrerá.

Ao fruto que brotou, cresce e se manifesta, dedico este breve recorte da minha história. Um pequeno trecho do caminho que venho fazendo até aqui. Poder realizar o sonho de gerar uma vida vem me revelando e me levando a percorrer os caminhos de muitas lembranças, rever ponto a ponto do trajeto e entender que, agora, os meus passos são o longe de alguém.



# *Resistência*

*Maria de Jesus Santana*

Nasci em casa no dia 28 do mês de fevereiro de 1955, após muitos problemas no parto. Meu nome: Maria de Jesus, uma promessa feita pela parteira evangélica.

Na verdade, meu primeiro desafio já havia sido superado em parceria com minha mãe, pois após meu pai saber da gravidez de minha mãe, sugeriu ou até exigiu que eu fosse abortada, alegando dificuldades financeiras, uma vez que já tinha outro filho com menos de 2 anos; mais tarde, foi descoberto que havia engravidado sua amante, cujo filho nasceu na mesma semana de fevereiro. A separação dos meus pais aconteceu na sequência, nos meus 2 meses, quando minha mãe, analfabeta e sem profissão, ficou com dois filhos para criar.

Comecei minha vida profissional aos 5 anos de idade como babá do pequeno Luiz Henrique. Vocês podem pensar: como, com essa idade, alguém poderia ser uma babá? Eu tinha responsabilidades: cuidar para que o pequeno ficasse no berço ou “chiqueirinho” sem engasgar, sendo distraído para não chorar e alimentado com papinhas. Apesar de criança, eu não podia dormir, ou brincar, como qualquer outra criança da idade.

Minha vida escolar foi marcada por dificuldades. Comecei apenas aos 8 anos de idade, pois não havia escolas para todas as crianças. Mais tarde, após terminar o primário, não consegui entrar no ginásio e, pelo mesmo motivo, tive que cursar um quinto ano chamado “admissão”, um curso de português e matemática. Não tendo condições para comprar materiais escolares para os dois filhos, a prioridade de minha mãe era o filho maior, menino e provável provedor da família, já que a lógica seria a menina se preparar para ser uma ótima dona de casa, casar e cuidar de marido e filhos. O máximo que eu conseguia era utilizar os mesmos materiais de meu irmão, como estojo de

madeira, lápis, borracha e régua. Ele os utilizava pela manhã e eu à tarde. Eu ficava na porta da escola aguardando a saída dele para pegar o estojo. Meu uniforme, uma saia azul marinho e camiseta branca, era confeccionado por minha mãe. Eu usava uma saia de pano de saco de farinha de trigo, tingido de azul.

O ginásio foi cursado à noite, apesar de não ter os 14 anos completos, exigidos para o curso noturno. Com problemas de saúde, minha mãe sofreu várias cirurgias e, com 12 anos, eu já trabalhava como doméstica para ajudar nas despesas da casa, mesmo possuindo o curso de datilografia, na época um dos diferenciais para conseguir emprego em escritório. Trabalhei como auxiliar de costureira e ajudei a vizinhança a tirar água dos poços para as donas de casa. Meu primeiro emprego com registro em carteira foi em uma indústria de viés e etiqueta, já com 17 anos. Em seguida, trabalhei em um banco e em vários escritórios como trabalhadora temporária, até ingressar na faculdade de Economia. Prestei, então, um concurso público como escriturária e pela classificação fui trabalhar na Coordenadoria. Eu era uma das três secretárias que compunham o departamento; ainda assim, tive que pedir empréstimo educativo no banco Caixa, cujo pagamento começou um ano após terminar o curso e, assim, consegui sair das inúmeras dificuldades. Sem recursos para alimentação, estando faminta nas aulas e tendo o transporte dificultado pela distância e custo, consegui, a partir do segundo ano, um percentual de bolsa no primeiro e no segundo semestre pelo meu desempenho e, com o reconhecimento do professor e vice-reitor da faculdade, fui indicada como monitora de ensino. A viagem de trem para a faculdade não era nada confortável, e ainda ia com fome, pois a marmita do almoço à tarde já tinha sido superada. A divisão de lanchinhos nem era, muitas vezes, possível entre os colegas, mas desde o primário nunca levava lanches – foram poucas as vezes em que isso aconteceu.

Moradia, outra grande dificuldade. Minha mãe perdeu o barraco, construído em um terreno adquirido com sacrifícios, pois ela

foi ludibriada pela proprietária, que a convenceu a devolver o lote em troca de um quarto e uma cozinha, sem custos, até a maioria de meu irmão mais velho. Esse acordo foi quebrado dois anos depois e, nossa família, ao relento, passou a morar em vários locais oferecidos em troca de trabalhos extras de minha mãe. Eram locais terríveis, sem banheiro, onde chovia dentro, não havia condições de preparo de alimentos, com fogão a carvão e “chuva interna abundante”. Quando melhorou um pouco a situação, minha mãe penhorou seu único bem, um rádio, para conseguir o valor do depósito em uma moradia melhor: um quarto de tijolos, em um quintal com mais de cinco famílias, um único banheiro, um único tanque para lavar as roupas e com água do poço a ser retirada a 27 metros de profundidade.

Surpresa: o prédio e seus moradores, apesar de alguns problemas, era maravilhoso. Após a reforma de nosso apartamento, ficou um espetáculo. Minha filha adorava morar lá; tinha muitas crianças. Minha mãe ficava feliz em arrumar o jardim, antes cheio de pedras e matos. Ela cuidou muito bem e ficou lindo. Moramos lá por 11 anos, um dos períodos mais lindos de minha vida. Alguns vizinhos tinham problemas financeiros e às vezes faltava dinheiro para o gás, mas sempre tínhamos como ajudar a todos, em todos os aspectos. Só nos mudamos depois de aposentada, mas ainda trabalhando na mesma empresa, resolvi investir em outro imóvel e, por ser quatro vezes maior e oferecer mais conforto, mudamos e moro até hoje nesse imóvel.

Nem tudo foi tão cruel para a família que recebeu apoio de algumas patroas ao longo da vida.

Muitos nomes surgiram a partir do ginásio. Minha professora me chamava de Lurdinha, apelido que me acompanhou por vários anos, surgindo o apelido do apelido: Lu, Lulu, Lurdoca, tia Lu. No banco fui até registrada como Maria José, como escreviam Maria J. Pereira Santana, e só descobri o erro quando veio o documento do PIS, mas até aí era chamada de Maria José, Zezé, Mazé, até pelos clientes. Alguns vizinhos

achavam que eu tinha cara de Terezinha e, por mais que eu corrigisse, era chamada de Tere, Terere, enquanto outros me chamavam de Maria Aparecida, Cidinha, Cida e Cidoca. Nomes/apelidos sempre aceitos com carinho, após várias contestações. Formada e indicada para trabalhar em uma grande empresa multinacional, pelo meu grande mestre e doutor em Economia, trabalhei por 28 anos, mesmo depois de aposentada.

Tenho um sentimento de gratidão à vida, a Deus e ao Universo por ter conseguido cuidar da minha mãe, irmão, filha, cachorros – dos quais fomos tutores, Dick I, Dick II e Dom Dick III, em épocas diferentes – enquanto precisaram e hoje ser premiada com três netos lindos e queridos de uma filha estudiosa, desafiadora, guerreira. Também sou grata por ter conhecido pessoas maravilhosas e outras difíceis que me ajudaram no aprendizado. Quero ser uma avó, amiga e companheira, fazer bolinhos de chuva para o chá da tarde, fazer bolos de laranjas, cenouras e bananas como a minha mãe, cantar, dançar e brincar com meus netos. Estes são filhos com mel, são delícias da vida, são temperos da existência e ninguém deveria sair dessa vida sem ter essa experiência de ser avó.

Enriquece a alma ajudar ao menos na escolha do feijão para preparação de alimentos servidos aos amigos em situação de rua. Hoje, em um novo ciclo de vida, estudar e desenvolver trabalhos em duas casas espíritas afaga meus mais íntimos sentimentos. Sinto-me útil, gosto de servir, de fazer o bem pelo bem, de amar por amar, respeitar o próximo, a natureza. Sou bem exigente comigo mesma e adoro justiça. Não me sinto constrangida em dizer que amo a vida e tudo que ela oferece: experiências boas e outras desafiadoras que só nos ajudam a crescer.

## *Sementes espalhadas que florescem*

*Marli de Fátima Aguiar*

Sou Marli de Fátima Aguiar. Os dois primeiros nomes, meus pais escolheram, já o terceiro veio do colonizador. Do dono da fazenda onde habitaram meus primeiros ancestrais vindos de África, e, como este nome foi dado após a “abolição”, foi passado de geração a geração. No dia em que obtive esta informação, tentei rejeitá-lo, negá-lo, mas não foi possível. Pensei: “carrego o sobrenome e as marcas, na história, na minha vida e na de meus pais”. Gostaria de ter tido um nome em iorubá, ou igbo, choça, zulu... Mas não pude mudá-lo, porque a distância das minhas raízes africanas também é uma marca colonizadora e destruidora de corpos, de línguas, nomes, ideias, sonhos e histórias. O meu sobrenome Aguiar, de branco, não me dá nenhum privilégio, pois, a ele se sobrepõe a cor de minha pele. Tenho conseguido estar em paz com isso, agora com meus 49 anos, e sei que ele também marca minha identidade de mulher, negra, oriunda de família pobre, periférica e vinda da diáspora. Nasci no estado de Minas Gerais e, até os 12 anos de idade, vivi em fazendas na zona rural com toda minha família. Só aos 13, viemos com minha família para a cidade tentar uma vida melhor. Era o êxodo rural.

Quando alguém me pede para contar um pouco de minha história, é sempre desafiador. Sinto um frio na barriga e tenho medo do que dizer, principalmente quando outros vão ler. O medo aumenta quando se sabe que estes relatos farão parte de um livro.

Livro é algo de que gosto muito, ou melhor, aprendi a gostar, reaprendi a ler. Reaprendi a viajar nas histórias, nas linhas construídas, nas ideias que me transportam a outros lugares, sendo ficção ou mesmo realidade. Além de gostar de ler, também gosto de escrever, mas, escrevo menos do que gostaria. Encanta-me costurar ideias, histórias através das minhas e de outras pessoas, em especial de minha infância

e de minha família. Fico me perguntando de onde veio tudo isso. O amor pelos livros, pela escrita, pelas construções de imagens através de textos. Imagens estas que me levam a retornar ao passado e ver como meus velhos queridos, hoje em memória, nos deixaram, a mim e minhas irmãs e irmãos. Retornar ao passado às vezes é bom, mas às vezes dói muito também. Faz-nos reviver, sentir novamente o vivido há tempos. Ao mesmo tempo, é fundamental o resgate de memórias. Penso que tudo isso é processo de cura, de reencontro e reconstrução, que pode ser pessoal e coletiva.

Meus pais não tiveram acesso à escola. Meu pai apenas assinava o nome, mas sabia fazer contas como ninguém. Ele sabia quantas sacas de café ou feijão colhia ao longo do dia ou do mês. Ensinou-nos a matemática, a fazer contas com grãos de café, de feijão, quando não, com pedrinhas misturadas à terra vermelha. As mãos negras e sujas, as unhas cheias de terra e suor do trabalho do dia, no meio das lavouras, em fim de tarde, com o sol quase se pondo. E respirava com alívio porque era hora de voltar para casa. Já minha mãe também assinava seu nome, mas ela desafiava um pouco mais. Ia além das incertezas ou da sina de que não saberia ler. Ela lia a bíblia. Era o único livro que tinha em mãos, e acho que o único que havia em casa. Lia também pedaços de jornais, aqueles que embrulhavam pedaços de sabão que meu pai comprava na venda perto de onde morávamos. Me lembro de vê-la no escuro da noite com uma lamparina, lendo pedaços rasgados das folhas daquele livro grosso que era a bíblia. Suponho que tenha aprendido a ler com este livro histórico, e suponho também que tenha adquirido o gosto por livros e pela leitura ali. Ela o folheava com muito cuidado, apertava os olhos com a luz de lamparina para tentar ver melhor as letras e frases que iam se construindo. Pensando, agora, escrevendo este texto, dá uma ternura acompanhada de dor, da cena dela no escuro, em um canto da casa, quando todo mundo já estava dormido. Após a jornada longa e dura do dia, precisava garantir um tempinho para si, era seu momento de viajar nas histórias contadas ali,

para lugares onde ela sabia que jamais veria na realidade. Mas quem sabe suas filhas ou netas?

Quando entrei na escola, uma escola rural muito escassa, percebi um mundo de conhecimentos, somente por ver as cores dos lápis e as folhas em branco do papel, que para mim eram raras. Por também saber que, de alguma forma, iria se completar com algo que cada criança iria escrever e aprender. Para mim e meu irmão, era muito difícil, pois, meus pais não tinham como comprar cadernos e lápis preto. Lápis de cor era o sonho dos sonhos. Talvez por isso eu tenha encantos por cores, lápis, lápis de cores, canetas, cadernos... Voltando para eles, em especial para minha mãe, a escola era o único lugar que nos tiraria da ignorância para ser “alguém” na vida e, com isso, quando não tínhamos cadernos, ela organizava umas folhas de cor rosa, papel de embrulho de pão e fazia lápis com o carvão do fogão amarrado em um pedaço fino de madeira. Ela sabia que aquilo era um grafite, e isso nos permitia, a mim e a meu irmão, escrever, tanto na escola, como em casa, ao realizar os deveres indicados pela professora. Íamos felizes para a escola, mas sofríamos humilhações por isso também. Lembro-me dela estar conosco na beira no fogão de lenha, com a lamparina, para fazermos a lição de casa. Eu sempre levei a sério os estudos, mas meu irmão nem tanto. Fazia as lições e via, assim como meus pais, que nelas estava o caminho para realmente “ser alguém”.

Na escola na zona rural, na Fazenda da Mata, em Minas, sofríamos muito, porque éramos muito pobres e as condições eram bem precárias. Lembro-me de não termos sapatos, não termos roupas direito e o inverno ser rigoroso, com geadas e muitas neblinas. Era frio e duro. E minha mãe fazia de tudo para que pudéssemos nos sentir mais confortáveis. Costurava cobertores para fazer blusas de frio e, quando tinha dinheiro, comprava congá. Quando não, usávamos um chinelinho velho, cortado ao meio, que já havia passado do irmão mais velho para o mais novo e assim por diante. A vida escolar não era nada fácil. Sem contar as marcas do racismo, da violência, do desafeto e dos

preterimentos por parte das professoras, que eram exclusivamente brancas. Seus olhares indiferentes por nossa condição, racial e social, ou por medo, desprezo, piedade.

Ainda com esta realidade dura, percebo que sou o que sou. Percebo também quem são meus irmãos e minhas irmãs hoje. Tudo isso fruto do amor que recebemos deles — nossos pais —, o amor precário materialmente, mas o afeto em suas formas mais singelas. Recebemos o amor que eles puderam nos ofertar e nas condições que tinham para nos dar. Acesso à escola e o incentivo que tivemos penso que sempre foram formas de amor declarado: “você não podem seguir como seu pai e eu, sem nada na vida, sem saber ler e escrever. Vai sim todos os dias para a escola!”, dizia Luzia, minha mãe.

E quando aprendi a ler, tudo se descortinou na vida daquela menina pretinha de sete anos. Aquela de cabelos crespos, às vezes cheio de folhas e pedaços de pau. Alçando voo, de pele escura e olhos atentos, mesmo que a professora não acreditasse nem desse atenção. Foi neste ambiente escolar que descobri que meu irmão e eu éramos diferentes das outras crianças. Eu fazia rápido a lição e sei que fazia bem, mas a professora, várias vezes, me deixava de castigo ajoelhada no milho, porque dizia que eu copiava de minha coleguinha branca ou porque eu ficava conversando com outras crianças, tentando ajudá-las. Eu não entendia o motivo dos castigos, ficava brava. Mas estava feliz porque estava descobrindo o mundo através das letras. Quando íamos à cidade com minha mãe e outros irmãos, eu lia todos os letreiros, todas as placas, e aquilo fazendo um redemoinho em minha cabeça, em meu peito. Coisa que eu não conseguia expressar e hoje também não. E minha mãe dizia: “Tá ficando doida menina?” E eu respondia: “Não, mamãe, é que agora eu já sei ler”. E com os olhos seguia lendo pela boleia do caminhão na mesma velocidade do vento que cortava nossa cara. Aprender a ler foi a grande descoberta na minha vida. Até hoje!

Estes gestos tão simples e tão profundos de Luzia, minha mãe, e

Zé, meu pai, deixaram marcas indeléveis em mim e em vários aspectos da vida. E uma ligação inseparável de suas referências. Sinto hoje que é a mesma ligação com a escrita, com os livros, com minhas histórias e histórias de outras mulheres negras.

Mas depois, novamente por iniciativa de Luzia, porque queria ver os filhos serem doutores e em melhores condições de vida, fomos para a cidade de Franca, trabalhar em fábricas de calçados. Mudar para a cidade mudou tudo. Mudou a relação com o mundo. Se na roça era difícil, na cidade, com aluguel, água e luz para pagar, e a metade da família desempregada, era muito pior. Mas ela, minha mãe, não desistiu. Colocou todo mundo para estudar, os menores pela manhã, e as meninas trabalhadoras domésticas com os filhos mais velhos que trabalhavam na fábrica, à noite. E assim fomos reconstituindo a vida e a família nesta nova realidade. Antes, o cheiro era de mato, café, cana. Agora, de couro, cola, da vida dura da cidade.

Meus pais eram muitos corajosos. Para começar, tiveram 16 filhos. Destes, hoje somos em 11, cinco irmãos e sete irmãs, que deram vida às novas gerações de netos e bisnetos. Minha família é grande e sempre acolheu outros filhos, irmãos sem famílias, assim como quase toda família mineira dos anos 60 e 70. Éramos muitos, e isso ajudava no trabalho nas lavouras, nas terras do patrão, em troca de milho, arroz, feijão. De todos esses, somente uma irmã e eu cursamos a universidade. Devido às idas e vindas e às poucas possibilidades, acabei de concluir a universidade pública no ano passado, com meus 49 anos de idade. Uma irmã menor tem o curso técnico de enfermagem e massoterapia. Dos sobrinhos e sobrinhas, são poucos os que adquiram um amor e uma relação profunda com a escola. E a eles, talvez esteja condicionado o caminho do trabalho precário nas fábricas de sapatos.

O tempo passa, a gente cresce e a vida vai tomando outros rumos, mas sempre dei muita importância ao conhecimento, à leitura, à escola, e agora, com a faculdade, esta relação se tornou mais intensa. Minha mãe, antes de falecer, pode ver e acompanhar o sonho de ver

a filha cursando a universidade. Ficou orgulhosa ao acompanhar a filha percorrendo este caminho, algo que ela não pode experimentar ao longo de sua vida. Orgulhosos também estão meus irmãos, assim também meus sobrinhos ao verem minha trajetória tanto acadêmica como de escritora. De certa forma, tenho sido uma referência para eles em vários aspectos, e os incentivo a voltarem a estudar. Nesta trajetória, descobrimos que no meio familiar existem vários artistas, escritores, desenhistas mirins, compositores de *hip hop*. E sabem que podem porque sua irmã ou tia está neste caminho certo. Além disso, foi esta irmã e tia que pode morar em dois países diferentes, falar outras línguas, apesar de tudo indicar que não seria possível e de que ali, talvez, não seria seu lugar. Por isso podem. E a futura geração, também.

### ***De uma linhagem de mulheres guerreiras e de sangue nos olhos***

Quando paro para pensar neste momento em que me encontro atualmente, posso afirmar que há muito de minha mãe em mim, sua força, sua coragem de desbravar o desconhecido, sua relação com outras mulheres e o senso de liderança. Sempre na briga pela justiça, da menor à maior situação, tanto para si, como para outras e outros. Outro ponto importante nesta trajetória que me marca muito é minha mãe e sua máquina de costura. Além das viagens na leitura da bíblia, ela também viajava, criava e costurava, qualquer coisa, sem mesmo realizar nenhum tipo de curso. Todas essas lembranças da infância. É engraçado porque estou neste processo de reconstrução pessoal, de buscar me reencontrar, e, para isso, sempre voltamos às origens, às memórias. É neste percurso de escrita deste texto, que posso perceber o quanto estou me vendo, me revendo. É incrível o reencontro comigo, com ela, com a mãe dela, e com a mãe da mãe dela, e com a mãe de meu pai, e as matriarcas desta família. Mulheres, estas últimas, que sempre estavam em nossas conversas, mesmo que não tenha chegado

a conhecê-las. Somos de família matriarca dos dois lados, e a força destas mulheres correm em meu sangue. Quando olho para minhas irmãs, minhas primas e agora minhas sobrinhas, são impressionantes estas marcas, estas referências.

Minha avó materna, Mariana Augusta de Jesus, era dada a artista. Dizia minha mãe que ela era uma preta bonita que gostava de cantar. Ela também era parteira, ligada às ervas e às rezas. Quando levava as crianças para benzer, rezava baixinho e passava os ramos de folhas para tirar quebrante e mau olhado. Vó Mariana gostava das florestas, rios, cachoeiras. Também trabalhava no campo, filha de negros escravizados. Ela gostava de bordar, de costurar e de contar histórias. Por outro lado, vó Maria Augusta, mãe de meu pai, era de sangue nos olhos. Meu pai dizia que as pessoas a chamavam de feiticeira e macumbeira. Era mulher brava. Diziam que as mulheres que vieram antes dela eram guerreiras, e que enfrentaram grandes batalhas pela libertação de seu povo. Não sei exatamente como isso se deu, mas fico muito feliz por trazer em meu corpo e minha alma este sangue de guerreiras, macumbeiras, feiticeiras e destas linhagens de mulheres sábias. A partir dessas histórias e do papel dessas mulheres no entorno de minha mãe, posso entender bem seu engajamento nas comunidades eclesiais de base, as CEBs<sup>4</sup>. Militância política e feminista que, mesmo sem saber, estava encampando e trazendo suas filhas e filhos com elas. D. Luzia sempre cantava esta canção da igreja, que para ela trazia um sentido profundo: “se o grão de trigo não morre, viverá na solidão; mas se acaso ele morrer, muitos frutos há de dar”. Penso que trigo seria seu próprio ensinamento, que deveria morrer, germinar e dar frutos. Posso entender os caminhos que minhas irmãs, irmãos e eu traçamos no dia a dia e isso me fortalece.

De ambos os lados, essas mulheres traziam a relação direta com

---

<sup>4</sup> Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), ligadas à Teologia da Libertação, linha progressista da Igreja Católica na América Latina, sendo uma igreja do povo.

as ervas, curas, e as forças ancestrais. O que é a benção? O que é o uso de ervas para tirar as dores das crianças e adultos? O que eram as ervas batidas no pilão para passar em alguma ferida dos corpos ou chá para curar as dores da alma? O que era ser parteira nos lugares onde não chegava fio de luz ou de transporte? Médicos? Onde, senão na cidade? E quem morava na cidade? A cidade não era para pretos. O que eram as rezas, as festas folclóricas? Catira, congada, folias de reis, jongo? As festas sempre aconteciam nos grandes terreiros de terra vermelha, levantando poeira, e juntavam a comunidade inteira para cantar, tocar tambores, rezar e agradecer, principalmente pelas colheitas. E depois sempre havia algum tipo de comida para encerrar a noite.

Claro que o racismo perpassa toda esta narrativa, mas a superação e a resistência a ele também. Nas histórias contadas por minhas irmãs — que eram trabalhadoras domésticas e dormiam no trabalho —, não tinham hora de parar. Sempre tinham de estar à disposição para atender aos patrões e seus filhos a qualquer hora em que esses chegassem. Elas sofriam violência pois, além de todo o trabalho pesado, apanhavam das patroas quando estas achavam que não tinham realizado bem determinada tarefa ou quando estavam enciumadas delas. Minhas irmãs relatam ainda hoje que naqueles tempos havia baile para brancos e para negros. Os negros não podiam se aproximar dos bailes dos brancos, mas, em dado momento, os salões dos negros eram invadidos pelos brancos. Os negros tinham que seguir tocando, trabalhando para alegar o baile dos brancos. Alguns iam embora porque não podiam estar no mesmo espaço. Isso era no Brasil de 1970, não nos Estados Unidos. E diziam elas que se juntavam os pretos numa casa, acendiam a fogueira, e seguiam suas festas, com danças e tambores. Foi assim que sempre resistimos, e a cada coisa tirada de nós, reinventamos outra.

E no campo, na zona rural, as mulheres reinventavam a vida. Trago também na memória as histórias, isso tanto de mamãe quanto

de papai. Eles gostavam destes momentos após a janta, de se reunirem com a meninada. Herdaram o hábito de seus pais, dos pais de seus pais. Quase todas as noites, nós ficávamos todos empoleirados em cima do fogão, com olhinhos de gatos, aguardando o momento das diversas narrativas que viriam. Eram histórias de mula sem cabeça, corpo seco, do Saci Pererê, do homem que andava na floresta com os pés para trás e tantas outras. Muitas eram dali da região mesmo, e, para nós, era tudo o que assombrava. Era pavoroso, mas adorávamos esse momento juntos, às vezes, cochilando de sono antes de chegar o fim da história.

Meu pai sempre trazia uma história ou outra sobre uma personagem em especial, não me lembro o nome, mas sei que passara pela escravidão. O personagem era escravizado, vivia maus tratos na fazenda, e não queria viver mais aquela situação. Ele fazia várias tentativas de fuga com outros pretos, para fugir das fazendas de café em Minas, dizia meu pai. Essas memórias da escravidão ainda estavam muito perto para ele. Era possível que seu avô, meu bisavô, fora aquela personagem. Para nos tranquilizar e para que dormíssemos bem, terminava a história com final feliz: o escravo conseguia fugir e se encontrar com outros pretos no meio do mato, onde nenhum branco ou capataz conseguiria entrar. Se essas não são histórias de resistências de quilombos, não sei o que são. Então, é muito interessante para mim trazer e rever estas memórias que há tanto tempo ficaram guardadas.

Quando falamos sobre ancestralidade, falamos desta força transmitida de geração a geração, que me permite ficar em pé e seguir em frente. É esta força que transmutava e transmuta, mesmo no meio de tantas dores e violências. Encontrar focos de resistências no espírito das palavras, desta força trazida de muito longe e que reverbera em mim, em minhas irmãs, em minhas sobrinhas, em tantas outras mulheres. Por isso dizemos: *“Nossos passos vêm de longe”*. E assim nossa força e nossa ancestralidade, que formam o pilar de tudo o que aprendi e vivi, me fortalecem.

A relação com as águas, os rios e a natureza. Minha mãe convivia

com outras mulheres negras e brancas pobres, lavavam roupa na bica e cantavam cantigas. Outra tarefa coletiva era o cuidado dos filhos, pois, enquanto umas estavam na roça, na lavoura, outras cuidavam das crianças. Era cuidado coletivo, um tipo de creche comunitária.

E o preparo do pão era outra experiência única e cheia de magia, amor e encantamentos, que sempre ocorria na casa de D. Luzia, porque ali havia um grande forno de lenha. Ali produziam-se vários tipos de pães, doces, bolos e sempre com a criançada ao redor, fazendo parte daquela construção. E a costura, onde suturavam suas histórias, alegrias e dores. Havia um cuidado, além das crianças, que era com a casa, os animais, as plantações. São memórias lindas de se recuperar e lembrar que não havia só dor e sofrimento. Elas se reinventavam a cada dia, umas com as outras, nas cirandas de mulheres sábias, e esta vida coletiva era o bem maior.

Meus pais fizeram de tudo para que meus irmãos e eu pudéssemos ser “alguém”, E me recordo de que eles diziam: “podem criar asas e sair por aí, mas nunca esqueçam de duas coisas: de que são pretos e do lugar de onde vieram. É isso que fará com que outros lhes respeitem”. E nós crescemos com esta certeza-compromisso. Ajudou ser filha de um relacionamento afrocentrado. E acredito que conseguimos ser tanto o que meus pais queriam, como afirmar o que realmente somos.

Ver a situação em que se encontra o Brasil, o genocídio de homens e mulheres negras, a falta de perspectiva para o futuro, às vezes dá desânimo. Mas quando vejo meus sobrinhos e sobrinhas reconhecerem quem são, e serem capazes de se afirmar no mundo, mesmo com seus limites, mas com suas presenças negras de crianças amadas, vejo que isso é resistência e que assim se combate ao racismo. Acredito que a mudança virá, e que está vindo: das mulheres negras, que ainda carregam a força ancestral.

Percebo hoje, quando escrevo esta narrativa, o quanto carrego de minha mãe em mim. Acredito que sou escritora porque, de alguma

forma, ela assim me viu, lá no dia em que nasci, quando me trouxe ao mundo por suas próprias mãos de negra e de mulher parteira. Este fio de luz e de possibilidades permitiu que eu pudesse escrever esta história, que é minha, é dela, é nossa.



## *Costuras, comidas e coisas concretas da vida*

*Miriam Nobre<sup>5</sup>*

A história da minha família paterna começa em Conservatória, no final do século XIX. Ali, uma jovem que estava na condição de escrava e um jovem filho do fazendeiro se apaixonaram, fugiram e foram levar uma vida modesta para os lados de Batatais. Meu pai contava essa história de seus avós por parte de mãe para explicar porque tinha decidido ir viver em Volta Redonda para começar de novo a história da família. E eu me lembro dessa história sempre pelo ponto de vista do rapaz; sua moral era de que, para ser feliz no amor, era preciso não se apegar a heranças e bens materiais.

Minhas tias devem ter escutado essa história e invertido o sentido. Dos cinco filhos, dois homens e três mulheres, duas foram decidindo ser solteiras e organizar a vida material – a delas próprias e a de todo mundo em volta. Quando eu nasci elas já eram servidoras públicas e uma delas tinha um fusca. Elas, naquela época, viajavam nas férias e nos davam presentes. Eu me perguntava se o fato de elas serem assim – com tantas margens para se mover na vida – tinha a ver com serem solteiras; se elas tinham decidido “vou ser solteira”, ou se a vida tinha decidido por elas. O passado amoroso delas – se havia – era cheio de mistério. O namorado de uma delas a tinha deixado para casar-se com uma moça branca e de posses. Talvez tivesse sido esta a desilusão derradeira, pois esse rapaz, já senhor idoso, veio fazer uma visita e manifestar seu pesar quando minha tia mais velha faleceu. No meio da sala cheia de sobrinhas e netos ele contou que mandou uma carta de amor para minha tia, que a devolveu com todos os erros de português circulados em vermelho e prontamente ela respondeu que a carta parecia ter catapora. E não se falou mais do assunto.

---

5 Agradeço à Bianca Borgianni pela leitura em primeira mão e pelos comentários que me deram coragem.

A mais velha das minhas duas tias solteiras nem era a mais velha dos irmãos. Era a terceira na ordem, mas foi virando a que tinha experiência para resolver as coisas práticas da vida e com o passar dos muitos anos foi virando a matriarca da família. Acho que foi dela a ideia de tornar-se funcionária pública. Ela dizia que, no serviço público, não tinha discriminação de aparência – a pessoa podia ser feia, podia ter um casaco só e puído no cotovelo. Em outras palavras, podia ser negra e pobre. E então ela foi, e depois arrastou a irmã mais nova, ambas passando a atravessar a cidade todos os dias para trabalhar no centro e ter um salário. Minha avó, para ter seu dinheirinho, economizava do que meu avô dava para ela administrar as contas da casa. Minhas tias não quiseram isso para elas nem nós – mulher ter seu próprio salário virou lei para todas nós. E, com exceção de mim, todas se tornaram funcionárias públicas. Meu pai, meu tio e minha tia mais velha casaram e minha avó morreu. Minha tia se separou e veio com meus dois primos morar com as irmãs, enquanto meu avô se casou e se mudou. Minha tia do meio, bem prática, cuidou de ir para uma casa menor. Eram duas tias com salário e uma tia que cuidava de todas as coisas da casa: assim se formou a casa das tias, onde sempre havia comida no almoço e no jantar para quem chegasse; onde eu e minhas irmãs passávamos as férias; onde minhas irmãs vieram morar para estudar em São Paulo; onde nossas filhas e filhos eram cuidados quando não estavam na escola; onde minha mãe foi cuidada nos momentos finais da doença; onde a sala tinha espaço para acolher as festas de família.

Nessa casa minhas tias construíram a segurança afetiva e alimentar de três gerações: a delas, a nossa e a de nossos filhos. E ainda nos emprestavam dinheiro para chegar ao final do mês ou para comprar coisas grandes, o que seria impossível de outra maneira. A gente pagava como podia e no dia do nosso aniversário elas perdoavam as dívidas do ano anterior. Nós tínhamos o nosso jubileu doméstico.

Se não fosse toda essa estrutura familiar não sei como eu estaria lutando para dismantelar a família patriarcal. A Cristina

Carrasco (2003)<sup>6</sup> diz que as lógicas e os tempos da economia capitalista são contraditórios às lógicas e aos tempos da vida e que as mulheres terminam por ser a variável de ajuste entre essas lógicas irreconciliáveis. As mulheres remendam tecidos esgarçados desde os tempos de Penélope. Mas como é que a gente desmonta as lógicas e tempos capitalistas ainda vivendo neles e sendo responsável por outras pessoas? Comigo foi com a casa das tias. Tias que eram trabalhadoras assalariadas ou não e que remendavam a meia no ovo de madeira, inclusive as minhas.

Com esse luxo todo eu pude correr o mundo construindo a Marcha Mundial das Mulheres. Eu sempre gostei na Marcha dessa coisa da materialidade. Nossa identidade comum se constrói por meio da ação e essa ação se materializa. Em 2005, resolvemos escrever uma Carta das Mulheres para a Humanidade. Queríamos projetar um mundo diferente para viver e parar de ficar apresentando demandas aceitáveis ao poder público e aos organismos multilaterais. Tudo utopia. Porém, conseguimos concretizá-la como em uma colcha de retalhos: cada país expressou em um retalho sua visão desse mundo que queremos e já estamos construindo. Os retalhos iam sendo costurados conforme a Colcha ia viajando pelo mundo, começando na cidade de São Paulo e terminando na cidade de Ouagadougou, em Burkina Faso. As ativistas da Marcha de Burkina propuseram, como parte da Ação, que juntássemos recursos para uma bolsa de estudos em jornalismo para uma garota. Eu achei um absurdo, assistencialista, pontual, que não resolveria nada, pois temos que lutar pela universidade pública. A primeira doação veio do Haiti com uma cartinha, desejando que essa companheira seguisse conosco. Isso me fez perceber que não entendia muitas coisas. Um movimento para existir tem que fazer coisas concretas, elas diziam.

---

6 CARRASCO, Cristina. *A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres?* In FARIA, Nalu; NOBRE, Miriam (org). A produção do viver. São Paulo: SOF, 2003.

Aprendi muito tentando fazer coisas concretas na África. Em 2007, junto com a Via Campesina, Amigos da Terra e outras organizações, organizamos Nyèleni – Fórum de Soberania Alimentar. Construímos uma vila em Selingué, no Mali, que depois se tornou um espaço de formação para a organização camponesa de lá. Havia tijolo, sapé, plantação e, nós da Marcha, com a CAFO (Coalizão das Associações e ONG's Femininas do Mali), cuidamos daquilo que é concreto, mas que é esquecido porque faz e desfaz. Cuidamos de alimentar, durante os cinco dias de evento, 500 pessoas de todas as partes do mundo. Tínhamos decidido construir o Fórum como queremos construir o mundo, mas conforme o tempo ia passando e a ansiedade dos estrangeiros aumentando, não faltavam argumentos para que a gente contratasse um *catering* profissional. Nós, da Marcha, bancamos o discurso de que as mulheres do Mali sabiam e fariam a comida para toda aquela gente e que isso não atrapalharia os tempos de reunião. Ainda defendemos que elas receberiam uma ajuda de custo no mesmo valor que os operários que construíam a vila. Quando eles souberam disso pararam o trabalho por horas, de modo que às vésperas do povo chegar a vila nem estava pronta.

O primeiro jantar teve uma fila de horas. Cada mulher, quando servia o prato, parava e olhava nos olhos da pessoa a sua frente. Na segunda manhã, uma indiana desmaiou ao ver a vaca ser degolada ali mesmo no nosso terreiro-cozinha, mas aos poucos a vida foi se organizando. Ninguém adoeceu por causa da comida. Fizemos a coletiva de imprensa na cozinha. Atrasamos o jantar para que as mulheres que faziam a comida participassem da plenária final. No café da manhã a gente comia mingau de fonio, um tipo de painço, que, diz a lenda, foi domesticado por Nyèleni. Ela era filha única de um casal de agricultores que, aos olhos da comunidade, pareciam amaldiçoados por terem apenas um filho e ainda mulher. Nyèleni cultivava como ninguém e seu nome virou símbolo de abundância na agricultura.

Em 2010 organizamos o encerramento da terceira ação da Marcha

na cidade de Bukavu, no leste da República Democrática do Congo, onde grupos em conflito armado na região se utilizam da violência sexual como arma de guerra. As histórias são assustadoras, e a vida é totalmente esgarçada. E nós estávamos ali para organizar algo que fizesse sentido para as mulheres, um gesto concreto de solidariedade. Na primeira vez que fui à cidade estava com minhas companheiras da Marcha de Burkina Faso e do Mali. Partimos da cidade de Bujumbura, em Burundi, na van que faz este trajeto comercialmente. Estava conosco uma companheira de Bukavu. Além de nós quatro, iam também o motorista e um passageiro. No caminho, nas pequenas vilas que passávamos, as crianças vinham correndo acompanhar o carro. Nossa companheira de Burkina perguntou porque faziam isso, ao que nossa companheira de Bukavu respondeu que as crianças gostavam de ver gente diferente passar, ainda mais quando tinha “mzungu”. Mzungu? Mzungu quer dizer “branco” em suaíli. “Mas quem é branco aqui?”, eu perguntei. Em unísono minhas companheiras, o motorista e o outro passageiro caíram na risada e foi só esta a resposta. Dali em diante eu fiquei cuidando para não pensar com cabeça de mzungu.

Nossa desgraça, diziam elas, mulheres do Congo, é viver em uma terra tão rica. O que é a coisa concreta que fazemos e se torna perene em um lugar onde a vida se esgarça? Elas decidiram que o gesto concreto seria atravessar a zona de conflito para chegar a Mwenga<sup>7</sup> e dar uma sepultura digna e uma cerimônia de reconhecimento a 13 mulheres e 1 homem que haviam sido enterrados vivos em 1999. Elas tinham sido acusadas de feitiçaria, de fechar o corpo dos Mai-Mai, os grupos de autodefesa das comunidades. Organizamos uma caravana com 1.000 pessoas e assim foi feito. Ainda me custava entender como é a materialidade da vida quando a gente vai perdendo pessoas queridas no caminho e só quer refugiar-se na imaginação.

Pois chegou o momento em que vida impôs também para mim

---

<sup>7</sup> Mwenga é um povoado rural situado na província de Kivu do Sul, na República Democrática do Congo.

a obrigação de me aterrar. E a primeira coisa que pensamos quando precisamos nos aterrar é comer batata doce, mandioca, inhame. E então eu descobri que há muitas cores de batata doce: há cará, mandioca, inhame chinês... Com as agricultoras dos bairros rurais e quilombos da Barra do Turvo, aqui perto de nós, no Vale do Ribeira, interior de São Paulo. E essa coisa tão simples que é as mulheres plantarem e nós comermos envolve um monte de desafios. Elas se organizaram em grupos para colocar os produtos, nos organizamos em grupos para comprar e, em grupos de grupos, para conseguir uma caminhonete que subisse a serra pelo menos uma vez por mês. E então fomos compartilhando com elas a luta pelo território, a decisão pelo jeito como querem plantar, manejar a floresta, viver, fazer festa, enterrar seus mortos. Na Feira da Reforma Agrária uma companheira nossa viu um homem adulto chorar quando comeu um cuscuz feito de mandioca e amendoim, nosso café da manhã nos quilombos. Ele lembrou do cuscuz que comia na casa de sua avó em um quilombo na Bahia.

Esta é a herança que recebi da minha bisavó. Pode ser que a gente tenha que atravessar o oceano ou os rios para plantar as raízes que aterram nossa memória na materialidade da vida.

## *Não tem coisa boa se não lembra da ruim*

*.Nega Duda*

Eu fui uma menina muito sofrida. Fui a primeira filha da minha mãe. Hoje eu vejo que os maus-tratos não eram por culpa dela. Sinto que ela tinha uma vida e eu interrompi. Depois de mim, vieram vários irmãos de quem eu tomava conta. Só três não nasceram dentro de casa. Quando minha mãe sentia dor, eu corria para chamar dona Maria, a parteira. Nasceu, pronto, cuidava – tudo normal. Tem uma irmã minha, a caçula das mulheres, Jean, que minha mãe estava em pé e, assim, começou a ter dor: “Vá lá chamar dona Maria!” Quando eu abri a porta, minha irmã caiu. A gente fala que ela é doida e estabanada por isso, mas é o jeitinho dela.

Eu lavava as roupas. Na primeira vez que eu lavei eu quase morri. Eu não sabia de onde saía tanto sangue. Uma pessoa não pode perder tanto, não pode existir tanto sangue assim dentro de alguém. Tinha uma fonte no quintal de uma vizinha e eu ia botando água. Quanto mais água você joga parece que vira mais. A placenta é grande. Não sei como sai criança, placenta, tudo de dentro de uma pessoa. “Mulher é o que, rapaz?”. Mulher é força, vida, renascimento, o poder da criação, mulher é a força que mantém esse universo em constante evolução.

Mas falar só de mim não adianta. Tem que falar das de antes de mim.

Eu vi vários irmãos meus morrerem por desidratação, aquela doença horrível em que as crianças ficavam pele e osso. Uma das minhas irmãs tinha um ano e seis meses quando morreu e eu tinha uns 10 anos na época. Cheguei da escola, a peguei nos braços – era só pele e osso – e ela suspirou e morreu. Minha mãe falava que ela esperou eu chegar para morrer.

Não era uma vida ruim, era uma vida boa. Quando não tinha meio dia, comia de noite, mas ninguém nunca dormiu sem nada. Depois foi

melhorando, mas os maus-tratos eram constantes. Hoje eu entendo a minha mãe, mas passei muito tempo sem entender.

Depois que você chega a uma certa idade, lê coisas, se apropria da leitura, você começa a ver que sua mãe era uma feminista daquele tempo. Uma mulher sozinha que criou 13 filhos em uma sociedade machista. A gente está falando de 1970 – eu sou de 67. E a gente está falando do interior do Recôncavo. Se aqui está desse jeito, lá o patriarcado e o machismo ainda imperam. Depois de uns anos minha mãe foi amadurecendo e maltratando menos os filhos, mas eu tenho marcas para sempre; fui queimada em brasa.

Você fica olhando e pensa: por que é que minha mãe fez isso? Eu sempre falo disso porque eu tenho que falar. Não tem coisa boa se não se lembra da ruim. Tenho trauma porque muita coisa da infância eu não lembro; só fui lembrar depois que minha mãe morreu. Acho que bloqueei muita coisa. Fiquei sem essas memórias. Minhas memórias eram mais com a minha avó. Minha avó era o carinho.

Foi uma infância danadinha. Eu brincava, subia no pé de manga, de jaca, buscava goiaba no mato, andava dois quilômetros com balde para buscar goiaba. Naquele tempo, o Recôncavo tinha goiaba para varrer o chão. A gente trazia os baldes cheios para descascar, tirar a polpa, fazer doce para guardar.

E tratava peixe com a minha mãe. Na minha terra tem um peixe chamado xangó. Não é Xangô, não, é xangó. Parece uma sardinha menor. A gente tira a espinha do meio, limpa e fica o filezinho. A moqueca é feita de três filezinhos juntos. Vai arrumando os montinhos na frigideira, tempera bem com todo o tempero da moqueca e cozinha. Desse mesmo jeito que a gente faz os três filezinhos temperados como moqueca, a gente pega um quadrado da palha da banana, dobra, amarra as pontas, depois assa no carvão: chama moqueca de folha. É original da minha cidade, São Francisco do Conde, no Recôncavo, uma cidade banhada pela Baía de Todos os Santos.

Aquele peixe é daquele que a canoa vem cheia. É muito. Na

minha casa a gente tratava aquelas latas de óleo de 18 litros cheias de peixe. As pessoas pagavam para a minha mãe tratar os filezinhos – era muito trabalhoso, então as pessoas já levavam para casa aquele filezinho só para temperar, fazer e comer. A gente passava o dia todo sentada tratando peixe.

Minha mãe nasceu e foi criada na mesma casa onde eu nasci e fui criada. Na casa que era do meu avô, a 200 metros do mar. A gente não chama praia, chama maré, porque a areia não é branca. É manguezal e a areia é escura. Eu era viciada em tomar banho de mar. E minha mãe não queria que a gente entrasse, porque morria muita gente afogada na maré alta. Então a gente apanhava antes para não ir e apanhava depois por ter ido. Mesmo sabendo nadar, a maré leva, mas não adiantava minha mãe bater. O mar chamava.

Eu pescava siri, fazia aquelas iscas, o jereré. O siri vinha comer a tripa do peixe e a gente ia botando para dentro. Isso aí juntava quatro ou cinco amigas. Cada uma pegava uma coisa escondida que tinha na casa da mãe e fazia a moqueca de siri com farinha para comer de tarde. Fazia um fogo no quintal, com pau mesmo.

Minha mãe é de 1942 e morreu em 2010. Ela me teve com 25 anos, até aproveitando mais do que eu, que fui mãe aos 16. E nem brinquei de boneca, porque não tive boneca nenhuma. Os brinquedos eram de palha de milho. Minha filha fala assim: “mainha, por que você quer boneca?”. Digo que compro as bonecas que não tive, todas pretas. Brinco agora, não tem problema.

Meu avô eu não conheci. Quando eu nasci, ele já tinha morrido. Morreu de um ferimento que ele teve nos pés, na maré. Era pescador. Meu tio, irmão da minha mãe, era pescador também.

Sempre trabalhei em casa de família, desde os 12 anos. Na primeira casa de família onde trabalhei fiquei lá mais de 20 anos. Tenho vínculos com essa casa até hoje, pois tenho Fernando, compadre que amo muito, como padrinho do meu primeiro filho.

Essa coisa de estudar para mim sempre foi muito forte. Não fui

que eu não estudei porque não quisesse, como o povo fala, foi porque não dava. Ou criava o filho ou trabalhava ou estudava. Bem fácil, né?! Sair de uma casa de família, quando saía, e estudar? Eu fiz até a sexta série de antigamente. Foi puxado. Estudei em colégio de padre, fiz da primeira à quarta série em uma escola dentro do Convento de São Francisco, que existe até hoje. Lá participava do coral da igreja. Venho de uma escola da igreja e vinha com os ensinamentos da igreja, mesmo que em casa mãe e avó que quebrassem a doutrina da igreja, pois dentro de casa era outra coisa. Depois fiz um ano só na escola municipal, cantava hino nacional com a mão no peito, usava aquele uniforme e vim a descobrir que era a ditadura. Terminei o segundo grau aqui em São Paulo, em 2014, pela EJA.

Na minha cidade tinha uma separação: os que eram da Petrobrás, os petroleiros, eram as pessoas que ganhavam bem, moravam em casas boas, os filhos iam para a escola, depois iam para Salvador estudar, eram da alta sociedade. Quem não era petroleiro não era nada. Na minha cidade é assim até hoje. 92% da população é negra, mas têm aqueles que não se acham. Hoje tem muita gente na luta lá. Tem a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). No meu tempo, não, a gente já nascia com aquele ferro na cabeça, alisando o cabelo, ou então aquelas tranças bem apertadas.

Eu tocava na banda da escola. Adorava ir para desfile e procissão. Tem a procissão de São Gonçalo, a festa de Nossa Senhora da Conceição da Praia, que tem o cortejo, as nove novenas, o candomblé no final e o presente para Iemanjá, que os terreiros vão levar. Era uma festa feita pelos pescadores. Aí vem a prefeitura, o trio elétrico, os famosos. Era mais bonito no meu tempo. Era no luar.

Na minha casa não tinha nem televisão. Minha mãe deixava a gente ir assistir na casa da vizinha. A gente assistia da janela porque ela não nos deixava entrar para não sujar a casa, ou quando entrava não podia nem respirar – às vezes era melhor assistir da janela mesmo. Agora eu comprei uma mais moderna, porque quero estudar vendo os

vídeos e documentários do Youtube, Netflix. No dia em que comprei essa tv me veio a lembrança de quando eu ficava na janela na casa da vizinha. Por que, né?!

Fiz o que eu pude para que os meus filhos não passassem metade do que passei. Todos os sapos, dinossauros, cobras que tive que engolir. Dei o que pude. Meu filho tinha 3 anos e não falava direito. Levei a uma médica que disse que ele precisava ver desenho animado para desenvolver a fala, mas eu não tinha televisão. Em 1987, comprei uma preta e branco. Meu filho Jackson nasceu em 1985 e minha filha Jaqueline em 86. Ele é de março, e ela de fevereiro e, por isso, por um mês os dois têm a mesma idade.

Tudo o que eu pude dar de comida para eles eu dei. Meu amor pela cozinha vem de pequena. Fazia tudo para os meus irmãos. Depois, no terreiro. No terreiro tudo é comida e lá aprendi a fazer caruru, vatapá, tudo com minha avó e minha mãe. Depois fui para os livros e, em todas as casas onde trabalhei, havia aqueles livros maravilhosos de receita. Pizza, eu fazia em casa para comer. Pão caseiro, até hoje eu faço. Todos os bolos confeitados de aniversário eu fazia, sucos... Tudo pouquinho, para os amigos, os vizinhos. Tudo assim, um, dois. Até juntar tudo, fica tudo bonito. Tudo o que pude dar a eles de sabor e amor eu dei e dou até hoje.

Meu sonho é montar meu restaurante e botar o nome da minha mãe nele: Dete do Xangó. Ela se autodeclarava “a barona de Cajaíba”, porque Cajaíba é uma ilha maravilhosa da minha cidade. Foi uma ilha do Barão Fernão Rodrigues Castelo Branco desde o tempo do império, mas também foi uma ilha amaldiçoada, onde se matava mais negros no Recôncavo. Até hoje existem os fossos cheios de lanças onde o Barão jogava seus escravos vivos. A maré enchia e levava esses corpos para o mar. Como sempre, a água salgada, o mar, levando, lavando e curando nossos corpos.



# *Magia negra*

*Sandra Silva*

Do alto dos meus 9 anos, eu já tinha ouvido uma história de que a tia Lurdinha, irmã caçula da minha vó, tinha ganhado muito dinheiro na loteria, possuía muitas casas e carros e ajudado muita gente. Como, então, ela morava naquela casinha velha de madeira na beira da linha do trem, do lado da favela? Meus pais, que não tinham dinheiro para nada, dividiam os nossos poucos recursos com ela. Eu não entendia nada, mas não importava. O que importava era a delícia de passar dias a fio de férias ali naquela casa cheia de primos, de amigos e de música. A casa de dois quartos, sala e cozinha tinha uns 12 moradores fixos e um sem-número de agregados. Era incrível: sempre havia lugar para quem ficava, pelo chão que fosse. E todo mundo queria ficar. Tudo era escasso, menos o acolhimento. Costumávamos dormir com a tia Lurdinha: eu e mais duas primas crianças, em uma cama de casal ao lado da qual havia a escultura de uma santa, quase do meu tamanho, de pele preta e vestida com um manto azul de detalhes em branco. Achava linda, até o dia em que minha mãe viu a santa e não gostou. Perguntei o porquê: “Isso de ficar adorando imagem não é bom”. Alguma coisa no modo como ela disse isso me assustou: na casa da tia, passei, então, a dormir no sofá da sala.

Não saberia aqui explicar como, mas eu imediatamente associei a história da santa com o batuque que, quatro anos depois, passei a escutar do meu recém-adquirido quarto individual, durante muitas noites. Me dava uma inquietação, um misto de medo e de curiosidade. Mais medo do que curiosidade. Lembro de torcer para dormir antes, porque era bem melhor ouvir aquele barulho quando eu já estava dormindo. Lá em casa eu perguntei e ninguém ouvia nada além do ronco espetacular que meu pai praticava naquela época.

Eu tinha uns 14 anos quando, fazendo um caminho diferente para voltar da escola, notei uma casinha branca com uma fachada ampla e aberta com o seguinte escrito, em letras pretas garrafais: “CASA DO PAI VELUDO”. Tudo bem que eu era criança vigiada e não me era permitido explorar tanto a rua quanto meus amigos, mas eu morava no bairro há quatro anos e nunca tinha percebido aquela casa, a três quadras da minha, com uns dizeres tão sensacionais. Nessa época, minha mãe não tinha muita cabeça para conversar comigo, coitada. Ela andava cheia de preocupação de treta real de uma mãe de três, e eu ainda questionando tudo; era só o que faltava. Ainda bem que eu sempre tinha a vó. A vó e o vô sempre tinham escuta para mim, até para o que eu não dizia. Conteí do batuque e do Pai Veludo para minha vó, que riu do meu medo e, sem mais, soltou: “Isso são encontros. Aproveita para ter os seus”. Tentei entender, mas fiquei sem explicação. A vó sempre foi boa de me zoar a mente.

Eu já estava na faculdade, morando sozinha a 300 quilômetros de distância, para desgosto da minha vó, quando, em uma visita de domingo à casa deles, entrei no quarto de despejo do quintal – “esse muquifo!”, dizia a vó. Daquele quartinho maravilhoso eu já tinha resgatado uma bolsa-carteira marrom linda e de couro, que minha mãe comprou em sua época de solteira com seu primeiro salário e que eu usei até acabar; uns vinis incríveis, como aquele com a versão original de “Nervos de Aço”, na voz de Lupicínio Rodrigues, que meu vô vivia cantarolando; diversas roupas legais; uma máquina de escrever linda, a primeira do meu vô. Estava à caça de alguma relíquia dessas quando reparei em uma caixa em uma prateleira instalada bem no alto. Peguei uma escada e vi que na caixa estava escrito “Fotos Antigas”, na caligrafia caprichada que meu vô aperfeiçoava com prática regular. Desci a caixa pesada e, ao abrir, topei com um mundo: dezenas, talvez centenas de fotos de pessoas idosas, jovens adultas e crianças, todas negras, em paisagens interioranas: 6-8-1960, 21-1-1949, 19-03-1958... Passei pelo portão que separava o quintal da casa carregando aquela

caixa pesada, ciente de que tinha encontrado um tesouro.

Encontrei minha vó costurando na máquina. Com meu cutucão, ela levantou a cabeça para o meu lado, olhando por cima dos óculos: “Olha o que eu achei!”. Ela viu a caixa e as fotos que eu segurava, subiu o olhar para mim e falou, risonha: “Ô gata curiosa. Cadê as outras?”. Chamamos o vô, que cochilava na frente da televisão, e sentamos na mesa da área diante dos álbuns e das fotos. Fiquei tão passada que eu não estava perguntadeira. Passada, não. Acho que o termo é apaixonada, ou emocionada – qualquer coisa assim. Foi naquela tarde, naquela mesa, que eu soube que meu vô comprou a máquina de fotografar tão logo entrou para o Exército; que eu conheci os rostos e nomes da minha bisa, mãe da vó, e dos meus bisos, pais do vô; que eu conheci o rosto e a história da minha tia avó, irmã do vô, cuja morte precoce traumatizou a família; que eu vi as feições jovens e felizes de tios e tias, primos e primas, amigos e amigas; que eu soube que meu vô passou tempos dividido entre dois noivados, até se decidir pela minha vó – e eu entendi porque ela era tão ciumenta –; que eu vi familiares bêbados brincando com armas reais; que eu soube que as crianças pulavam carnaval inalando loló dado pelos adultos; que eu vi família e amigos se amando; que eu tive a visão do interior em que minha família existiu. Foi naquela tarde, naquela mesa, que eu me vi.

Eles permitiram que eu guardasse a caixa comigo, felizes da vida por eu me interessar por aquela “velharia”. Foi o céu. Quando me mudei para estudar na universidade, a caixa foi comigo: foram horas analisando aquelas fotos, estava enamorada, sem saber direito o que fazer com aquilo. No mesmo fim de semana em que decidi deixar a caixa na casa dos meus pais, encontrei minha vó cortando molde em pé, diante da mesa de costura. Antes de ela terminar o “Deus te abençõe”, eu já tinha posicionado diante dela uma foto da bisa (mãe dela), sentada com minha mãe bebê no colo, em 05-01-1959. “Vó, me conta alguma coisa da história da bisa?”. E ela contou o que ouviu: que seu avô era um preto, bem preto, mais preto do que o vô, azul

mesmo. E esse vô veio direto da África e foi feito escravo na Bahia. Era homem muito, muito forte e bravo, tão bravo que se recusava a falar português e sempre era castigado por isso. Disse que a bisa também era escravizada, mesmo depois da lei, e que fugiu de lá escondida em um navio com a minha vó no bucho, comendo comida roubada na espreita, ou não comendo por vários dias, até desembarcar no litoral de São Paulo e caminhar muitíssimos quilômetros interior adentro, onde minha vó nasceu; que a bisa era uma mulher difícil e da vida, que sabia de muitas coisas que não se usa mais saber.

Quando a casa dos meus pais já tinha piso, porta e decoração, fiz uma montagem com as minhas fotos preferidas sob o vidro da escrivaninha do meu quarto e guardei as demais no quartinho dos fundos. Morando no Rio, em uma visita a Bauru, descobri que a caixa tinha sido comida por cupim. Chorei de tristeza e alimentei certa mágoa da minha mãe. Reclamei com meu vô, enquanto brincávamos a brincadeira de sempre com suas mãos gigantes. O vô já estava naquela demência senil que vai e vem, típica dos bem velinhos. Já me olhava meio perdido. Eu mantinha os meus olhos baixos para disfarçar a vontade de chorar que me dava vê-lo assim. Ele segurou forte a minha mão e me olhou firme: “Fia, o vô tá cansado. Desde 1925, imagina! Imagina como eu tô cansado! Já vivi muito, já vi muito. Tá bom pra mim, eu quero ir. Tô cansado, tá?”. Meu coração quase saiu pela boca. Foram uns seis meses até que ele partisse. Minha vó também não durou muito mais tempo, mas o suficiente para se ressentir de verdade por ele tê-la deixado.

Cada retorno para meu quarto de origem era uma viagem naquelas fotos, mas fui voltando cada vez menos e me deslocando cada vez mais, tanto que morei em Joanesburgo, na África do Sul. Viajando com frequência pelo continente africano, estava, em certa medida, habituada à magia do retorno. Porém, chegar para duas semanas de trabalho em Dacar, no Senegal, às vésperas do meu aniversário, perdida em angústias pessoais e dramas sociais, foi diferente: eu olhava para

as pessoas na rua, os taxistas, os comerciantes e só sentia vontade de chorar de emoção. Liguei pra minha mãe na primeira oportunidade, pois precisava contar que estava todo mundo ali: meu vô, meu biso, minha bisa, as tias, todo mundo. “Achei”.

Alguns dias depois, eu me refrescava com uma cerveja pré-jantar, admirando a vista para a Ilha de Goré e pensando que daquele porto podiam ter saído boa parte dos meus, quando um colega sentou ao meu lado e falou, de passagem: “Eu me esqueci de dizer: Gogo me ligou há uns dias pedindo para você ir fazer uma visita”. Meu coração palpitou. Eu tinha encontrado essa vó do nosso amigo na casa deles, em Soweto, apenas uma vez, brevemente, mas simpatizado para sempre – ainda mais quando eu soube que ela é uma pessoa com dons ancestrais de cura. De volta a Joburg, ainda levei um tempinho para conseguir vê-la. Em uma manhã de sábado, ela estava curvada varrendo o quintal de terra com uma vassoura de mão e levantou a cabeça quando me viu descendo do carro: “Sawubona, Gogo”. Ela gostou da saudação em zulu. Com sorriso de vó, me chamou pra dentro fazendo um gesto com um braço. Entrei expandida pelo mesmo frenesi que me causavam os barulhos da casa do Pai Veludo. Tomamos chá, brincamos com as crianças, comemos com os adultos, assistimos à televisão, antes que finalmente os ossos falassem. E ali, no chão do quartinho de ervas da Gogo, eu aprendi que intuição e sonhos são muito próximos e as armas mais naturais para a própria proteção; que religião não importa, mas que é fundamental se conectar com Deus e com todas as divindades; que ancestralidade é nossa perspectiva de presente e de futuro; que é um dádiva se acoplar à natureza, sobretudo com a própria; que é importante ter coragem de sair, mas que é igualmente importante saber voltar pra casa.

Ainda precisei de meses para o retorno. Cheguei fisicamente muito antes de juntar todo o restante para trazer. Eu pensava nisso, distraída em meio a uma conversa em família, quando me atentei que o assunto era a imagem de santos. Senti um quentinho quando minha

mãe mencionou, assim sem mais, que era uma Iemanjá a habitar o quarto da tia Lurdinha.

## *Poder ser, existir e escolher*

*Silvana Bahia*

Até onde a nossa curiosidade, a nossa sede de conhecimento pode nos levar? Talvez esta seja uma pergunta sem resposta definida ou certa. Desde pequena sou curiosa, cheia de vontade de conhecer histórias, pessoas, lugares e coisas que não conheço. Filha de uma paraense, costureira, empregada doméstica, e de um músico carioca, filho de militar criado em colégio interno, desde a infância meu irmão e eu fomos estimulados pelos nossos pais a aprender, a conhecer. Aprendi a ler em casa com meus pais. Eu era daquele tipo de criança que amava ditado, caligrafia, conversar e perguntar tudo para as pessoas mais velhas.

Lembro que, quando fui para o “C.A”, para alfabetização, estudava em uma escola pública que fica dentro do Sambódromo – esse mesmo onde acontecem os desfiles de carnaval no Rio de Janeiro – e, à época, a escola se chamava CEMADE (não sei se continua com esse nome atualmente). Cheguei ao C.A sabendo ler e a escola me convidou a pular de série e ir direto para a antiga 1ª série do Ensino Fundamental, mas eu não topei porque não queria deixar minha professora, o que me rendeu anos de zoação pelo meu irmão, que me chamava de “boba” por ter perdido a oportunidade de se adiantar porque “não queria largar a professora”. Eu ficava com muita raiva dele, mas sei que ele não entendia que parte da minha vontade de estar ali era por conta das tias Beth e Tamara, minhas amadas professoras.

Está certo que a escola nem sempre foi um lugar atraente para mim. Fui um tipo de aluna que fazia bagunça, andava com a galera do fundão da sala, mas que gostava de aprender, de ter um bom relacionamento com meus professores e de admirá-los. Muitas vezes, penso que meu gosto pelo estudo surgiu por causa dos professores

que cruzaram o meu caminho, além do estímulo e quase obrigação que, principalmente minha mãe, colocava na minha cabeça: “você precisa estudar sempre, nada disso de que está passando mal e não vai para escola, vai passando mal”, ela dizia, quando eu fingia estar doente para faltar na aula.

Do ciclo básico de formação até a universidade eu quis ser e fui muita coisa. Meus primeiros trabalhos foram de babá, atendente de pet shop e manicure. Quando morei em São Paulo durante a fase conturbada da adolescência, passava as roupas e limpava a casa dos meus tios para ganhar um trocado. Sempre me virei para ter uma graninha que suprisse as necessidades básicas que, na época, eram rolezin com os amigos, praia, coisas para o cabelo, cinema. Repeti de série duas vezes, a 5ª e a 6ª, por falta. Não lembro bem quais eram minhas questões com a escola nesse tempo, mas todos os dias colocava o uniforme, saía de casa no horário da aula e ia para a casa das minhas amigas no mesmo prédio onde eu morava. Hoje eu me pergunto “por quê?” e sei que minha mãe ficava triste com isso. Demorou para eu voltar a gostar de estudar e isso só aconteceu quando entendi – já trabalhando no meu primeiro emprego de carteira assinada como auxiliar administrativo em uma terceirizada de um banco – que eu precisaria estudar ou aprender algumas coisas para ter aquilo que a minha mãe sempre quis que eu tivesse: uma profissão.

Esse peso da profissão, do estudo, é, para pessoas como meus pais, negros e pobres, uma carga fundamental na vida. Até mesmo por uma questão de dignidade, o trabalho é a honra. Passa de geração em geração. E lá em casa o ritmo era esse. Não com essas palavras, mas minha mãe sempre falava que eu precisava ser independente e para isso tinha que estudar. Essa coisa que os pais falam: “vou dar para meus filhos o que não tive”. Foi bem assim que funcionou na minha vida. Graças ao esforço da minha mãe eu pude estudar sem ter que trabalhar enquanto criança e isso possibilitou que eu pudesse fazer mudanças no meu caminho ou no caminho que talvez estivesse

“predestinada”, seguindo a lógica que operou a vida das mulheres que me antecederam na família.

É importante dizer que vivi e vivo um tempo diferente das minhas ancestrais, o que acredito que também contribuiu para que eu tivesse mais escolhas. Sou uma geração do Brasil que só viu o país crescer até então. Políticas de educação, emprego, erradicação da fome. Crescer nesse contexto fez a diferença para que eu pudesse estudar e ter uma profissão. Foram muitas dúvidas sobre o que “querer ser”, de dentista a musicista. E foi quando estava trabalhando como digitadora em uma multinacional, que pagava 50% da mensalidade de determinados cursos de graduação, que vi a oportunidade de entrar em uma universidade. Escolhi comunicação porque era o que eu considerava menos pior e o que mais poderia ter a ver comigo.

Na universidade tomei um susto. Foram mil encontros e mil desencontros. Imaginava que teria uma galera para chamar de minha, que a gente tocava violão e beberia no boteco da esquina, mas nada disso rolou. Fiz amigos, mas o pique era outro: eu já tinha 23 anos e não dava para só estudar. Trabalhava na multinacional das 18h à 1h da manhã, e ia para aula às 7h50, na Tijuca. Passar pela universidade foi fundamental para que eu entendesse mais ou menos o que queria da vida, mesmo que esse querer também estivesse em movimento e é, graças às deusas, mutável. Porém, foi ali que me apaixonei pelo estudo novamente. Conheci muita coisa legal a partir dos meus professores e amigos.

Já no final da graduação eu ainda não tinha conseguido um trabalho bacana na área e já tinha feito muitos processos seletivos. Passava nas provas, mas sempre ficava nas entrevistas e morria de culpa, porque pensava: “minha mãe investiu tanto em mim e não vou conseguir ser jornalista”. Minha crise com o jornalismo começou nesse momento e entendi que não tinha o perfil de “jornalista” que o mercado queria. Entendi a partir da fala da coordenadora do curso que disse que eu era muito colorida e que meu cabelo era muito “assim”

para arrumar trabalho. E olha que tentei me enquadrar muitas vezes no perfil “corporativão” e hoje agradeço por não ter ficado em nenhum desses trabalhos porque sei lá quem eu teria me tornado. Durante muito tempo sofri pensando o que ia fazer com o que aprendi na universidade, já que não me encaixava em lugar algum. Foi quando entrei para um projeto que estava começando na cidade, a Agência de Redes para a Juventude e, na sequência, fui trabalhar no Observatório de Favelas, onde encontrei a comunicação mais negra que já tinha visto, formada pelos meus mestrões Raika Julie e Thiago Ansel.

Com eles aprendi a trabalhar, a pensar a comunicação como algo que eu acreditava quando entrei na universidade: como ferramenta de transformação social. E mais uma vez fui estimulada a estudar, mas agora poderia ser o que eu quisesse pesquisar. Foi quando entrei para o mestrado para estudar a ocupação dos espaços públicos pelos coletivos que misturam arte, política, cultura. Nessa fase eu também comecei a trabalhar na comunicação do KBELA, filme dirigido pela minha amiga Yasmin Thayná, em que pude experimentar, ao lado do meu parceiro Bruno F. Duarte, um jeito nosso de fazer comunicação e me encantei novamente pela profissão que escolhi.

Nessa época a internet e as tecnologias de comunicação digital começaram a se popularizar através dos telefones celulares e eu estava muito curiosa para saber mais sobre essas coisas. Fui trabalhar no Olabi, uma organização que trabalha a favor de mais diversidade na produção de novas tecnologias. Entendi que tecnologia é a uma ferramenta muito poderosa, que pauta muito do nosso futuro e presente e que, na realidade, ela nunca esteve longe de mim. Foi no Olabi que entendi que o crochê que minha vó fazia era uma forma de tecnologia, mas que talvez eu não estivesse autorizada a chamar aquilo de tecnologia. E quis mostrar para as outras meninas negras, indígenas e afro-amazônicas como eu que esse universo também é nosso, surgindo, por isso, a motivação de criar a PretaLab, projeto que coordeno cuja missão é estimular mulheres e meninas negras e

indígenas nesse mundo da inovação e tecnologia que é cada vez mais poderoso.

Talvez seja importante dizer que sou a primeira mulher a ter um curso de graduação e de pós-graduação na minha família, algo comum às pessoas da minha geração, pessoas parecidas comigo. Boa parte do que fiz e faço na minha vida tem a ver com as oportunidades de aprender que tive ao longo da vida. E tentando responder à pergunta inicial desse texto, eu não sei aonde o conhecimento e a curiosidade podem nos levar, mas sei que me constroem e contribuem para eu ser quem eu sou, para fazer escolhas que faço e traçar um caminho diferente. Reconheço a importância desses conhecimentos na minha vida e agradeço às minhas ancestrais pelo esforço de me darem a estrutura para trilhar esse caminho.



## *Frango verde: alimentando-me do lixão*

*Tula Pilar*

Começarei meu texto contando a história do frango verde que minha tia – chamo também de minha segunda mãe – achou no lixo. Eu tinha 7, 8 anos e todos os dias tínhamos que esperar minha mãe chegar da casa das patroas com a comida para a gente comer. Às vezes, ela ficava até uma semana sem ir em casa e a comida acabava; às vezes, ela deixava o dinheiro para a compra, mas minha tia, que tinha uns “problemas de cabeça”, guardava o dinheiro e não sabia onde. Eu, danada que era, sempre encontrava bolos de notas de dinheiro nas frestas ou nos buracos dos tijolos dos barracos onde morávamos, entregava para minha mãe, mas ela ficava muito brava e xingava minha tia, pois o dinheiro não valia mais. Viviam trocando a moeda de nosso país. Uma hora era um barão; outra, um presidente não sei das quantas, e assim ia. Mudavam também as cores das notas e as faces das moedas. Minha mãe às vezes chorava por ter um bolão de dinheiro que não valia mais. Tinha trabalhado tanto, lavado e passado – às vezes com ferro à brasa – trouxas de roupas ou cozinhado o dia inteiro nas casas. Ela dizia: “com efeito, Otili!” (Otilia era o nome certo).

Todos os dias íamos no lixão perto de casa catar o que comer. Só não fazíamos isso quando minha mãe recebia o salário ou ganhava mantimentos em seus empregos, daí era festa! O barraco ficava alegre, com o cheiro bom das comidas!

Morávamos na favela Alto do Minério. Tínhamos que subir uns morros enormes para chegar até lá. Lá embaixo era o bairro de Santa Efigênia, ao lado do Quartel General, região central de Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais.

Nos lixões, minha tia catava feijão com caruncho, uns bichinhos pretos que voavam quando a gente colocava o tabuleiro com o feijão no sol ou andavam e sumiam. Eu achava incrível como eles fugiam

com o calor do sol. Tinha vez que, depois de pronto, o feijão ficava com um caldo ralo e um gosto ruim, mas a gente tinha que comer assim mesmo, era o que tínhamos. Lembro das tigelinhas coloridas; cada uma de nós tinha uma de uma cor. Lembro que eu gostava de comer em uma que era azul; depois, em uma amarela bem clarinha; e às vezes em uma cor de rosa. Eu adorava a cor rosa! Por muito tempo tive uma boneca cor de rosa que era o meu xodó. Éramos quatro meninhas pretas e bonitas e, não importava a cor das tigelinhas, a comida era dividida igual.

Quando minha mãe chegava beijava as quatro igual, um beijo que estralava e era sempre na cabeça da gente. Lembro do cheiro gostoso do perfume de minha mãe, mas, às vezes, seu corpo cheirava temperos ou água sanitária. Eu dizia que não queria ser cozinheira para não ficar com aquele cheiro. Um dia ela me bateu e disse para eu deixar de ser besta! Era normal aquele cheiro e que era só tomar banho. Mesmo assim, na minha cabeça, eu não queria ser cozinheira para não ter aquele cheiro fedido de tempero. Não falava mais nada para não apanhar, mas não gostava do cheiro que ficava em minha mente por muito tempo.

Estávamos com muita fome no dia em que minha tia fez o frango verde. Dizíamos que ela estava louca e que não comeríamos aquilo para não morrer: “Ela está doida de dar isso pra gente”... Guardamos o saco de catar e fomos jogar “amarelinha”, brincar na terra. Mais tarde minha tia chamou: “entra pra dentro! Vão lavar as mãos e os pés para comer e dormir!” Quando entramos em casa nos olhamos assustadas, pois havia um cheiro bom de carne, de frango bem temperado. Até hoje sei conhecer o cheiro de um frango bem temperado depois de pronto. Ficamos cochichando: “Onde ela arrumou dinheiro para comprar carne?”. Logo perguntei: “Uai, Tila, como você comprou carne para nós?”. “É o frango que eu catei no lixo. Vocês não estavam com nojo? Tá pronto!”. Comi na tigela azul. Que sabor! Que caldo gostoso! A gente dizia: “é o melhor frango que a Tila já fez”!, “Humm, que delícia!”.

Minhas irmãs mais velhas perguntaram como ela fez e ela disse que lavou bem com limão e vinagre, com bastante água quente, depois temperou com cebola, alho e sal e cozinhou na panela de pressão, matando os micróbios e, por isso, ficou gostoso daquele jeito. Nós dormimos felizes, porque comemos o melhor frango verde que minha tia já fez. Ela avisou que minha mãe aquela noite não ia chegar: “Só amanhã à noite a Tonica vem. Amanhã vou dar para vocês aquele arroz quebradinho que catei no lixo outro dia e a metade do frango que eu guardei no tempero, vai ficar mais gostoso. Vocês vão ver!” –Tonica é apelido de Antonia; o nome certo de minha mãe é Antonia de Sousa Ferreira.

Naquele tempo a gente rezava antes de ir dormir. Agradecemos na reza daquela noite por ter minha tia que cuidava de nós e não deixava a gente morrer de fome como morriam muitas crianças da favela.

Minha mãe teve mais três filhas mais tarde, daí ficamos em sete irmãs. Me lembro dos pais de minhas três irmãs mais novas, pois os conheci. Porém, não conheci o meu. Ela não falava de nosso pai e dizia que ele não nos dava nada. Era como se não existisse pai.

Quando mudamos da região central de Belo Horizonte para o bairro de São Benedito, a vida ficou menos difícil, pois lá não tinha favela nem lixão. Já éramos grandinhas e ficávamos mais nas casas das patroas, já recebendo pelo trabalho doméstico. Ganhávamos roupas, sapatos, educação e, mesmo assim, às vezes, fugíamos das casas por causa dos maus tratos que sofríamos das patroas. Posso dizer que foi lá em São Benedito o lugar que mais fui feliz em toda a minha vida – até hoje. Era melhor ficar lá do que nas casas finas. A gente brincava na rua, na enxurrada da chuva, lavava vasilha na chuva, soltava pipa, nadava na lagoa do Jóquei Clube onde banhavam os cavalos (em tempo de morrer afogadas) e íamos nas matas ao redor, catar lenha e brincar nas bicas d’água. Era muito bom! O sol, a chuva, as matas, a lenha... Minha tia ia na frente com as outras senhoras e a gente ia atrás cantando, sorrindo,

subindo nas árvores, derrubando coco dos coqueiros da mata. Era muito bom!

Tudo se acabou de vez quando fiquei “grandinha” e fui ajudar minha mãe nas cozinhas dos empregos dela. Eu tinha que lavar as panelas, limpar as baixelas de prata (eram tantas!), limpar azulejos e vitrôs. Era tanto serviço que a adolescência passou e eu não vi nem senti. Tive uma filha cedo e nunca mais brinquei de nada. Só trabalhei durante muitos anos até me tornar uma escritora/poetisa como sou nos dias de hoje.

Criei sozinha meus três filhos, que tive contando com o amor dos homens com os quais me envolvi. Bobagem! Amor é pura ilusão, acho eu. Moramos em três barracos horríveis com goteiras, com ratos e baratas e telhado quebrado. Catei reciclado por um período para comprar fralda, fruta e leite e aprendi, desde o “frango verde” de minha tia, como sobreviver com o que se tem ou a improvisar com o que se encontra. Muitas vizinhas riam de mim quando eu passava com os sacos de lixo. As mesmas que hoje veem meus filhos adultos estudando, trabalhando e com postura digna. Os homens que tanto tentaram me molestar – os que ainda estão vivos – às vezes me encontram nas ruas, nas festas e dizem: “você não envelhece! Como seus filhos estão grandes, bonitos, educados”.

Ensinei aos meus filhos, desde quando eram bem pequenos, como minha mãe e minha tia fizeram, a sobreviver no imprevisto: se acabar o gás, a gente junta dois tijolos e faz um fogão à lenha. Se azedar o arroz (não tínhamos geladeira), a gente faz bolinho de arroz frito. Se coalhar o leite, fazemos bolo de fubá com canela. Se não tiver o dinheiro para pagar o ônibus, juntamos latinha, plástico Pet e levamos no ferro velho para vender. Também os ensinei, através da contação de histórias e das brincadeiras populares, a não perceberem a miséria e a fome próximas de nós e que há muitas alternativas para sobreviver na grande São Paulo.

Hoje sou escritora e artista e mantenho com meus filhos um

grupo (RAIZARTE), em que trabalhamos com danças, músicas, debates, performances e poesias. Andamos pelo mundo e por escolas públicas. Queremos que crianças, jovens e seus pais nos vejam, nos ouçam e aprendam como o povo das periferias, das favelas, tem dignidade e força para criar seus filhos e vencer os obstáculos que a vida nos impõe.

Acredito que jamais trabalharei de empregada doméstica novamente. Acredito que, com o dinheiro dos meus livros e das apresentações artísticas, comprarei uma bela casa para morar com meus filhos e nunca mais pagarei aluguel nem sofreremos humilhações por isso.



## *Deixa eu lutar, “que é pro mundo ficar Odara”*

*Vanessa Nascimento*

Filha de mãe branca e pai negro, cresci sem muitas referências negras, pois após a separação dos meus pais, quando eu tinha 8 anos, não tivemos mais contatos com meu pai nem seus familiares.

Meu pai, por ter um bom trabalho em uma plataforma de petróleo graças aos estudos, sempre manteve a estante de casa sempre cheia de livros e enciclopédias e nos incentivava a ler no período em que morávamos juntos.

Após a separação de meus pais, mudamos da cidade de Jacaréi para Mogi das Cruzes (cidades do interior de São Paulo) – minha mãe, que iniciava um tratamento contra o câncer, e três filhos pequenos. Mesmo sem muito estudo, minha mãe, que tinha cursado até a quinta série, reagia às reproduções racistas trazidas pra dentro de casa pelos filhos. Sempre brigava com meus dois irmãos por estarem se xingando de macacos. Sem muitas explicações, apenas falava para parar com aquilo. Me falava também que eu não devia alisar meu cabelo porque “não deveríamos mexer no que Deus fez”. Sempre tive o cabelo bem curtinho e, acredito que para me manter mais segura, minha mãe também mantinha seus cabelos curtos. Graças à minha saudosa mãe, nunca passei química nos cabelos.

Na fase escolar, repetia-se o “racismo nosso de cada dia”: as meninas falavam que meu cabelo era duro, ruim, de bombril. Como não fui preparada para responder a essas situações, lembro apenas de ignorá-las e de sempre sentar no fundo da sala pra não ser vista e/ou lembrada pelas “bonitinhas da sala”.

Durante minha adolescência, embora esta tenha sido de estudo e trabalho desde os 13 anos, eu era a morena ou mulata que acreditava que cotas era esmola, que os negros não entravam na universidade porque tinham preguiça de estudar e preferiam ficar no samba. E

olha a ironia da vida: dos 13 aos 23 anos eu trabalhei em uma escola particular de matemática, ajudando os filhos dos ricos a se prepararem para os vestibulares, mas para mim era coisa de outro mundo acessar a faculdade pública.

Consegui pagar uma faculdade particular. Ambiente nada acolhedor a quem não se adequava aos padrões de beleza exigidos. Depois de três anos ouvindo comentários do tipo “se eu tivesse cabelo assim, eu alisava”, concluí o curso de Letras em 2004. Mesmo depois de formada, o baixo salário continuava o mesmo. Até que, aos 24 anos, me cansei de encher o bolso do patrão, pedi as contas, peguei o trem para São Paulo e, pela primeira vez, saí da bolha.

O primeiro choque de realidade foi assistir a trechos do filme *Amistad* em uma reunião da Educafro, uma rede de cursinhos pré-vestibulares para negros. Saí de lá aos prantos e, já no caminho de volta para casa, aluguei o DVD do filme pra entender a história. Ao chegar em casa, a primeira coisa que disse à minha mãe foi que eu tinha encontrado o paraíso, onde só tinha pretos. Só algumas semanas depois entendi que aquelas dezenas de pessoas estavam lá pelo mesmo objetivo: entrar em uma universidade. No mês seguinte eu já estava ajudando como voluntária e me sentindo importante e útil para quem realmente precisava. No início, ajudava só aos sábados; duas semanas depois, eu estava indo de segunda a sábado. Com meu trabalho eu estava, então, colaborando com o ingresso de jovens negros/as nas universidades. Mudando vidas. Eu havia encontrado o sentido para minha vida.

2006 foi o ano da tomada de consciência, de encontros com a herança cultural, religiosa e com veracidade histórica. Somente aos 24 anos descobri que todo esse racismo que foi inculcado na nossa sociedade me fez crescer sem entender direito quem era, me fez pensar que cotas raciais eram esmoladas, me impediu, por anos, de enxergar meu perfil de beleza na mídia, porque o padrão europeu e branco dominava e, ainda domina, tudo em nossa volta. Foi também durante esse ano que entrei

pela primeira vez em um terreiro, o único espaço religioso em que me senti bem, acolhida, em paz. Em casa, minha mãe, evangélica, mudava o cardápio, respeitando o preceito. Tomar consciência da minha identidade me possibilitou de fato ir além, buscar outras informações, outras referências e também a conscientizar meus pares, começando dentro de casa, com meus irmãos e sobrinhos.

Em 2009, por divergências políticas e ideológicas, um grupo saiu da Educafro e fundou a Uneafro Brasil – movimento que agrega militantes da luta e causa antirracista, da luta e causa das mulheres, da população LGBT e do combate a todos os tipos de discriminação e preconceito, da Educação Popular e Libertária, da disseminação do protagonismo comunitário e da luta contra a exploração econômica e a dominação política.

Há 9 anos dedico parte de minha vida a um movimento onde as pessoas unem forças para proporcionar experiências de reconhecimento e reencontro de negros e negras com suas raízes. Tenho a convicção de que nossa atuação contribuiu para transformação da vida de milhares de pessoas que buscaram, com dignidade, ocupar espaços historicamente negados à população empobrecida, em especial aos negros. Tenho a certeza também de que há muito a se fazer, pois as mulheres negras ainda não estão dando aulas nas universidades, não estão apresentando programas ou jornais em horário nobres; não estão, enfim, nos espaços de poder. É por elas e por minha filha Odara que continuo lutando.



# *Uma avó e suas receitas para alimentar sobrevivências*

*Winnie Bueno*

No decorrer da minha vida eu aprendi muitas coisas. Todos nós aprendemos, obviamente. Porém, eu quero compartilhar os aprendizados da minha experiência de ser uma mulher negra. Todas as coisas que aprendi foram extremamente importantes. Aprender sempre é bom e as coisas que me foram ensinadas e até aquelas que eu aprendi sozinha estruturaram cada pedacinho da mulher que eu sou hoje. Muitas delas são experiências que se repetem na vida de mulheres negras – provavelmente você já leu parte dessas experiências nas histórias que outras mulheres compartilharam neste livro –, mas eu quero falar sobre os aprendizados do afeto, do coração, do sentir, que são difíceis de descrever, mas que atravessam e marcam nossas trajetórias.

Partilhar os aprendizados e as coisas que aprendi é compartilhar quem eu sou a partir das mulheres negras que fazem parte da minha vida. De todas as coisas, a lição mais importante foi ensinada pela minha avó materna: a vó Tuli.

Ela sempre falava sobre a importância dos esforços e dos estudos. Dizia que era muito importante ser esforçada e estudiosa porque o mundo iria exigir mais esforços, mais dedicação e mais comprometimento de mim. Ouvir a minha avó dizer isso todos os dias, quando eu ainda era muito pequena, fez com que eu fosse uma criança rigorosamente focada. Eu me esforçava muito em articular ferramentas de aprendizado que me possibilitassem sofrer menos. Compreender as lições na escola antes dos colegas era algo fundamental, assim me restava tempo para pensar formas de não permitir que o mundo fosse mais rigoroso comigo. O mundo, na minha cabeça de criança, era uma figura de autoridade e de controle, e eu precisava responder com

muita inteligência a ele. Essa primeira visão de mundo me fez pensar em maneiras de me portar que me causassem menos sofrimento. E eu era só uma garotinha que usava muitas tranças com miçangas no cabelo, tranças que tilintavam e anunciavam ao mundo que eu existia. O barulho das trancinhas foi a primeira coisa que eu reconheci de mim mesma; foi a partir do anúncio da minha existência no mundo que eu pude me conhecer melhor, ainda muito pequena. Ter consciência sobre quem eu era no mundo desde tão nova me proporcionou ser uma adolescente extremamente viva.

A eloquência com a qual vivi a adolescência me proporcionou experimentar muitas coisas da juventude sem medo. Eu não temia quase nada porque achava que conhecia o mundo. Mais do que isso, tinha certeza de que ele tinha um pouco de medo e respeito por mim. Por pensar assim, a aura que o medo branco construiu em torno de mim foi se ficando cada vez mais potente. Essa aura me protegeu de muitas coisas, mas não me protegeu do racismo. Vira e mexe ele me batia, mas eu também revidava. O revide impediu que eu sucumbisse ao julgamento dos olhares frios e racistas dos adultos. O revide fez com que as risadas de escárnio dos mais novos doessem menos. A menor intensidade da dor, entretanto, não significava que ela não existisse. A consciência sobre quem eu era, essa consciência que começou a ser estruturada quando eu ainda era uma pequena garota de trancinhas coloridas, me protegeu. Me segurou. Me deu forças. A consciência negra me permitiu sobreviver. Desde criança eu sabia que era negra e, desde criança, eu sabia que isso significava enfrentar o mundo. Eu também sabia, porém, que este era um problema que não tinha sido criado por mim; o problema era o racismo e o que ele projetava em pessoas como eu e nas pessoas que não eram como eu, porque o racismo atua dessa maneira: ele causa dor e outros sofrimentos nas pessoas negras, mas ele também afeta pessoas brancas. Só não é da mesma forma. Só não é com dor.

E as palavras e os conselhos da minha vó ainda hoje são

fundamentais para que eu não me esqueça de quem eu sou e com quem eu devo de fato me importar. Minha vó e a avó dela desafiaram a sociedade, antes de mim, ao não se submeterem ao escárnio e ao controle dos brancos. A vó da minha vó rompeu com as regras que lhe eram impostas: afogou um filho para que ele não sofresse as agruras da escravidão. A minha vó desde muito cedo se colocou no mundo do trabalho, criando seus filhos, seus netos e jamais dependendo financeiramente de homem algum. Minha avó me ensinou que o conhecimento e a leitura eram lugares em que nós podíamos nos preparar para enfrentar as injustiças do mundo. A frieza e o escárnio dos brancos podiam ser desafiados a partir da nossa saúde mental. Minha avó até hoje, no alto dos seus 88 anos, lê e escreve para manter sua mente sã. Eu ainda hoje me protejo dos racismos nos meus livros.

É onde moram meus estudos e minhas leituras sobre o que significa ser uma mulher negra no Brasil que me protejo. São lugares que encontro nas coisas que aprendia lendo, vivendo e ouvindo as vozes de outras mulheres nas reuniões que minha mãe me levava; nos pedaços de conversas que eu ouvia no salão de cabeleireiro onde trançava o cabelo; na voz da minha vó, das minhas tias; nos livros que eu ganhava que sempre tinham personagens negras na capa; e na narrativa que me constituo enquanto uma mulher assertiva, inteligente e potente.

As histórias e os livros me ajudam a entender que minha visão sobre o mundo não está de todo errada: o racismo sempre vai tentar nos controlar e nos vencer, mas conhecer a nossa própria história pode fazer com que nossa visão de mundo seja outra, uma visão que nos inclui e nos coloca em lugares completamente diferentes daqueles em que estamos normalmente localizadas. Saber sobre quem somos é a maior ferramenta de conhecimento, poder e resistência, pois coloca no mundo um lugar onde podemos nos sentir melhor. E saber quem somos a partir dos aprendizados coletivos com as nossas mais velhas é o maior poder que as mulheres negras possuem.

Minha avó é uma intelectual que adquiriu todo o seu conhecimento a partir de suas vivências. Foi ela que me proporcionou a segurança para ser a mulher que sou hoje. Aprendi a confiar no meu melhor e coletei todas as lições sobre consciência que me foram repassadas. Minha vó me inspirou e nunca permitiu que eu duvidasse, nem por um segundo, do potencial criativo que a negritude tem. Nós somos as mulheres que sobrevivem em meio à perversidade criada pelo racismo. Articulamos diálogo, carinho e partilha. Aprendemos e ensinamos a partir da palavra, do som, das cores, dos estudos, das vivências e das experiências das mulheres negras. Nós somos aquelas que encontram utilidade em coisas que ninguém acha útil.

Nas muitas histórias e trajetórias sobre mulheres que encontramos por aí, mulheres como minha avó não aparecem. Minha avó é preta como a mais escura noite, uma mulher que viveu toda a sua vida no Rio Grande do Sul, um estado onde, quando minha avó tinha 20 anos, ainda havia cidades em que as calçadas eram separadas e brancos e negros não partilhavam as mesmas vias. Ela se recusava a pisar em lugares como estes e, quando o fazia, usava as calçadas que lhe eram negadas. Caminhar nos lugares onde dizem que não podemos caminhar foi outra grande lição que aprendi com a ela: ninguém pode nos dizer por onde vamos caminhar.

Por isso, eu caminho por onde eu quero.

Aprender a caminhar onde dizem que não posso é a maior transgressão que minha avó me ensinou e que eu espero poder ensinar para muitas mulheres negras que me veem caminhar por aí sabendo meu valor.

Os livros sobre feminismo mais reconhecidos e citados são aqueles em que parece que não havia mulheres negras fazendo reivindicações e organizando mobilizações que tinham tudo a ver com o feminismo. Antes, eu partia da perspectiva que as mulheres negras eram todas feministas, mesmo que o feminismo não reconhecesse isso. Atualmente, eu tenho repensado que a parte do feminismo

que não reconhece o valor e a importância das mulheres negras nas conquistas de todas as mulheres não merece ter aval para reivindicar minhas ancestrais quando elas acham que devem, ou quando lhes interessa. A luta de mulheres negras por emancipação tem razões e contornos mais graves do que as pautas liberais por direito ao voto, pois as mulheres negras estavam reivindicando o direito de viver. Muitas dessas mulheres eu não conheço o nome, seja porque a história delas não chegou até mim, seja porque a história apagou o nome delas de seus registros, mas os nomes e as histórias dessas mulheres que carregam o princípio da nossa resistência e assertividade e que me são conhecidos eu vou compartilhar com vocês.

Antes mesmo de se pensar em Direitos Humanos no Brasil, uma mulher negra lá no estado do Piauí, em 1770, ousou redigir uma petição que reivindicava a observação dos poucos direitos que ela tinha enquanto uma mulher escravizada. Esperança Garcia talvez tenha sido a primeira mulher a provocar a instituição jurídica pela observância das leis que garantiam o mínimo de dignidade à condição degradante de escravizada. Ela era uma mulher que tinha consciência dos direitos mínimos e lutou por eles. Pegou caneta e papel e reclamou dos maus-tratos que sofria, solicitando o batismo dos filhos e ainda exigindo que ela e outras mulheres pudessem ir à igreja. Não sei o que significava ir à igreja para uma mulher negra escravizada, não sei qual era a importância de comungar para Esperança Garcia, mas sei que este era um dos poucos direitos de cidadania que ela tinha e, estando esses direitos não observados, Esperança lutou. Fico imaginado essa mulher pensando o que fazer, escolhendo as palavras antes de colocá-las no papel, redigindo a carta depois de passar por tantas privações. Imagino se Esperança Garcia imaginou que milhares de mulheres brasileiras teriam nela um exemplo das nossas possibilidades de encarar os mais complexos desafios. Provavelmente nada disso percorreu o pensamento de Esperança porque suas urgências eram tamanhas que possivelmente não lhe ocorreu a grandiosidade do seu ato, nem que

viveria para sempre, ao ser lembrada por mulheres negras que, como ela, são cientes dos seus poucos direitos e não desistem de insistir em serem ouvidas e lembradas.

O feminismo que é reconhecido como “O” feminismo sempre esqueceu das mulheres negras, sempre optou por não incluir as mulheres negras; aliás, “O” feminismo sempre reclamou quando mulheres negras colocaram suas pautas, suas reivindicações na mesa. Quando o roxo do feminismo é tingido de negro as mulheres brancas ficam reticentes.

Soujourner Truth entendeu isso como ninguém. Ela foi uma mulher negra escravizada lá no sul dos Estados Unidos que, antes mesmo de o feminismo ser debatido enquanto tal, ela ousou dizer palavras que deixavam bastante explícito que alguns movimentos de mulheres não lutavam por todas as mulheres, mas apenas por algumas com interesses bem específicos. No caso de Soujourner, o interesse em xeque era a questão do voto, mas para ela o voto era mais do que o simples direito de escolher uma representação política. Defender o direito ao voto de todas as mulheres e de todos os negros significava uma defesa ao reconhecimento inquestionável de humanidade e cidadania. Essa luta constante por humanização sempre esteve presente nas reivindicações de mulheres negras. Soujourner, no século XVIII, já fazia o questionamento que perduraria durante muitos e muitos anos entre elas: “e nós não somos mulheres?”.

A pergunta tem uma razão: nós jamais fomos tratadas da mesma maneira que as mulheres brancas. Nunca tivemos uma fragilidade reconhecida; os cavalheirismos e tratamentos diferenciados não estavam à nossa disposição. Essa caracterização significou duas coisas em nossas vidas: a primeira delas diz respeito à necessidade constante de nos afirmarmos enquanto mulheres; a segunda diz respeito à construção permanente de articulações entre mulheres negras. Desde sempre sabemos que ninguém irá reivindicar nossos direitos por nós a não ser nós mesmas.

Eu tive noção de que eu era tratada de forma diferente das outras mulheres muito tempo antes de ser uma mulher. Ainda na infância a noção de não lugar já era uma presença na minha vida. Óbvio que eu não sabia conceituar esse cenário, mas eu o sentia: nas brincadeiras das meninas, onde não havia espaço para eu ser princesa porque as princesas que mostravam na televisão eram muito diferentes de mim; no cotidiano da escola, onde eu era, muitas vezes, a última a ser escolhida pelos grupos; no bairro, onde meninos e meninas tinham predileções uns pelos outros e eu não era a preferida de ninguém.

Nesse contexto de extremo preterimento, vivenciado desde muito pequena, saber quem eu era significava não negar nenhum momento minha negritude. Minha avó me ensinou que afirmar a negritude era um mecanismo de proteção e uma ferramenta que me ajudava a viver em um contexto inter-racial. Sabendo que era uma menina negra eu compreendia que as situações de dor as quais eu era submetida não eram consequência da minha cor, mas do racismo.

A potência criativa de minha avó, a sua sabedoria, não foi passada para mim em receitas, em fórmulas mágicas, em atalhos. A potência criativa de minha avó é a sede de conhecimento, é saber ler, escrever e ainda hoje solucionar as palavras cruzadas do nível difícil com uma facilidade que nem mesmo os mais eruditos intelectuais têm. A criatividade de minha avó é ter sido feminista antes mesmo do feminismo existir. É ter me ensinado a romper com o óbvio para fazer florescer o mais precioso pulsar do meu ser.

Sobre isso aprendi e posso falar.

E apenas isso é algo que jamais ninguém poderá me tirar.



- SOBRE AS AUTORAS -



***Alessandra Ribeiro***

Doutora em urbanismo e historiadora pela PUC-Campinas. Estuda Matriz Africana: territórios, memória e representação. É gestora da Casa de Cultura Fazenda Roseira, Mestre da Comunidade Jongo Dito Ribeiro, coordenadora pedagógica e de pesquisa do CEPIMA e Mãe de Santo Umbandista.



***Ariane Cor***

Paulistana, designer, ilustradora, programadora e estudante de Ciências Sociais na FFLCH – USP. É cofundadora do Minas Programam (*minasprogramam.com*), onde desenvolve e coordena projetos que buscam envolver meninas e mulheres negras e periféricas com tecnologia.



***Beth Belí***

Percussionista e arte-educadora. Diretora e professora de percussão dos ritmos dos Orixás e Malinkes. Presidenta e regente do Bloco afro Ilú Obá De Min – educação, arte e cultura negra. Graduada em Ciências Sociais. Arte-educadora na instituição Arte Despertar.



### ***Bianca Santana***

Doutoranda em Ciência da Informação e mestra em Educação pela Universidade de São Paulo. Pesquisa memória e a escrita de mulheres negras. Jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero, onde foi professora. Colunista da revista *Cult*. Autora de *Quando me descobri negra*.



### ***Carmen Faustino***

Mulher negra da periferia sul de São Paulo. Poeta, escritora, arte-educadora e gestora cultural. Tem formação em letras e especialização em história da África e cultura afro-brasileira. Atua na cultura negra e periférica há 10 anos, desenvolvendo ações e projetos de valorização da literatura negra feminina e da cultura negra. É ativista e fortalecedora das questões raciais, sociais e de gênero.



### ***Carolina Rocha Silva (Dandara Suburbana)***

De Xangô, educadora, escritora e militante. Mestre em história pela Universidade Federal Fluminense. Autora do livro: *O Sabá do Sertão: feitiçeiros, demônios e jesuítas no Piauí Colonial*. Doutoranda em sociologia no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da UERJ, estudando conflitos religiosos da atualidade. Desenvolve oficinas em escolas públicas sobre racismo, cultura afro-brasileira e intolerância religiosa. Recentemente publicou suas poesias no livro *Lâmina*.



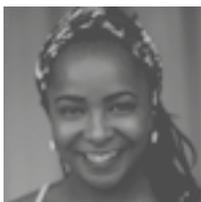
### ***Cléo Dias***

Estilista, fundadora da Casa Cleo Ateliê. Figurinista do bloco-afro Ilú Obá de Min e do bloco Zumbido. Foi gerente comercial por 20 anos, até decidir assumir seu ifa de desenhar, cortar e costurar, espalhando beleza no mundo.



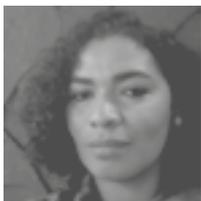
### ***Dalva Regina Santos***

Gestora de políticas públicas, pesquisadora e produtora executiva. Mestre em sociologia pela Unicamp. Nascida e criada no Rio de Janeiro, por uma família branca, mas com ancestralidade baiana, negra. Desde 2009 mudou-se para São Paulo e Brasília onde atua no campo da cultura. Faz parte do grupo Ilú Obá de Min e sonha ser doula.



### ***Débora Marçal***

Bailarina e atriz, co-fundadora e intérprete pesquisadora da Capulanas Cia de Arte Negra e do Movimento Mercedes Baptista. Coreógrafa e figurinista do Instituto Umoja e coordenadora de dança e coreógrafa do bloco afro Ilú Inã. Graduada em licenciatura em dança. É proprietária, designer de joias e ourives da marca Preta Rainha. Co-autora de diversos livros. Protagonizou junto com Léa Garcia o curta *O dia de Jerusa*, selecionado para o Festival de Cannes em 2014.



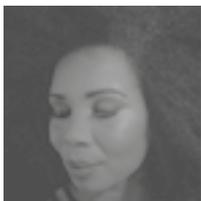
### ***Jackeline Romio***

Doutora e mestre em demografia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP. Bacharel e licenciada em letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Desenvolve pesquisas interdisciplinares sobre a violência e a relação entre as opressões raciais, de gênero, sexo e de classe; escritora de artigos sobre os temas do feminicídio, epistemologias feministas, mortalidade feminina, saúde reprodutiva e sexual, e indicadores sociais da violência. CV: <http://lattes.cnpq.br/1765748820147754>



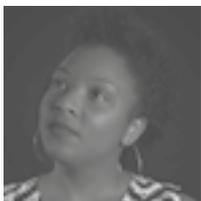
### ***Lara Dee***

Empreendedora Social, socióloga, fundadora e diretora do Instituto Beleza & Cidadania, onde criou o Programa de Gestão Inovadora, que consiste no resgate da autoestima, melhoria da qualidade de vida, de geração de emprego e renda, utilizando como ferramenta a beleza para o empoderamento das mulheres. Fundadora da O.S. Bela Beleza Belíssima, onde desenvolveu o Projeto TransVidro. Tornou-se membro da *Ashoka* em 2005, foi membro do Comitê do Programa Acolher da Natura e há seis anos viaja pelo Brasil.



### ***Livia Milena da Silva***

Mulher negra, nordestina — natural de Pindobaçu-Bahia — e moradora da zona leste paulistana. Assistente Social cursando especialização em direitos humanos, diversidade e violência na UFABC. Autora do livro *O Processo de Reinscrição Familiar de Crianças e Adolescentes* (2017). Atuou como educadora social na política de enfrentamento à violência contra as mulheres no programa Casa Abrigo Regional Grande ABC. Atualmente trabalha como assistente social em serviço de acolhimento institucional para crianças e adolescentes no território de Cidade Tiradentes.



### ***Luana Bayô***

Cantora, compositora e educadora. Formada em letras pelo Mackenzie, ministra aulas de português para alunos dos ensinos fundamental e médio do estado de São Paulo. Além disso, se dedica a seu trabalho autoral como cantora.



### ***Luana Vieira***

Mãe, nascida e criada na zona sul de São Paulo, militante, graduada em recursos humanos. Gestora executiva do projeto sócio-cultural Comunidade Pagode Na Disciplina Jardim Miriam. Atualmente, levantando discussões e temas voltado à falta de representatividade feminina em espaços culturais periféricos, sobretudo em rodas de samba.



### ***Lucia Makena***

Formada no magistério, depois em pedagogia, com pós-graduação. Lecionou em canteiro de obras, presídio feminino e em escolas públicas. Ministra cursos de formação para professores, crianças, grupo de mães, mulheres em situação de violência doméstica e comunidades de ocupação. Leciona no curso de pedagogia da FEDUC e faz a assessoria de imprensa da netinha Mc Soffia. Gosta de estudar, participar de marchas dos movimentos sociais, lutar contra as desigualdades e ouvir rap.



### ***Luciana Bento***

Mulher-negra-mãe em tempo integral. Defensora de uma escrita uterina e materna, é autora do blog *A mãe preta*, no qual fala sobre maternância, negritude e literatura. Pesquisadora de literatura com protagonismo negro, amante das palavras e do mundo dos livros, também fala sobre literatura nas redes sociais pelo projeto *Quilombo Literário*. Socióloga por formação, atua também como editora, preparadora de texto, consultora literária, mediadora de leitura, livreira e design instrucional para EAD. Realiza oficinas de formação de leitores e de mediação de leitura para educadores e famílias. Colunista do *Portal Lunetas* sobre múltiplas infâncias e do site literário *Leitor Cabuloso*. Podcaster no projeto *O podcast é delas*.



### ***Luciana Reis***

Graduada em serviço social e pós graduada em gestão de projetos sociais e políticas públicas. Participa do coletivo As Carolinas e Firminas que promove encontros de mulheres negras para se fortalecer através da escrita. Trabalha com pessoas em situação de rua desenvolvendo trabalho de orientação, mediação e inserção dos usuários nos serviços de saúde e assistenciais. A primeira a se formar em uma família comandada por mulheres fortes. Mãe, tia e tia avó, continua na luta por uma vida melhor para dar dignidade à família.



### ***Maitê Freitas***

Mestranda em Estudos Culturais. Jornalista. Gestora Cultural. Atriz. Mãe. Idealizadora do coletivo Samba Sampa e da editora Oralituras. Colabora como produtora do projeto Empoderadas. Gosta de cozinhar e escrever crônicas.



### ***Maria de Jesus Santana***

Tem 63 anos de idade, uma filha, três netos biológicos e muitos de coração. É economista aposentada. Foi babá e empregada doméstica desde os cinco anos de idade, até passar em um concurso público para trabalhar no administrativo da Secretaria Estadual de Saúde e depois em bancos e empresas privadas. Graduiu-se em economia, um curso majoritariamente branco e masculino, em 1979. É trabalhadora em centros kardecistas

onde, além das práticas espirituais, participa dos preparativos e distribuição de alimentos para pessoas em situação de rua.



### ***Marli de Fátima Aguiar***

Leonina, educadora social, gestora ambiental, escritora e militante feminista. Formada em letras - português e espanhol pela Unifesp Guarulhos, pelo sistema de cotas, sim! Autora do livro de contos Tecendo Memórias e Histórias, produção artesanal e coletiva. Publicou recentemente poemas no Cadernos Negros. Atualmente trabalha com cooperativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis.. Participa de coletivos de mulheres negras. Realiza oficinas de escrita para mulheres negras como espaços de descoberta de si e das outras, espaço de cura e de reencontro ancestral através de seus escritos poéticos e literários.



### ***Miriam Nobre***

Agrônoma, realiza formação e investigação em economia feminista, economia solidária e agroecologia como parte da equipe da SOF - Sempreviva Organização Feminista. Militante da Marcha Mundial das Mulheres cujo secretariado internacional coordenou entre 2006 e 2013.



### ***Nega Duda***

Ducineia Cardoso, a Nega Duda, é referência do samba de roda baiano na capital paulista. Homenageada no carnaval paulista pelo bloco afro Ilú Obá de Min. Em São Paulo, criou o Samba de Roda Nega Duda, onde desenvolve o Ekán de Axé, e Tem Recôncavo em SP. O samba de roda traz referências do culto aos orixás e caboclos, à capoeira e à comida ancestral. Seus shows são uma celebração a uma importante tradição popular e cultural brasileira.



### ***Sandra Silva***

Caipira de Bauru, interior de São Paulo. Bacharela em relações internacionais pela UNESP-Franca e mestra em relações internacionais pela UnB. Seus interesses sempre estiveram voltados para as construções políticas populares: autodeterminação, integração regional e parcerias estratégicas, latinoamericanidade, mulheres afrolatinas, panafricanismo, movimentos negros. Já trabalhou em diversos espaços das Américas e das Áfricas e atualmente é chefe de gabinete da deputada Erica Malunguinho, na Alesp. Seu pai costuma dizer que “a neguinha foi pra rua e nunca mais voltou”. Ledo engano: ela volta para casa todos os dias, desde que saiu.



### ***Silvana Bahia***

É uma experimentadora, curiosa. Ao longo dos anos vem desenvolvendo trabalhos em áreas como tecnologia, inovação, comunicação, pesquisa, audiovisual e literatura. Mestre em cultura e territorialidades, graduada em jornalismo. Atualmente é diretora do Olabi, organização social focada em diversidade na produção de novas tecnologias, por onde coordena a PretaLab, iniciativa que visa estimular mulheres negras e indígenas nas tecnologias e inovação.



### ***Tula Pilar***

Coordenadora do coletivo Raizarte, atriz, arte educadora, dançarina, poetisa e palestrante em universidade com assuntos relacionados às mulheres menos favorecidas socialmente.



### ***Vanessa Nascimento***

Graduada em letras, coordenadora de projetos sociais e membro da Uneafro Brasil. Mãe de Odara.



### ***Winnie Bueno***

Iyalorixá, bacharel em direito pela Universidade Federal de Pelotas. Mestranda em direito pela Universidade do Vale Rio dos Sinos na linha de pesquisa Sociedade, Novos Direitos e Transnacionalização. Discute temas voltados às questões raciais, gênero e sexualidades, direitos humanos, intolerância religiosa e pensamento feminista negro. Colabora junto aos movimentos sociais por meio de cursos, palestras e oficinas nas temáticas relacionadas às experiências e vivências de mulheres negras, sobretudo em uma perspectiva teórico-crítica voltada para a análise do direito e da justiça.

Este livro foi impresso em abril de 2019  
pela Rettec Artes Gráficas e Editora, em  
papel Pólen Soft 80.

## - AUTORAS -

Alessandra Ribeiro

Ariane Cor

Beth Beli

Bianca Santana (organizadora)

Carmen Faustino

Carolina Rocha Silva (Dandara Suburbana)

Cléo Dias

Dalva Regina Santos

Débora Marçal

Jackeline Romio

Lara Dee

Lívia Milena da Silva

Luana Bayô

Luana Vieira

Lucia Makena

Luciana Bento

Luciana Reis

Maitê Freitas

Maria de Jesus Santana

Marli de Fátima Aguiar

Miriam Nobre

Nega Duda

Sandra Silva

Silvana Bahia

Tula Pilar

Vanessa Nascimento

Winnie Bueno

